

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JULIANA DE OLIVEIRA POKORSKI

***REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA SURDA:  
PRODUÇÃO DA DIFERENÇA SURDA NO CURSO DE LETRAS-LIBRAS***

Porto Alegre

2014

Juliana de Oliveira Pokorski

***REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA SURDA:  
PRODUÇÃO DA DIFERENÇA SURDA NO CURSO DE LETRAS-LIBRAS***

Dissertação de Mestrado na linha dos Estudos Culturais em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:  
Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp

Porto Alegre

2014

### CIP - Catalogação na Publicação

de Oliveira Pokorski, Juliana  
Representações na literatura surda: produção da  
diferença surda no curso de Letras-Libras / Juliana  
de Oliveira Pokorski. -- 2014.  
147 f.

Orientadora: Lodenir Becker Karnopp.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Literatura Surda. 2. Representação. 3. Letras-  
Libras. 4. Surdos. 5. Libras. I. Becker Karnopp,  
Lodenir, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Ao finalizar a escrita dessa dissertação sinto uma mistura de sentimentos: alívio por ver essa etapa cumprida; saudade de algo que ainda nem deixei para trás, mas que já observo com olhos de despedida; gratidão por tantos momentos que experienciei, por tanto que aprendi, cresci.

Antes de mais nada, quero agradecer a Deus por desenhar meus caminhos de modo tão criativo, colocando tantas oportunidades e tantas pessoas em meu percurso, que tornaram os fardos mais leves, as atividades mais prazerosas e interessantes.

Agradeço também à minha querida orientadora LodenirKarnopp, por toda paciência e também por ter sido rígida e verdadeira em relação ao meu trabalho. Confesso que em alguns momentos foi difícil ouvir algumas palavras duras, mas sei que sem elas eu não teria avançado da mesma forma em minha escrita. Obrigada por todo apoio, pelo exemplo que és para mim, pela amizade, por ouvir minhas angústias, por estar por perto. Não tenho palavras para descrever o quão única e especial é a tua presença em meu percurso acadêmico e conseqüentemente na minha vida como um todo.

Não poderia esquecer do meu marido amado, por compreender mais uma vez que as vezes a distância é necessária para que haja dedicação aos estudos, por me dividir com minhas leituras, escritas e aulas. Por ser meu apoio, por acreditar em mim.

Aos meus pais por terem me ensinado desde cedo o amor à literatura.

Aos meus colegas de grupo de pesquisa, por todas as trocas, leituras, opiniões e questionamentos. Por estarem ao meu lado dando força mesmo quando perdi materiais ou “perdi a cabeça”. Agradeço especialmente a Janete Müller e a Lia Gonçalves Gurgel, por acreditarem em meu potencial, por dividirem seu tempo comigo, compreenderem minhas crises e estarem por perto de corpo e coração.

À Escola Especial Para Surdos Frei Pacífico, espaço em que trabalhava no início do meu mestrado, por ajustarem meus horários para que eu pudesse fazer as disciplinas e por compreenderem que este era um período importante na minha vida. Quando deixei essa escola para assumir a bolsa do CNPq, deixei lá também um pedaço de meu coração.

Agradeço a todos alunos do Letras-Libras que autorizaram o uso de suas produções em minha pesquisa, foi um prazer entrar em contato com essa literatura.

À minha banca de qualificação Rosa Hessel Silveira e Madalena Klein, por todos os ensinamentos e encaminhamentos que possibilitaram que uma proposta se tornasse uma dissertação. Pela forma doce com que conduziram meu olhar sobre os defeitos de minha escrita e pelos espaços em que poderia avançar. Também

agradeço a Iara Bonin por ter aceitado com entusiasmo compor a banca final deste meu estudo.

Por fim, agradeço de modo especial à comunidade surda, por ter me ensinado a Língua Brasileira de Sinais, língua que precisei utilizar durante todo o percurso desse mestrado, seja na análise dos materiais, seja nas discussões com meus colegas surdos.

Agradeço também a essa comunidade, por me deixar pertencer, por não desistir de suas lutas, por continuar com suas mãos em movimento, produzindo, mudando, poetizando.

Quero finalizar afirmando que seria impossível ter escrito essa dissertação sozinha, que todas essas pessoas e tantas outras, foram imprescindíveis. É preciso alguém que nos abra os olhos, nos ensine a caminhar, que nos dê calma, ou nos desestabilize. É impossível caminhar sozinho.

*Todas essas histórias fazem de mim quem eu sou. Mas insistir somente nessas histórias negativas é superficializar minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história<sup>1</sup>.  
(Chimamanda Adichie )*

---

1 Excerto da palestra “O perigo de uma história única”, apresentada na Conferência anual – TED Global 2009. Disponível em <http://arquivo.geledes.org.br/em-debate/colunistas/4902-chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia>

## RESUMO

Esta dissertação, vinculada aos Estudos Culturais em Educação e aos Estudos Surdos, procura responder à pergunta “Que representações sobre a diferença surda circulam nas produções literárias dos alunos do curso de graduação em Letras-Libras?”. Objetiva descrever o material empírico utilizado na pesquisa; investigar as recorrências e singularidades nas narrativas sobre as experiências de ser surdo; e analisar as representações sobre a diferença surda que circulam nas produções literárias dos alunos do curso de graduação em Letras-Libras, através da análise de trinta e sete (37) vídeos, entre poesias, fábulas, piadas e outras narrativas, elencadas a partir da disciplina de Literatura Surda. Tendo como conceitos-ferramenta para as análises aqui postas, a representação (HALL, 1997), identidade e diferença (WOODWARD e SILVA, 2009) percebo a literatura surda como produtiva no sentido de constituir modos de ser surdo e de experienciar a surdez. Fica evidente, durante a análise, o papel dessas produções em demarcar espaço de resistência aos modos de narrar os surdos a partir da falta e da deficiência, denunciando práticas excludentes, dando ênfase ao papel da comunidade e da língua de sinais para a constituição do sujeito surdo; o valor em registrar as narrativas da comunidade surda em Libras, oportunizando aos surdos dizerem sobre si e sobre suas relações com os diferentes. Ainda, observa-se uma exaltação da língua de sinais para além do valor comunicativo, como um meio de produção e registro cultural, assim como principal fonte para uma mudança de olhar sobre os sujeitos surdos.

**Palavras-chave:** representação; literatura surda; Letras-Libras; surdos; Libras.

## ABSTRACT

This dissertation, linked to the Cultural Studies in Education and to the Deaf Studies, tries to answer the question "What representations of deaf difference circulate in literary productions of students of the Languages-Libras undergraduate students?". The goals are to describe the empirical material used in the research; to investigate recurrences and singularities in the narratives about the experiences of being deaf; and to analyze the representations of deaf difference that circulate in literary productions of students of the Languages-Libras undergraduate students, through the analysis of thirty-seven (37) videos, like poems, fables, jokes and other narratives, listed from Deaf Literature class. Representation (HALL, 1997), identity and difference (WOODWARD and SILVA, 2009) are concepts used as tools for the analysis of materials; also I consider deaf literature as productive to establish ways of being deaf and to experience the deafness. It becomes evident, during the analysis, the role of these productions to mark a space of resistance to narratives that view the deaf from a perspective of absence and disability, denouncing exclusionary practices, emphasizing the role of the community and of sign language for the constitution of the deaf subject; the value in registering narratives of the deaf community in Brazilian Sign Language, providing the deaf people opportunities to signs about themselves and their relationships with different ones. There is also an exaltation of sign language in addition to the communicative value as a means of cultural production and registration, as well as the main source for a change of view about deaf people.

Keywords: representation; deaf literature; Languages-Libras; Libras.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>1 “ERA UMA VEZ” UMA A PESQUISADORA E SUA PESQUISA</b> .....	15
1.1 - IMPRIMINDO A MARCA D'ÁGUA NAS PÁGINAS: bases do estudo.....	20
1.2 - OUTROS LIVROS NA ESTANTE: caminhando pela pesquisa.....	24
<b>2 CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-LIBRAS: O CENÁRIO DESSA HISTÓRIA</b> .....	30
2.1 DISCIPLINA DE LITERATURA SURDA.....	38
<b>3. REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA SURDA: PRODUZINDO MODOS DE SER SURDO E DE EXPERIENCIAR A SURDEZ.</b> .....	41
3.1 – LETRAS-LIBRAS: uma breve apresentação .....	44
<b>4. PARATEXTOS: PARA ALÉM DA NARRATIVA</b> .....	51
4.1 “MORAL DA HISTÓRIA”: a literatura como recurso pedagógico .....	53
4.2 TRADUÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE ACESSO À LITERATURA .....	64
<b>5. CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS: REPRESENTAÇÕES DE SURDOS</b> .....	72
5.1– O SILÊNCIO: história de si, história do povo surdo.....	74
5.2 – A DESCOBERTA DO SER SURDO: o encontro com a comunidade.....	82
5.3 - MARCAÇÃO DA DIFERENÇA: da busca pela acessibilidade ao orgulho de ser surdo .....	88
<b>6. O PODER E A BELEZA DAS MÃOS: NEGOCIAÇÕES, RELAÇÕES E BILINGUISMO</b> .....	98
<b>CONCLUIR NÃO CONCLUINDO: MUITO MAIS UMA VÍRGULA QUE UM PONTO FINAL</b> .....	115
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	119
<b>ANEXOS</b> .....	123
ANEXO 1 – TABELA DESCRITIVA DAS PRODUÇÕES ANALISADAS .....	123

ANEXO 2 - VÍDEO 32 – Lua, a lobinha surda .....	129
ANEXO 3 - VÍDEO 6 – Menina bonita que fala com as mãos .....	131
ANEXO 4 – VÍDEO 26 – Encontro em cidade puro surdos .....	132
ANEXO 5: TABELA GERAL DOS VÍDEOS DO LETRAS-LIBRAS.....	134
ANEXO 6: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO.....	147

## **LISTA DE ABREVIações E SIGLAS**

ASL – American SignLanguage (Língua de Sinais Americana)  
AVEA - Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem  
GIPES - Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos  
INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos  
NUPPES - Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos  
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina  
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria  
UFPeI - Universidade Federal de Pelotas

## APRESENTAÇÃO

Esse trabalho une duas áreas muito importantes em minha vida: a literatura e a língua de sinais. A literatura se faz presente em minha vida desde minha infância, sendo uma das grandes paixões que possuo, pois aprendi - ao escutar uma história antes de dormir, ou ao folhear um livro, - que essas histórias poderiam me dizer muitas coisas, me levar a muitos lugares, me ensinar, me fazer pensar; e hoje eu diria, me produzir. A língua de sinais, por sua vez, desde os primeiros contatos capturou meu olhar, me instigando a me aproximar dos espaços em que ela se faz presente, participando de minha vida desde os círculos de amizade, percursos profissionais e acadêmicos, fazendo parte do que faço, do que sou, do que sonho.

É a partir desses dois aprendizados tão relevantes que constitui-se o objeto de análise deste estudo: a literatura surda, compreendida não somente como parte da cultura surda, mas como produtora dessa cultura. Entendo a literatura como uma pedagogia cultural, ou seja, como um espaço que, assim como a escola, produz conhecimentos, atitudes e valores. Nesse sentido, apresenta um conjunto de artefatos que dita maneiras de ser, de agir e pensar, a partir de diferentes representações postas em circulação.

Neste estudo, aproximo-me do pensamento de Hall (1997) e entendo representação como a produção de significados através da linguagem. Pela relevância deste conceito para as análises que serão feitas durante esse estudo, abordo-o com maior ênfase nas próximas seções desta dissertação.

Para este estudo, de modo mais específico, ancorada aos Estudos Culturais em Educação e aos Estudos Surdos, analiso as produções literárias da disciplina de Literatura Surda do curso de graduação em Letras-Língua Brasileira de Sinais (Letras-Libras), por perceber nelas uma potencialidade produtiva em relação às identidades surdas, uma vez que o objetivo do curso é a formação de professores e intérpretes de língua de sinais, ou seja, formação daqueles que trabalham ou

trabalharão com os surdos e que, possivelmente, tem/terão um papel importante na constituição dessas identidades.

Esta pesquisa derivou do projeto de pesquisa “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”<sup>2</sup> que, através do trabalho de estudantes de diferentes níveis e instituições, durante os anos de 2010 a 2012, coletou e analisou diversas produções culturais surdas. Tais produções disponíveis na internet, em produções editoriais e no curso de graduação em Letras-Libras, foram coletadas objetivando não somente fazer um mapeamento da cultura surda no Brasil, como dar maior visibilidade a esses materiais.

Dessa forma, meu objeto de pesquisa se constituiu não somente pela necessidade de olhar mais atentamente para o material coletado durante o período da pesquisa, mas pelo interesse em dar maior visibilidade ao curso de Letras-Libras, como um ambiente de produção cultural surda, uma vez que ele é recorrentemente apontado na comunidade surda como uma possibilidade de formação acadêmica e profissional e de empoderamento do povo surdo.

Assim, este estudo procura responder à pergunta: “Quais representações sobre a diferença surda circulam nas produções literárias dos alunos do curso de graduação em Letras-Libras?”.

Objetivo, com esse estudo, descrever o material empírico utilizado na presente pesquisa, considerando o recorte e a catalogação feita; analisar as representações sobre diferença surda presentes nas produções literárias do Letras-Libras; investigar as recorrências e singularidades nas narrativas sobre as experiências e modos de ser surdo; e refletir sobre ensinamentos provenientes dessas produções.

Quanto a organização desta escrita, apresento inicialmente o primeiro capítulo, no qual explico o percurso da pesquisa, desde o caminho percorrido até o encontro com meu objeto de análise, os passos que precisei dar para caminhar em

---

2 Este projeto foi aprovado no Edital nº07/2008 – Capes/MinC – Programa Pró-Cultura e recebeu financiamento da Capes e do Ministério da Cultura. Dessa pesquisa participaram bolsistas de iniciação científica, mestrands, doutorands, professores pesquisadores e colaboradores das universidades Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Federal de Santa Maria (UFSM) e Federal de Pelotas (UFPeI).

direção às possíveis respostas. Nesta seção, ainda faço articulações com estudos anteriores que também se debruçaram sobre as produções culturais surdas, pois

entendo que investigar não se reduz a focar apenas um objeto; importa pensar acerca do que já foi pensado; problematizar proposições tidas como 'verdades'; possibilitar o deslocamento de concepções em práticas discursivas; e trocar as lentes sem ignorar as invenções passadas; afinal, não criamos senão a partir do que reproduzimos, do que nos subjetiva e do que construímos em nossas reinvenções (MÜLLER, 2012, p.30).

Fazer esse retorno histórico, através do olhar para diferentes pesquisas, auxilia na elaboração das análises sobre a produção cultural surda, entendendo-a como datada, produzida, relativa a quem produz, sob quais circunstâncias e de que lugar.

No segundo capítulo, busco explicar o terreno no qual essas produções se inserem, apontando para as características do curso de Letras-Libras, bem como para as condições de possibilidade de sua implementação e execução. Assim, busco evidenciar as questões históricas e as leis que produziram a necessidade da criação do curso de Letras-Libras, dando ênfase à Lei 10.436 de 2002 (Lei de Libras) e ao Decreto 5626/2005, que regulamenta a referida lei. Abordo, também, questões sobre a perspectiva bilíngue do curso, seu currículo e avaliações, constituindo-se em um curso pioneiro no Brasil, no sentido de valorizar a língua primeira de grande parte dos surdos sinalizantes e dar visibilidade à mesma, possibilitando, inclusive, uma variada produção literária, objeto de análise deste meu estudo.

No terceiro capítulo, inicialmente exibio o contexto geral do projeto de pesquisa que impulsiona esta pesquisa e apresento minhas categorias de análise construídas a partir de recorrências e singularidades do material empírico, abordo as características mais gerais do material coletado dando abertura para os capítulos subsequentes.

Assim, no quarto capítulo, me debruço a olhar para além das narrativas, observando principalmente os paratextos, que geralmente são destinados não ao público infantil, que é o alvo de grande parte das produções, mas aos adultos que trabalharão essas histórias com as crianças.

A partir do quinto capítulo, analiso as representações recorrentes nas narrativas, inclinando meu olhar para o conteúdo das histórias, para as experiências narradas e o papel atribuído a cada personagem. Neste capítulo, ainda, discuto as representações sobre o “ser surdo”, apontando para a recorrência de modos de experienciar a surdez<sup>3</sup> e de se relacionar com esses sujeitos.

No capítulo seis, intitulado “O poder e a beleza das mãos: negociações, relações e bilinguismo” discuto as representações sobre as relações entre surdos e ouvintes e o papel da língua de sinais neste intercâmbio. Também aponto para uma inversão que começa a surgir nessas produções culturais surdas: da necessidade de “normalização” dos surdos através da oralização e do uso de aparelhos ou implantes, para uma inversão na qual são os ouvintes que precisam aprender outra língua para que a comunicação aconteça. Ainda nesse sentido, discuto a ideia de empoderamento da comunidade surda a partir da cultura, questão essa trabalhada em outros estudos, como de Mourão (2011) e de Sutton-Spence (2006).

Saliento desde já, a inviabilidade de esgotar as possibilidades de análise do material abordado, bem como a provisoriedade das respostas aqui por mim encontradas. Desta forma, procurarei dar subsídios ao leitor, para que se sinta convidado a caminhar comigo neste percurso; e, quando chegarmos ao meu “ponto de chegada”, possa traçar novos rumos, dando visibilidade para esses materiais produzidos pelo curso de Letras-Libras.

---

3 Optei por utilizar tanto a palavra surdo como a palavra surdez na minha escrita, por concordar com Lopes (2007, p.15) que a “surdez é um primeiro traço de identidade e não somente uma materialidade sobre a qual apenas discursos médicos se inscrevem”

## 1 “ERA UMA VEZ” UMA PESQUISADORA E SUA PESQUISA

*A representação, em conexão com o poder, está centralmente envolvida naquilo que nos tornamos. Não há identidade, nem alteridade fora da representação. (SILVA, 2006, p.68).*

Todas as vezes que penso a respeito de como cheguei até aqui, percebo que a vida é constituída de “acazos”, que não temos pleno controle sobre o trajeto, muito menos sobre a linha de chegada que alcançaremos ao dar nossos passos.

Iniciei meu interesse pela área da educação de surdos durante minha graduação, ou melhor, a partir de um encontro “ocasional”, que tive com um surdo no ônibus que utilizava para ir à faculdade. Na época, a viagem até a faculdade levava cerca de 40 minutos, de Guaíba a Porto Alegre.

Todos os dias pegava a mesma condução, no mesmo horário, com praticamente as mesmas pessoas. Foi assim que conheci Diego, na época, aluno de uma escola de surdos de Porto Alegre. Com ele aprendi, no ônibus, os primeiros sinais; então, pela dificuldade que tive em me comunicar com ele, busquei aprender a língua de sinais e sobre o campo da educação de surdos.

Concomitantemente a essas viagens de ônibus, que duraram praticamente toda minha graduação (e até hoje não faço ideia do que me levou a iniciar essa relação), deparei-me com a disciplina “Problemas Educacionais Contemporâneos”, que foi oferecida apenas uma vez como eletiva no curso de graduação em Pedagogia, da UFRGS. Nessa disciplina, conheci a professora que viria a ser hoje minha orientadora de mestrado, a professora Lodenir Becker Karnopp; também, nessa disciplina, tive os primeiros contatos com os Estudos Surdos.

Assim, talvez pelo grande interesse que eu tinha a respeito da língua de sinais e da educação de surdos, logo nos primeiros semestres do curso de pedagogia, fui selecionada para uma bolsa de monitoria da disciplina de Libras, trabalhando na época diretamente com minha atual orientadora e meu colega de pesquisa Cláudio Mourão (que na época era professor substituto da disciplina de Libras na Universidade). Foi um período de grandes desafios: precisei aprender a

Libras para melhor me comunicar com aqueles com quem trabalhava, além de me aprofundar teoricamente, o que fiz com grande entusiasmo. Desde aquela época, questões acerca dos Estudos Surdos haviam me conquistado; e, talvez, desde aquela época eu já estivesse traçando o percurso para chegar até esta dissertação.

Após um semestre atuando como monitora, migrei para uma bolsa de iniciação científica e auxiliei no mapeamento da educação de surdos no Rio Grande do Sul, na pesquisa “A educação de surdos no Rio Grande do Sul”, executada pelo Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES), durante os anos de 2007 a 2010. Nesse período, entrei em contato com várias escolas de surdos e me senti novamente desafiada a aprofundar ainda mais o estudo da língua de sinais, uma vez que tive contato com surdos de diferentes idades e realidades.

Assim, antes mesmo de eu terminar minha graduação, fui contratada como professora em uma escola de surdos, onde senti que meus conhecimentos ainda eram incipientes, e meus interesses de pesquisa se ampliavam constantemente.

No trabalho de conclusão de minha graduação, estudei as narrativas presentes nas teses e dissertações de pesquisadores surdos, produzidas na Faculdade de Educação da UFRGS. Nessa pesquisa, encontrei, de maneira recorrente, a valorização da formação acadêmica por parte dos surdos como uma possibilidade de dar mais visibilidade ao seu povo. A academia se constituía como um espaço de luta política.

No ano seguinte, além de professora, comecei a trabalhar como Tradutora/Intérprete de Libras na UFRGS. Também, nesse período, realizei uma especialização<sup>4</sup>, quando segui pesquisando narrativas surdas; desta vez, através de postagens de surdos no *Youtube* sobre o “Movimento Surdo em favor da Educação e da Cultura Surda”. Percebi que o uso das tecnologias (câmeras de filmagem, internet, programas de edição de vídeo) havia ampliado as possibilidades de comunicação entre os surdos e facilitado a circulação de outras representações dos modos de ser surdo. Pinheiro (2011, p.34) corrobora essa ideia ao afirmar que

---

4 Especialização “Os Estudos Culturais e os currículos escolares contemporâneos da Educação Básica”. Trabalho de conclusão: *O movimento surdo na internet: os discursos circulantes no Youtube*.

Os vídeos produzidos por surdos e postos em circulação no espaço virtual do YouTube que deixam inferir uma resistência política educacional permitem um deslocamento de sentidos, em uma movimentação interpretativa sobre as representações. A mídia é, então, o espaço de relações de poder que faz funcionar outras e novas representações culturais sobre os sujeitos surdos.

Dessa forma, a cultura surda tem estado presente ao longo de praticamente todo meu percurso acadêmico; posso dizer que este percurso, cheio de inquietações impulsionadas pelos estudos feitos ao longo desta trajetória, é que desperta o meu interesse pela literatura surda produzida no curso de Letras-Libras. Olho para as representações postas em circulação através dessas produções, atentando para dois pontos: o valor social atribuído ao curso de Letras-Libras pela comunidade surda, bem como sua potencialidade na produção e difusão da literatura surda; e o registro da literatura em língua de sinais, o que é relevante ao se pensar na produção de subjetividades surdas a partir desses artefatos.

Acredito que as representações de surdos e surdez presentes na literatura escrita, na literatura sinalizada ou em diferentes artefatos da cultura (tais como as mídias) possuam diferentes potencialidades para a constituição das identidades surdas, pois:

[...] para comunicar estes significados a outras pessoas, os participantes de qualquer câmbio significativo têm também de ser capazes de usar os mesmos códigos linguísticos - num sentido bem geral, eles têm de “falar a mesma língua” (HALL, 1997, p.4, tradução nossa)<sup>5</sup>

Assim, não significa que a literatura escrita também não produza subjetividades surdas, mas talvez elas não “dialoguem” da mesma forma que a literatura sinalizada, não somente pela questão do acesso dos surdos à língua escrita, mas também pelo papel social que a língua de sinais possui frente à comunidade surda.

---

5 No original: “[...] to communicate these meanings to other people, the participants to any meaningful exchange must also be able to use the same linguistic codes - they must, in a very broad sense, 'speak the same language'.”

A história dos surdos é marcada pela proibição da língua de sinais, pela falta de acesso a escolas com um ambiente linguisticamente adequado, por relações familiares e sociais em que a língua de sinais não é central. Assim, a possibilidade de acessar e produzir a literatura em língua de sinais, registrando-a e propagando-a nessa língua, adquire um caráter de valorização, de empoderamento da comunidade. Além disso, o papel do sujeito surdo<sup>6</sup> como aquele que narra a história também adquire relevância, pois ele

é aquele que vivencia as experiências surdas, sua cultura e a Libras. Por mais que o ouvinte seja fluente na Libras, tenha conhecimento sobre a cultura surda e participe ativamente da comunidade, ele vai ter experiências diferentes das que os surdos têm. Por isso, o surdo geralmente tem capacidade de produzir histórias mais facilmente absorvidas e compreendidas por outros surdos, e contam experiências com as quais outros surdos facilmente vão se identificar (ROSA e KLEIN, 2011, p.95-96).

Estudos como o que me proponho a realizar nesta dissertação se justificam pelo importante papel das representações na constituição das culturas. Os significados em circulação na cultura regulam práticas, influenciam condutas e possuem diferentes efeitos. Para Hall (1997, p.3, tradução nossa):

damos significado às coisas através da forma como as representamos - as palavras que usamos, as imagens que produzimos, as emoções que associamos às mesmas, as maneiras como as classificamos e as conceituamos, os valores que lhes atribuímos.<sup>7</sup>

Narrar não é apenas “dizer sobre”, mas construir o objeto sobre o qual se fala e, desta forma, não existem significados que não possam ser ressignificados; não existem conceitos prontos, diretamente relativos à materialidade a que fazem referência.

---

6 Grande parte das produções estudadas nessa dissertação foi produzida por surdos, no entanto não foram todas, uma vez que o curso de graduação em Letras-Libras atende também ao público ouvinte. Esse não foi um critério de seleção para os materiais pois não havia, nos materiais coletados, registro sobre os autores das histórias serem surdos ou ouvintes.

7 No original: “we give things meaning by how we represent them - the words we use about them, the images of them we produce, the emotions we associate with them, the ways we classify and conceptualize them, the values we place on them.”

Partindo desse pressuposto, concordo com Skliar (2001) quando diz que as mudanças educacionais (e eu acrescentaria também as linguísticas, de acessibilidade, entre outras) não acontecem somente em decorrência das modificações textuais ou legais. O problema estaria justamente em acreditar que é a partir das leis e códigos que se obtém as mudanças, sem que se pense transformações no nível das representações e das identidades.

Outros estudos já foram feitos, no sentido de investigar como a mídia e a literatura vêm narrando os sujeitos surdos, mas, nesta pesquisa, objetivo, entre outras questões, perceber como os surdos são narrados a partir deles mesmos, acreditando na relevância de se pensar em “quem fala” nesse jogo de representações.

Nesse caminho, o curso de Letras-Libras difundiu a surdos de todo o país, conhecimentos sobre a literatura, história e a cultura surdas, bem como sobre a linguística da Libras, ampliando os saberes desse povo, dando-lhes subsídios para pensar de outros modos as suas próprias experiências de vida, refletir sobre suas práticas, colocando em contato surdos de diferentes estados, com diferentes vivências sobre o ser surdo.

Não pretendo com a análise das produções desse curso, encontrar o que seria a “verdade” a respeito dessa cultura e deste povo, porque o viés teórico sob o qual me posiciono entende a verdade como provisória, produzida e interdependente do lugar do qual se olha.

Os surdos têm sido representados e se representaram socialmente de diferentes formas ao longo da história, e isso implicou e implica diferentes formas de agir sobre esses sujeitos, inclusive no âmbito educacional.

As percepções acerca da surdez e dos surdos ao longo da história e dos diferentes contextos permeiam a visão de animalidade por conta do desprovimento de linguagem; do pecado e da impureza digna de caridade cristã; do louco; daquele que deve ser corrigido, através de próteses e treinamento para se assemelhar aos ouvintes; ao sujeito cultural, usuário de uma língua em outra modalidade (BENVENUTO, 2006). Tais noções não são isoladas em momentos

diferenciados, pelo contrário, convivem, dialogam, disputam espaço nos diferentes cenários sociais.

As concepções sobre o sujeito surdo produzem diferentes práticas educativas. Ao perceber o surdo, por exemplo, como um sujeito incorrigível, educá-lo torna-se desnecessário, uma vez que isto não acarretaria mudanças ou avanços.

Da mesma forma outras propostas ou filosofias educacionais que tiveram ou têm como sujeitos da educação a população surda, estão intimamente relacionadas às concepções sobre esses sujeitos e suas relações com a sociedade mais ampla. Um exemplo é a visão oralista que compreende que os surdos devem aprender a falar para serem aceitos em sociedade; e o bilinguismo, que compreende o sujeito surdo como usuário de duas línguas, e que deve acessar as diferentes esferas da sociedade, tendo essa condição respeitada.

É a partir deste contexto educacional e histórico que me proponho a discutir as representações presentes na literatura surda, acreditando que esse percurso histórico se intercruza nas práticas atuais de representação a respeito dos modos de ser surdo.

### 1.1 "IMPRIMINDO A MARCA D'ÁGUA NAS PÁGINAS": bases do estudo

Como apresentado anteriormente, esta dissertação pretende responder a pergunta “Que representações sobre a diferença surda circulam nas produções literárias dos alunos do curso de graduação em Letras-Libras?”. Tal questionamento é decorrente do valor atribuído às representações para a produção dos significados, uma vez que

O significado *não* está no objeto, nem na pessoa, nem na coisa, nem mesmo *na* palavra. Somos nós que estabelecemos o significado de forma tão forte que, após certo tempo, vem a parecer natural ou inevitável. O significado é *construído pelo sistema de representação*. (HALL, 2007, p. 21, tradução nossa)<sup>8</sup> [grifos do autor]

8 No original “The meaning is *not* in the object or person or thing, nor is it *in* the word. It is we who fix the meaning so firmly that, after a while, it comes to seem natural and inevitable. The meaning is *constructed by the system of representation*.”

Desta forma, é necessário pensar os significados como datados, históricos, constituídos social e culturalmente e em constante movimento. Tal entendimento nos impede de fixar conceitos e possibilita pensar em contestar verdades e produzir sentidos, colocando as representações como centrais nesse processo.

Ainda nesta perspectiva é importante ponderar que até mesmo conceitos centrais como cultura e identidade surda são produções. Não que se negue a existência de uma materialidade no sujeito surdo e questões que são inerentes a falta de audição, no entanto as práticas, produções, intercâmbios existentes não são naturalmente assim, mas resultantes de determinadas situações, eventos históricos e sociais e das práticas de representações que circundam esses sujeitos.

Neste sentido, torna-se relevante olhar para as representações circulantes nos mais diferentes artefatos de uma cultura, no sentido de compreender melhor os significados que a compõem e, assim, perceber de que modo esses sentidos produzem modos de ser, de se relacionar e até mesmo modos de perceber, compreender as diferentes práticas culturais existentes.

Nesta dissertação, ao olhar para as representações sobre a diferença surda, é possível visualizar melhor elementos da cultura surda e suas relações com outras culturas que também a constituem.

Existe uma série de estudos que olham para diferentes artefatos culturais, buscando neles representações que constituem olhares sobre que é ser aluno, professor (SILVEIRA, 2000; FABRIS, 2010), negro (KAERCHER, 2002), surdo (THOMA, 2004; 2002), etc.

Tais estudos possibilitam que se pensem os objetos e sujeitos como produtos, cujos significados são produzidos nas representações. Tais significados são mutáveis e não são dados a partir do objeto “em si”; embora exista uma materialidade, não há relação direta entre esta e os conceitos a ela atribuídos. Essa perspectiva também aponta que os significados podem ser disputados, contestados e transformados a partir das representações postas em circulação a respeito desses objetos.

Desta forma, é válido lembrar que este estudo está inserido no Campo dos Estudos Culturais em Educação, os quais compreendem a cultura como um conjunto de práticas e significados compartilhados por um determinado grupo. Tais significados e práticas são produzidos em sistemas de representação que se utilizam e que se constituem na linguagem. Dessa forma, os artefatos de uma cultura veiculam e fazem circular sentidos, que são alvo de disputas de poder, uma vez que estão ligados à produção de modos de ser e agir dentro deste sistema.

As culturas estão diretamente vinculadas ao intercâmbio de significados, e em cada cultura existe uma diversidade de significados acerca de qualquer tópico e mais de uma forma de representá-lo ou interpretá-lo. Tais significados, no entanto, não ficam apenas nas “cabeças” dos indivíduos, mas “organizam e regulam as práticas sociais, influenciam nossas condutas e conseqüentemente tem efeitos reais, práticos” (HALL, 1997, p.3, tradução nossa)<sup>9</sup>

A cultura, nessa perspectiva, é também tomada como um campo de produção de sentidos, em que diferentes grupos sociais lutam por impor seus significados à sociedade mais ampla. Desse modo, a cultura se constitui como um espaço de disputa, no qual se constrói a forma que o mundo deve ter, e como as pessoas e grupos devem ser (SILVA, 1999).

Olhar para artefatos da cultura surda, como a literatura, objeto deste estudo, possibilita que se observe de que modos os sujeitos dessa cultura são constituídos, que normas regem suas condutas, seus modos de se relacionar entre si e com a sociedade mais ampla.

Ainda nesta esteira de pensamento, de modo mais específico, este trabalho se articula aos Estudos Surdos que, frequentemente, fazem interlocução com os Estudos Culturais por perceberem os conceitos discutidos por este campo – como os conceitos de identidade, diferença, cultura, representação, entre outros – produtivos para uma ampliação dos olhares sobre a surdez. Deste modo, os Estudos Surdos deslocam o olhar sobre os surdos e surdez de uma visão clínica, de falta, de

---

9 No original “They organize and regulate social practices, influence our conduct and consequently have real, practical effects.”

deficiência, para o viés da diferença cultural. Nessa perspectiva, a falta de audição não é apagada, mas perde a centralidade. Os surdos<sup>10</sup> são vistos, portanto, como indivíduos que vivenciam uma experiência visual, o que possibilita outros modos de se comunicar e de se relacionar com o mundo.

Os Estudos Surdos, no Brasil, surgiram por volta de 1997, a partir de tensionamentos impulsionados por pesquisas inicialmente vinculadas à linha de pesquisa de Educação Especial do Programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS, cujas pesquisadoras buscavam suporte teórico nos *Deaf Studies*<sup>11</sup> e na inserção em disciplinas da Linha de Pesquisa em Estudos Culturais em Educação, que culminaram na migração destes estudos para a linha de pesquisa Processos de Inclusão e Exclusão na Educação.

Neste contexto, também surge o Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos, NUPPES, formado por alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenado pelo professor Carlos Skliar. Tal núcleo de pesquisa propunha realocar as pesquisas relativas à educação de surdos em outro lugar que não fosse o da educação especial e se distanciasse das práticas e do discurso hegemônico da deficiência. Assim, cria-se esse novo espaço acadêmico, com territorialidade educacional denominada Estudos Surdos, que

se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, pelo qual as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as

---

10 Existem diferentes modos de experienciar a surdez; no entanto, neste trabalho optei por analisar produções em língua de sinais e, portanto, os surdos presentes nesse estudo são aqueles que utilizam a língua de sinais.

11 Os "*DeafStudies*" estão vinculados inicialmente a dois centros acadêmicos: A *University of Bristol*, na Inglaterra, e *Gallaudet University*, nos Estados Unidos. Na Inglaterra, os *DeafStudies* iniciam no ano de 1978, quando se institui o Centro para Estudos Surdos da Universidade de Bristol (*University of Bristol Centre of DeafStudies*), cuja primeira pesquisa versava sobre como as pessoas aprendem e utilizam a Língua de Sinais Britânica (BSL). Os estudos deste centro se subdividem em cinco áreas: a língua de sinais e a linguística dos sinais; a aquisição da língua de sinais; comunidade surda, cultura surda e *Deafhood*; cognição, saúde mental e educação; telecomunicações, videocomunicação e aprendizado *on-line* (Fonte: [www.bris.ac.uk/deaf/about](http://www.bris.ac.uk/deaf/about), acesso em 22 de maio de 2013).

comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político (SKLIAR, 2010, p.5).

A partir desses campos, entendo a cultura surda como imanente ao diálogo entre a visualidade e a cultura majoritária ouvinte, se aproximando e se distanciando ao longo dos tempos, como um espaço no qual existe o constante conflito e a resistência; instituindo significados, legitimando identidades, produzindo verdades. Partindo desse campo teórico, abordo a cultura surda como maleável, híbrida, produzida.

Nesse sentido, aproximo-me do entendimento proposto por Müller (2012, p.51) da surdez como uma diferença que “comunica um significado a partir de uma prática social, relacionada ao jeito de usar a língua, de transmitir a história dos surdos, de discutir política e pedagogia” e compreendo que a identidade surda se produz neste jogo de aproximação e diferenciação às demais identidades com as quais dialoga.

Até o momento procurei situar o lugar de onde falo, minhas bases conceituais e teóricas, na próxima seção apresentarei os primeiros passos dados em direção às análises desta dissertação, dando ênfase a outras pesquisas que caminham por percursos semelhantes aos meus, de modo a evidenciar que nunca se está sozinho nesses caminhos de pesquisa.

## 1.2 - OUTROS LIVROS NA ESTANTE: caminhando pela pesquisa

Minhas criações, meus escritos e invenções compõem-se nas entrelinhas de outras produções; fazem parte de uma tessitura que não me pertence exclusivamente. [...] Nos infiltramos em sendas abertas, em possibilidades que nos atraem porque apontam em direções que nos fascinam, desafiam e dão prazer.(COSTA, 2009, p.1)

No intuito de responder à minha pergunta de pesquisa, inicialmente, fiz uma pesquisa no portal de periódicos da Capes<sup>12</sup>, no sistema de Bibliotecas da UFRGS

---

12 <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

(SABI)<sup>13</sup> e no repositório digital de produções acadêmicas da UFRGS (Lume)<sup>14</sup>, bem como em meu acervo pessoal de leituras, atentando para as referências trazidas a partir desses estudos, de modo a conhecer outras pesquisas que discutiam questões semelhantes e que, desta forma, auxiliam na construção de meu próprio percurso.

Utilizei os termos “literatura surda” e “representação de surdos” nas pesquisas, e encontrei uma bibliografia considerável. Parto do pressuposto de que existam diversos outros estudos, mas não é o foco retomar de modo aprofundado todas estas pesquisas, mas traçar noções do que já se produziu sobre essa temática a partir de diferentes artefatos culturais, dando ênfase à literatura.

Cláudio Mourão (2011), em sua dissertação de Mestrado, analisa as produções da disciplina de Literatura Surda do curso de Letras-Libras, do polo Santa Maria, do qual ele mesmo fez parte. Embora o foco do pesquisador não tenha sido as representações dos modos de ser surdo, essa temática foi bastante recorrente durante o seu texto, uma vez que os entrevistados (surdos, alunos do Letras-Libras) traziam constantemente a importância da literatura surda para pôr em circulação outros modos de ser surdo e para empoderar a comunidade surda. Nesse estudo, o autor se debruça principalmente em analisar os processos de produção das histórias sinalizadas e as questões técnicas envolvidas, como uso de cenário, figurino, etc.

Bortolleti (2013) investiga, em seu trabalho de conclusão de curso, as narrativas sobre “ser surdo” nas produções da disciplina de Literatura Surda do curso de Letras-Libras. Participante do mesmo grupo de pesquisa no qual me insiro, a pesquisadora objetivou analisar de que forma os modos de ser surdo, evidenciados nas narrativas, podem contribuir para a construção da educação bilíngue para surdos. Possuindo um *corpus* semelhante ao desta dissertação, Bortolleti já faz alguns apontamentos relevantes para as análises posteriores desta pesquisa, tais como o uso da literatura surda “como uma maneira de apontar suas críticas e salientar modos de ser surdo pelo olhar cultural e da diferença” (2013,

---

13 <http://sabi.ufrgs.br>

14 <http://www.lume.ufrgs.br/>

p.24), dando pistas sobre as possibilidades de representação surda como uma forma de resistência e contestação a visões clínicas de deficiência ao sujeito surdo.

Silveira (2000) e Karnopp (2010; 2006) analisam um conjunto de livros de literatura infantil nos quais são representados personagens surdos ou que utilizam a língua de sinais. No conjunto de sete livros analisados por Silveira, é recorrente a visão clínica da surdez, a ideia da compensação da perda com aptidões para o esporte, a correção a partir da fonoterapia e do uso de aparelhos auditivos. Em somente dois livros analisados pela autora, em uma seção à parte, intitulada “Outro lugar para o surdo”, a língua de sinais aparece como tal, sendo utilizada tanto por surdos quanto por ouvintes. A autora salienta ainda que todos os livros por ela analisados “foram escritos por ouvintes, que narram a surdez a partir de seus filtros sociais, de suas experiências de certa forma alheias ao cerne da vivência imersa na surdez” (SILVEIRA, 2000, p.202).

A partir do estudo feito por Silveira (2000), Karnopp (2006, 2010), em seus dois textos, apresenta alguns livros, lançados a partir do ano 2000 no mercado editorial, nos quais autores surdos se fazem presentes; com isso, uma narrativa diferenciada a respeito dessa identidade é enfatizada. Nessas obras, os personagens surdos sinalizam e são trazidas marcas da história dos surdos e de sua cultura. Assim, as produções culturais de surdos passam a demarcar o espaço de “ser surdo”, marcar a diferença surda em uma sociedade majoritariamente ouvinte. Cabe salientar que tais obras foram publicadas após a oficialização da língua de sinais brasileira em âmbito nacional, auxiliando na circulação de conhecimentos sobre essa língua.

Tais estudos são produtivos do sentido de pensar o papel do sujeito que é tido como o autor dessas narrativas. Não somente o que é dito é significativo, mas quem o diz; e é interessante analisar a ampliação das possibilidades de “dizer sobre si mesmos”, a qual é dada aos surdos quando eles se tornam autores desta literatura, seja através da escrita (como nos livros analisados por Karnopp nas pesquisas referenciadas anteriormente), seja através dos sinais, foco de estudo desta pesquisa.

Vinculada a essa questão, Daiane Pinheiro (2012), a partir de um viés foucaultiano da análise do discurso, estuda os modos de ser surdo postos em circulação no ambiente virtual do *YouTube*. Seu estudo analisa vídeos postados por surdos, nos quais, através de piadas e histórias sinalizadas, os sujeitos resistem a modos hegemônicos de representar a surdez.

A autora, também vinculada ao projeto de pesquisa “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”, analisa como a cultura surda vem sendo produzida, negociada e consumida pelos sujeitos surdos, inventando modos de ser surdo na contemporaneidade. A pesquisa questiona a ideia de que existem apenas dois modos de narrar o sujeito surdo – a partir de uma visão clínica ou de uma visão socioantropológica –, e percebe que as identidades surdas têm se apresentado muito mais fluidas, dentro do momento histórico em que estão inseridas, sendo que o ambiente virtual se constitui como um espaço de resistência e de ressignificação da cultura surda.

Em consonância a este entendimento, faço referência à dissertação de Muller (2012), que, ao investigar produções culturais de surdos publicadas em português escrito, depara-se com narrativas recorrentes como a superação e a experiência visual. Tais recorrências, no entanto, não impedem que singularidades também sejam encontradas, como no relato do livro “A bela do silêncio”, cuja autora se apresenta como surda e afirma não utilizar a língua de sinais. A partir dessa discussão, a pesquisadora propõe o uso do termo “culturas(s) surda(s)”, de modo a deixar marcado que esta não pode ser vista como homogênea, única e cristalizada.

O estudo de Müller (2012) também corrobora a tentativa de, através das produções surdas, desconstruir-se estereótipos atribuídos aos surdos, de denunciar práticas, orientar e reivindicar mudanças. A autora ainda aponta para o papel do autor surdo, como aquele que representa os interesses e necessidades de seu grupo cultural, mobilizando lutas e consequentes mudanças.

Através dos estudos elencados, é possível perceber que há um movimento de transição dos modos de representar os surdos, cujo centro da mudança está em dar ao surdo a possibilidade de se autonarrar. Thoma (2002, p.54), assinala que

Representar é produzir significados segundo um jogo de correlação de forças, no qual grupos mais poderosos – seja pela posição política que ocupam, seja pela língua que falam, seja pelas riquezas materiais ou simbólicas que concentram e distribuem, ou por alguma outra prerrogativa – atribuem significado aos mais fracos e, além disso, impõem a estes seus significados sobre outros grupos.

Concordando com a autora, penso que, a partir do reconhecimento legal da Libras, os surdos foram empoderados; assim, as práticas de representação postas em circulação por esse grupo adquirem um outro status, uma outra força. Isso não significa, no entanto, que as práticas de representação nas quais os surdos são apresentados como sujeitos da falta, que necessitam de correção, como as analisadas por Silveira (2000), tenham deixado de existir, mas elas disputam território com outras representações que também têm buscado demarcar seu espaço.

Ainda, nesse sentido, enfatizo que esse jogo pela instituição de significados não se finaliza, ou seja, os significados não são definidos para sempre, mas se moldam e se adaptam de acordo com o contexto e seus usos nas diferentes circunstâncias históricas. Nesta perspectiva, assinala Hall (1997, p.9) que o significado

Está sempre sendo negociado e alterado, para ressoar com as novas situações. Frequentemente é contestado e às vezes severamente disputado. Há sempre diferentes circuitos de significação circulando em toda e qualquer cultura do mesmo período, sobrepondo formações discursivas, de onde extraímos para criar significados ou expressar o que pensamos. (tradução nossa)<sup>15</sup>

Penso que o curso de Letras-Libras surge como um potencializador deste movimento de empoderamento da comunidade surda. Como um curso bilíngue, português e Libras, possibilitou uma experiência única para os surdos, em um ambiente acadêmico que valorizou a língua de sinais. Essa valorização do curso de

---

15 No original “It is always being negotiated and inflected, to resonate with new situations. It is often contested, and sometimes bitterly fought over. There are always different circuits of meaning circulating in any culture at the same time, overlapping discursive formations, from which we draw to create meaning to express what we think.”

Letras-libras como ambiente de visibilidade para as mãos (a fala) dos surdos é evidenciada no poema “Balé das mãos”, analisado com maior profundidade na última seção desta dissertação. Nessa produção, o poeta apresenta as mãos que lutam, sofrem e, como grande prêmio dessa luta, criam o Curso de Letras-Libras, apresentado como a grande conquista das mãos.

Discuto, na próxima seção, sobre qual terreno se produz esse curso, dando ênfase para a potência produtiva, tanto no que tange ao número de artefatos culturais produzidos, quanto em relação às discussões que ele põe em circulação.

## 2 CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-LIBRAS: O CENÁRIO DESSA HISTÓRIA

A Chapeuzinho Vermelho estudou, estudou, estudou e foi fazer a prova de vestibular do Letras-Libras. A prova era por vídeo conferência, no vídeo havia alguém sinalizando as alternativas [...]. Então ela passou na prova. No primeiro dia de aula, os portões abriram, todos entraram, e a Chapeuzinho encontrou os colegas. [...] A Chapeuzinho quis saber o que o lobo fazia ali, ele então respondeu que era colega, que havia passado no vestibular para Letras-Libras Bacharelado.[...]O Lobo chamou a Chapeuzinho. [...] -Eu tô com fome. Você tem bolo? A Chapeuzinho foi firme: - Hoje eu não tenho. Trouxe só o material do Letras-Libras, DVD, caderno.[...] A Chapeuzinho abriu a bolsa e mostrou o interior para o Lobo. - É mesmo, é importante estudar para o Letras-Libras. A Chapeuzinho fechou a bolsa. (Carolina Hessel Silveira)<sup>16</sup>

Início este capítulo com a história “A Chapeuzinho Vermelho no Letras-Libras” por acreditar que esta narrativa é significativa em ilustrar a estrutura do curso, desde o vestibular em língua de sinais; a marcação da comunidade surda que se reencontra nos encontros presenciais; a diferença ouvinte, personificada no Lobo; e por fim o valor acadêmico desse curso, na fala do lobo de que é “importante estudar para o Letras-Libras”. Esta narrativa não faz parte do *corpus* de dados desta dissertação, mas é valorizada por estar em um site público vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e por ter como autora uma surda que participou ativamente das atividades desse curso de graduação como tutora no polo UFRGS.

No capítulo anterior apresentei meus interesses de pesquisa, justificando este estudo em decorrência da importância que atribuo ao curso de Letras-Libras como espaço de formação acadêmica, e também como ambiente de produção e difusão da cultura surda. Neste capítulo procuro situar o leitor sobre as características desse curso, bem como sobre as condições que possibilitaram sua execução.

Após anos de lutas da comunidade surda, vinculadas às pesquisas na área da linguística das línguas de sinais, a Libras é reconhecida em nível nacional através

---

16 Narrativa produzida pela tutora do curso de Letras-Libras Ms. Carolina Hessel Silveira, disponível em <http://www.literaturasurda.com.br/musicvideo.php?vid=9e72ae609> acesso em 6 de novembro de 2013.

da lei 10.436, de 24 de abril de 2002<sup>17</sup>, conhecida como a Lei de Libras. Essa lei é considerada como uma das grandes conquistas da comunidade surda brasileira e marca o fortalecimento de uma série de mudanças, principalmente no âmbito educacional.

Um das questões centrais a respeito da Lei de Libras é o seu reconhecimento como uma língua, ou seja, tal lei fornece subsídios para que seus usuários reivindiquem o seu uso e sua aceitação social. Cabe salientar que a mudança de *status* desta língua não acontece apenas pelo viés documental, mas em conjunto com pesquisas realizadas na área da educação de surdos e dos estudos linguísticos, vinculadas às representações que são postas em circulação sobre a mesma.

A criação do curso de Graduação em Letras-Libras está vinculada, de modo especial, a dois artigos da Lei de Libras:

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Diante da necessidade da formação de um número maior de intérpretes para mediar a comunicação entre surdos e ouvintes, nos mais diferentes espaços, de modo a respeitar o artigo terceiro desta lei, e diante da demanda de professores de Libras em decorrência do que solicita o artigo quarto, é criado o curso de Letras-Libras. Esse curso objetiva formar, em nível de licenciatura e bacharelado, os profissionais que subsidiam uma maior inserção dessa língua nos mais diversos âmbitos de nossa sociedade.

---

17 Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm)

No ano de 2006, dois meses após a assinatura do Decreto 5.626/2005, que regulamenta a Lei de Libras, é assinada a resolução 007 da Câmara de Ensino da Graduação (CEG)/2006 da Universidade Federal de Santa Catarina<sup>18</sup>, que aprova o Projeto Pedagógico e autoriza a criação do curso de Graduação de Licenciatura em Letras-Libras, na modalidade à distância, a ser oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina. Em 2008, é aprovada a criação do curso de bacharelado em Letras-Libras nos mesmos formatos do já vigente curso de licenciatura.

Tendo como sede a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, os cursos de Letras-Libras foram realizados em dezoito polos, abrangendo quinze Estados e o Distrito Federal: Universidade Estadual do Pará (UEPA), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Instituto Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (IFET/RN), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Instituto Federal de Educação Tecnológica de Goiás (IFET/GO), Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), Universidade de Brasília (UNB), Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG), Instituto Nacional de Educação de Surdos – Sede Rio de Janeiro (INES/RJ), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Paraná (UFPR).

É interessante salientar que os alunos dos diferentes polos podiam se comunicar através de um *chat* no ambiente virtual de estudos, desta maneira, o curso fomentou a troca de conhecimentos e intercâmbio cultural entre os surdos das diferentes regiões do país. Além disso, o curso de Letras-Libras potencializou a articulação da comunidade surda, proporcionando discussões políticas, ampliação de vínculos afetivos, trocas de experiências, bem como a amplificação de olhares

---

18 Disponível em <http://libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/Resolucao%20007CEG2006.jpg> acesso em 16/10/2014

para as diferentes situações linguísticas e educacionais vivenciadas nos diferentes estados do Brasil.

O curso de Letras-Libras, através de seu material didático e site, divulgou saberes acerca da história dos surdos, da língua de sinais, de práticas pedagógicas que produziram saberes em nível nacional sobre a educação de surdos. Cabe salientar que o currículo do curso de graduação em Letras-Libras, assim como qualquer currículo, é fruto de escolhas políticas que não são neutras. Todas as vezes que alguns conhecimentos são priorizados no currículo - em detrimento de outros - há uma intencionalidade nesse processo que resulta em formação de diferentes sujeitos a partir dessas escolhas. Nesse sentido, tal como Silva (2006, p.27), entendo o currículo como um espaço de significação, “estritamente vinculado ao processo de formação de identidades sociais”:

Dessa perspectiva, o currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz.

O currículo do curso de Letras-Libras é interessante de ser pensado, uma vez que este curso formou e forma os profissionais que, em todo o Brasil, fazem o intercâmbio e a difusão da língua de sinais em escolas e universidades. Além dessas questões, saliento ainda, o glossário<sup>19</sup> de Libras que tem tido um importante papel na padronização de sinais em nível nacional.

A aproximação e intercâmbios citados anteriormente, vinculados ao uso de salas de bate-papo virtuais, que possibilitaram trocas entre surdos de diferentes regiões do país, também aconteceram nos encontros presenciais. Quinzenalmente, nos fins de semana, os alunos e tutores se encontravam, assistiam e discutiam as aulas por videoconferência com os professores, realizavam as demais atividades, fóruns de discussão, tabela de atividades, entre outras tarefas, através do acesso ao Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA). Cada polo reuniu surdos de

---

19 Disponível em [ww.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/mod/glossary/view.php?id=1340](http://ww.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/mod/glossary/view.php?id=1340) acesso em 6 de novembro de 2013.

diferentes cidades de cada estado, possibilitando reencontros e fortalecimento das articulações da comunidade surda também em nível regional. Essas aproximações e o valor deste curso para os que dele participaram é evidenciado pelo Encontro Nacional de Estudantes do Letras-Libras<sup>20</sup> que, em 2013, completou a sua sétima edição.

Atualmente, o curso segue existindo na modalidade presencial na UFSC e abriu processo para a implementação de novos polos à distância - em formato similar ao apresentado nesta pesquisa – na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em São Luís/MA, na Fundação Municipal Albano Shimidt (FUNDAMAS) em Joinville/SC, e no Instituto Federal Farroupilha (IFF) em Santa Rosa/RS.

Esse curso, além de ter um papel muito importante para que as resoluções da lei de Libras e do Decreto 5626/2005 fossem efetivadas, constituiu-se em um formato de curso singular em nosso país. Está organizado prioritariamente na modalidade à distância<sup>21</sup>, com um sistema de aprendizagem organizado em três modos de informação: material didático impresso (cadernos de estudos); material didático em Libras, gravado em DVD e disponível *on-line* no AVEA.

Com um currículo<sup>22</sup> que envolvia questões acerca da linguística da Libras, da Escrita de Sinais, da história e da didática da educação de surdos, entre outras disciplinas, o curso de Letras-Libras, possivelmente, foi o primeiro curso de graduação no qual os surdos puderam acessar todas as informações de modo bilíngue, em português ou diretamente na língua de sinais, sendo também avaliados em Libras.

---

20 <http://www.7enell.com.br/index.html> Acesso em 23 de outubro de 2013.

21 A plataforma do curso vinculava-se ao site [www.libras.ufsc.br](http://www.libras.ufsc.br).

22 Currículo do curso de Licenciatura em Letras-LIBRAS disponível em [http://www.libras.ufsc.br/hipe5º/lab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/grade\\_curricular/Licenciatura.pdf](http://www.libras.ufsc.br/hipe5º/lab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/grade_curricular/Licenciatura.pdf) acesso em 6 de maio de 2013.

Currículo do curso de Bacharelado em Letras-LIBRAS disponível em [http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/grade\\_curricular/Bacharelado.pdf](http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/grade_curricular/Bacharelado.pdf) acesso em 6 de maio de 2013.

Em uma perspectiva bilíngue, o site do curso possui grande parte das informações vinculadas em português escrito, escrita de sinais e em língua de sinais. Vídeos em Libras são acionados ao se posicionar o mouse sobre cada ícone escrito em português e escrita de sinais, resultando no *layout* da página conforme pode ser visualizado na imagem a seguir:



Figura 1: Layout do site do Curso de Letras-Libras

A relevância de um curso nesse formato é evidenciada quando se discute a situação brasileira em comparação a outras comunidades surdas ao redor do mundo. Em 2009, a Federação Mundial dos Surdos<sup>23</sup>, em conjunto com a Associação Nacional de Surdos da Suíça, organizou um relatório sobre a situação das pessoas surdas em relação aos direitos humanos (HAULAND; ALLEN, 2009).

23 World Federation of the Deaf (WFD). Mais informações no site: <http://wfdeaf.org/>

Esse relatório contou com a participação de noventa e três países, que se posicionaram em relação ao reconhecimento das línguas de sinais, da acessibilidade, da educação dos surdos e da qualificação dos intérpretes de língua de sinais.

Nesse relatório, entre outros dados, consta que somente quarenta e quatro países (menos da metade dos países participantes da pesquisa) reconhecem legalmente a língua de sinais. Ainda, nesse relatório, é apontado que somente vinte e três países possuem educação bilíngue (língua de sinais e a língua nacional) para as crianças em algumas escolas; em quarenta e três países, existe algum tipo de formação para os intérpretes de sinais; por fim, somente cinquenta países permitem o acesso dos surdos ao ensino superior, sendo que apenas dezoito desses países disponibilizam intérpretes nas universidades.

A partir desse rápido olhar sobre os dados desse relatório, evidencia-se que a situação das comunidades surdas brasileiras é bastante favorável. Realça-se a possibilidade dos surdos e ouvintes brasileiros, através do curso de Letras-Libras, acessarem estudos sobre a língua e as culturas surdas, situação talvez impensável em muitas das realidades apresentadas no relatório.

O curso de Letras-Libras possibilitou uma maior circulação da língua de sinais, no sentido de ampliar o seu *status*, uma vez que subsidiou teoricamente aqueles que trabalharão no ensino e na tradução desta língua. Embora muitos alunos desse curso já possuíssem outras graduações, ou já estivessem inseridos em escolas e universidades como docentes, o curso de Letras-Libras proporcionou uma valorização para essa língua, potencializando discussões sobre o papel e o espaço da Libras dentro dos currículos escolares e acadêmicos, bem como o papel e o perfil necessário para os profissionais que trabalham com essa língua.

Assim, o curso de Letras-Libras ultrapassou as fronteiras da academia, operando como um espaço de empoderamento social dos surdos. Nesse sentido, remeto-me ao poema “A escadaria”, sinalizado pela poetisa surda Dorothy Miles, durante a cerimônia de formatura da graduação da primeira turma de surdos

britânica a receber o título para o ensino da Língua de Sinais (tal como o Letras-Libras), no qual é evidente o valor social dessa formação.

No poema, a autora sinaliza a opressão dos surdos pela sociedade ouvinte, representada por um leão, um gigante e um pântano. Tais obstáculos são encontrados no caminho até a conquista do certificado, apresentado na última parte da poesia. Ao chegar ao fim do percurso, os surdos necessitam uns dos outros para subirem a escadaria; assim, apresenta-se que a conquista não é de um, mas de toda a comunidade surda (SUTTON-SPENCE, 2006).

O poema de Dorothy Miles é referente a outro contexto geográfico, histórico e social. No entanto, o valor do curso de Letras-Libras para a comunidade surda também é evidenciado na fala da, na época, coordenadora do curso no polo da UFSM, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, durante entrevista jornalística<sup>24</sup>:

Além de representar uma importância no sentido da formação de professores surdos para o ensino da língua de sinais, me parece que ele tem uma importância muito política para o campo da inclusão dos surdos e ao mesmo tempo para o fortalecimento das questões culturais e identitárias desta comunidade que há muito tempo vem reivindicando por esse lugar.

Muitos outros estudos poderiam ser feitos; no entanto, nesta seção me preocupei em fazer um panorama geral para que o leitor possa compreender sob que cenário foram produzidas as narrativas analisadas nesta dissertação. A seguir, apresentarei a estrutura da disciplina de Literatura Surda, da qual resultaram os vídeos que constituem o *corpus* deste estudo.

---

24 Reportagem realizada em função da primeira turma de Letras-Libras formada no Rio Grande do Sul. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ab7htdy26yQ>, acesso em 17 de maio de 2013.

## 2.1 DISCIPLINA DE LITERATURA SURDA

A disciplina de Literatura Surda<sup>25</sup>, localizada no 5º semestre do curso, foi ministrada pela professora Dra<sup>a</sup>. Lodenir Becker Karnopp, para quem, como trabalho final, os alunos realizaram produções literárias que foram encaminhadas em DVD para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esse material, posteriormente, integrou parte do acervo da pesquisa “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”.<sup>26</sup>

A disciplina era dividida em quatro unidades: Literatura surda; poemas em Língua de Sinais; Fábulas; e contos de fadas. Na primeira unidade os alunos entraram em contato com a literatura de modo mais geral, fazendo articulações com a disciplina “Introdução aos Estudos Literários” vivenciada em semestres anteriores.

Ainda nessa primeira unidade, o texto base<sup>27</sup> indicava o processo histórico da literatura surda, que aproxima-se das culturas de tradição oral, cujo registro muitas vezes é apenas na memória das pessoas que sendo esquecida ao longo das gerações. O texto ainda aponta para o processo atual que a literatura surda tem passado, com o advento das tecnologias que possibilitam um maior registro e difusão desta literatura, vinculado ao período pós-reconhecimento legal da língua de sinais.

Discutindo questões como cultura e comunidade surdas, formas de registro da língua de sinais, bem como o papel político das produções, o texto base da

---

25 Nos diversos materiais do Letras-Libras tais como o site com os materiais específicos da disciplina (<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/scos/navpaths/indexnavpath1.html>), o currículo do curso, o texto base impresso e o DVD, há dois nomes diferentes para a disciplina: ora ela é chamada de Literatura Surda, ora de Literatura Visual. No site referido acima inclusive há no mesmo quadro a escrita de sinais para “Literatura Visual” ao lado da escrita em português para “Literatura Surda”. Para essa dissertação optei por utilizar o termo Literatura Surda por ser o termo utilizado pelos alunos nos vídeos analisados.

26 Compõem esse banco de dados somente as produções das turmas iniciadas em 2008.

27 Disponível em [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura\\_Surda\\_Texto-Base.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf) acesso em 8 de novembro de 2013.

disciplina de Literatura Surda faz uma retomada das produções existentes no âmbito nacional, dando ênfase aos materiais editoriais, tais como DVDs produzidos pela Editora Arara Azul que disponibiliza clássicos da literatura traduzidos para a Libras, e livros infantis com personagens surdos ou cuja temática seja a surdez, dando subsídios para as discussões que foram feitas nas unidades subsequentes.

Na unidade 2 “Poemas em Línguas de sinais” foram sugeridos alguns poemas em língua de sinais (Língua Brasileira de Sinais, Língua Americana de Sinais – ASL; e Língua Britânica de Sinais – BSL) e textos que subsidiariam a análise dos mesmos. Ao final da unidade, foi solicitado aos alunos que, em grupos, produzissem um poema e apresentassem aos colegas.

Na unidade 3: “Fábulas”, de modo muito semelhante à unidade 2, foram sugeridas a leitura e visualização de uma vasta gama de fábulas (em português e em língua de sinais), dentre elas o DVD “6 fábulas de Esopo” com Nelson Pimenta e “O passarinho Diferente” com o mesmo sinalizador. Grande parte das histórias sugeridas nesta unidade inspiraram as produções finais da disciplina e se fazem presentes no banco de dados ao qual se debruçam as análises dessa dissertação.

Na unidade 4: “Contos de fadas” estudaram-se as características desse tipo de narrativa e foram selecionados alguns exemplos para a leitura dos alunos. Tal como nas outras unidades, também foram sugeridos alguns vídeos produzidos em língua de sinais que contribuíram para a tarefa final da unidade, que foi a produção de um vídeo, em grupo, com a apresentação de um conto em Libras.

Como atividade final da disciplina, os alunos puderam escolher entre as três possibilidades propostas (poema, fábula e conto) como pode ser visualizado no enunciado da atividade apresentado a seguir:

Você deverá ensaiar (treinar bastante) para a apresentação de um poema, ou fábula ou conto que será contado para crianças e adultos (surdos ou ouvintes). Cuide o limite de tempo para a história: 10 minutos até 15 minutos para gravar em DVD.

É muito importante que você se posicione bem em frente à câmera para fazer sinais e

contar a história. Se você quiser utilizar alguma imagem ou recurso visual, pode usar! Depois que você estiver bem preparado (o poema ou a história deve ser muito bem contada!) realize a filmagem em DVD para entregar ao seu tutor ou tutora. No pólo de Letras Libras, você pode realizar a própria filmagem. Combine com seu tutor ou tutora o dia e o horário em que vocês poderão realizar a filmagem. Após a apresentação desse poema ou história, os tutores deverão enviar o DVD aos professores. O objetivo é publicar em DVD um poema (ou fábula ou conto) de cada pólo. Não esqueça de identificar os autores e o título da produção literária. Não esqueça também de registrar se o poema (ou fábula ou conto) foi inventado por vocês ou se foi a tradução de um poema (ou fábula ou conto) já existente.<sup>28</sup>

Os resultados dessa atividade final compõem o banco de dados da pesquisa “Produção, circulação e consumo da cultura surda Brasileira” e, por conseguinte, compõem o *corpus* analítico desta dissertação. Cabe salientar que o contato com diversos materiais literários durante a disciplina influenciou as escolhas temáticas e de gênero para a composição da atividade final por parte dos alunos. Importa destacar também a experiência pregressa dos alunos com a literatura, bem como as experiências profissionais e interesses particulares de cada um com o tipo de narrativa a ser escolhida. Desta forma, diversos fatores influenciaram a produção diversificada encontrada nesses cento e oitenta e três (183) materiais produzidos pelos alunos do Letras-Libras na disciplina de Literatura Surda.

Na próxima seção, detalharei os resultados dessa coleta de dados, de modo a fazer conhecer a produção cultural desenvolvida na disciplina de Literatura Surda, no Curso de graduação em Letras-Libras; e iniciar minhas análises a partir desse *corpus*.

---

28 Atividade enunciada em Libras e em português escrito. Disponível em <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/scos/cap15716/1.html> acesso em 12 de novembro de 2013.

### 3. REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA SURDA: PRODUZINDO MODOS DE SER SURDO E DE EXPERIENCIAR A SURDEZ.

*“Eu fui também uma escritora precoce. E quando comecei a escrever, por volta dos meus sete anos, histórias com ilustrações em giz de cera, que minha pobre mãe era obrigada a ler, eu escrevia exatamente os tipos de histórias que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis.”*  
(Chimamanda Adichie)

Início este capítulo com um fragmento de uma fala da autora Nigeriana Chimamanda Adichie, que também ilustra a epígrafe inicial desta dissertação, por ver em suas palavras um apontamento importante: que as histórias nos ensinam, e que o perigo de uma história única é que tantas outras histórias sejam apagadas, não dando subsídios ao leitor para que adote outros modos de pensar. Ao se ter apenas uma história, o leitor sem conhecer outras versões, outras possibilidades, tem dificuldade de pensar de modo diferente ao que lhe é proposto.

Nos capítulos anteriores apresentei meus interesses de pesquisa, bem como os caminhos iniciais percorridos para chegar a esse capítulo analítico. Inicialmente apresentei uma série de estudos que se aproximam de minha temática e abordei o curso de Letras-Libras como um espaço privilegiado para a produção e circulação de histórias sobre surdos e surdez que possibilitam acesso a muito mais do que uma “história única” sobre essa diferença.

Interessa-me discutir a diversidade de modos de ser surdo e de representar essa diferença apresentadas nas produções do curso de Letras-Libras, sem perder de vista tantas outras representações que circulam nas diferentes mídias, na literatura impressa, entre outros.

Assim, nesta etapa da escrita, inicio a apresentação e análise dos dados que produzem o corpus dessa pesquisa. Convido o leitor a partir daqui a caminhar comigo olhando através das minhas lentes, e espero que minha escrita forneça subsídios para outras investigações.

O projeto de pesquisa “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira” catalogou quatrocentos e sete (407) artefatos culturais, entre produções

editoriais, vídeos de livre circulação na internet e os materiais produzidos na disciplina de Literatura Surda do Curso de Letras-Libras. Tal classificação objetivou facilitar a visualização dos dados, produzindo subsídios para produções de gráficos, para o cruzamento de dados e otimização do registro dos materiais encontrados. Durante a pesquisa, também foram coletadas produções informais (de escolas, associações ou grupos independentes); no entanto, estas não foram catalogadas na mesma tabela, em decorrência de sua diversidade e formatos diferenciados (fotos, materiais artesanais, entre outros).

A coleta de dados possibilitou o contato com uma vasta diversidade de produções, uma multiplicidade de histórias que dizem sobre diferentes formas de ser surdo e de experienciar essa diferença a partir de espaços, regiões do país, e perspectivas diferenciadas, atendendo aos objetivos norteadores do projeto de pesquisa:

analisar os processos de significação envolvidos na produção, circulação e consumo dos artefatos pertencentes à cultura surda; entender os aspectos que estão envolvidos na produção, circulação e no consumo da cultura surda; dar visibilidade e contribuir com a divulgação das produções culturais das comunidades surdas. (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2011, p. 16)

Trabalharam no projeto pesquisadores de diversos níveis (graduação, mestrado, doutorado) e colaboradores de três instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); e Universidade Federal de Pelotas (UFPe), cada uma priorizando uma parcela das produções culturais, de modo a intensificar e aprofundar as análises a partir de cada recorte.

As produções foram catalogadas em uma planilha padrão onde se registrou vários itens de análise como título; autor; ano de produção, editoras/instituição responsáveis pela produção/divulgação; público-alvo; e tipologia textual (informativo, persuasivo e lúdico). O cruzamento de dados possibilitou uma série de análises, registradas e desdobradas em diferentes pesquisas tais como as dissertações de Müller (2011); Mourão (2011); Pinheiro (2011) e de modo pontual várias análises foram publicadas em capítulos no livro “Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações” (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-

LAZZARIN, 2011) lançado durante o Festival Brasileiro de Cultura Surda que foi a culminância do projeto, apresentando diversos achados do período da pesquisa.

Ao longo do projeto foram catalogados noventa (90) produções editoriais (entre livros e DVDs), tendo como principais instituições responsáveis pela produção e divulgação o INES/MEC, Arara Azul, LSB Vídeo, Paulinas, Ciranda Cultural, Feneis e Editora da ULBRA. Quanto ao público alvo, a maior incidência é o público infantil e infanto-juvenil, além de materiais dirigidos aos professores, de caráter informativo ou pedagógico. Cabe salientar ainda, em relação a esse grupo de materiais, que o projeto de pesquisa constatou que grande parte dessas produções é produzida por ouvintes (professores, fonoaudiólogos e outros profissionais da área clínica e educacional) o que pode ser um dos motivos para a tendência à medicalização da surdez, presente em grande parte dessas produções formalizadas pelo caráter editorial. Nos materiais produzidos por surdos é muito mais presente a perspectiva cultural do ser surdo, que dá ênfase a língua de sinais e a surdez como superfície sobre a qual se inscreve a identidade surda.

Em relação às produções com circulação livre na internet, cujo espaço de circulação e armazenamento destaque é o *Youtube*, evidencia-se uma grande diversidade de materiais tais como divulgação de eventos, piadas, histórias, vídeos informativos, entre outros. Um destaque interessante é que embora todos os vídeos elencados tenham atuação surda, em cerca de 34% dos materiais analisados há a participação de ouvintes na produção dos vídeos, na legendagem, editoração de fundo sonoro e narração (KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2011). Tal apontamento é interessante para se pensar o público alvo desses artefatos, uma vez em que em considerável percentual há também a intencionalidade de atingir a um público que não necessariamente seja usuário da língua de sinais.

Para esta pesquisa, optei fazer um recorte analítico, dando ênfase ao curso de Letras-Letras. Por esse motivo, apresento os dados referentes a este recorte na seção que segue, entendendo a necessidade de me demorar mais em alguns detalhes, uma vez que é este material que produz o *corpus* da pesquisa desta dissertação.

### 3.1 – LETRAS-LIBRAS: uma breve apresentação

O grupo de pesquisa da UFRGS catalogou cento e oitenta e três vídeos produzidos por alunos surdos e ouvintes dos cursos de bacharelado e licenciatura em Letras-Libras, dos polos da UFRGS, UFES, UEPA, IFET/GO, UnB, UFPR, Unicamp, UFSC, UFRN e UFGD. As produções foram organizadas em uma tabela, onde constam, entre outras questões, o título, a data de acesso, a tipologia textual, o autor, o contador, o tempo de duração, o público-alvo, a instituição responsável e uma breve sinopse<sup>29</sup>.

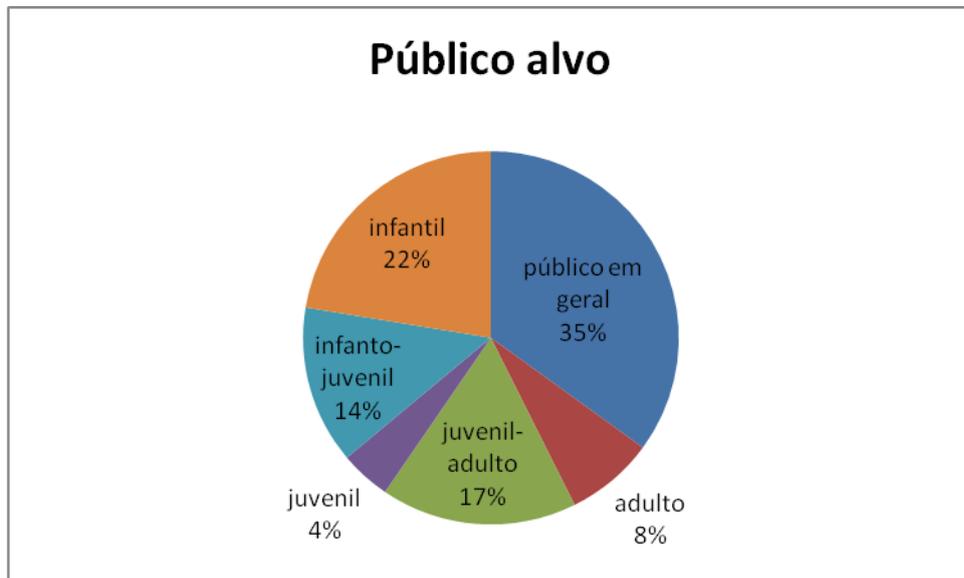
Cabe salientar que qualquer classificação, como a feita para a catalogação desse materialé arbitrária, ou seja, em muitos momentos foi necessário fazer escolhas para posicionar um vídeo em uma ou outra categoria, o que não significa que esta teria sido a única escolha possível. Essa dificuldade de posicionamento deu-se principalmente em relação à tipologia textual (lúdica, persuasiva, informativa<sup>30</sup>) e ao público-alvo (infantil, infanto-juvenil, juvenil-adulto, adulto, público em geral). O objetivo, no entanto, com essa catalogação foi facilitar a visualização dos dados, não “enquadrar” os mesmos em categorias.

Um ponto a ser levado em consideração é o caráter lúdico em quase totalidade do material, sendo que cento e oitenta e um (181) vídeos foram catalogados como pertencentes a essa tipologia textual, com apenas um vídeo informativo e um vídeo de tipologia persuasiva. Tal fator pode estar relacionado ao fato de que grande parte do material possui como alvo o público infantil (41 produções) ou o público em geral (64 produções).

---

29 A catalogação foi feita por bolsistas de Iniciação científica, mestrado e doutorado da UFRGS durante o período de execução do projeto de pesquisa.

30 As classificações foram definidas em reuniões com o grupo de pesquisa. Os itens de classificação foram utilizados para catalogação não somente dos materiais do Letras-Libras mas também para os demais como publicações editoriais e de circulação livre na internet.



**Figura 1 - Gráfico do público-alvo das produções do Letras-Libras**

Outra questão interessante é a recorrência das fábulas (43% do total de produções), o que pode estar relacionado ao interesse dos alunos em utilizar classificadores, com a presença de personagens animais<sup>31</sup>; pelo caráter possivelmente pedagógico dessas produções; ou pela maior facilidade em se falar sobre diferentes assuntos quando os personagens da história não podem ser confundidos com o contador da história, uma vez que não são humanos.

A presença de animais como personagens é bastante recorrente nas narrativas, não somente nas fábulas. Tal recorrência também é discutida por Silveira, Bonin e Ripoll (2010), ao analisarem livros de literatura infantil que tematizam a diferença. Destacam que “A escolha de animais (ou, em alguns casos, de objetos) como protagonistas é um recurso metafórico utilizado para abordar de maneira atenuada algumas temáticas conflitivas.” (SILVEIRA; BONIN; RIPOLL, 2010, p.101)

---

31 Os classificadores são um dos elementos da língua de sinais que representam visualmente os objetos e ações de forma quase que transparente, embora apresente características convencionadas de forma arbitrária (QUADROS; PIZZIO; REZENDE, 2009). Assim, é comum em língua de sinais que, ao apresentar animais caminhando por exemplo, seja evidenciado o formato das patas.

Inicialmente, no momento em que apresentei a proposta para esta dissertação, tinha como objetivo analisar a totalidade dos vídeos produzidos na disciplina de literatura do curso do Letras-Libras. No entanto, a banca, na época, sugeriu que se fizesse um recorte de modo a qualificar e aprofundar as análises, e eu concordei com esta recomendação.

O primeiro passo foi assistir a todos os vídeos e excluir do grupo de análise aqueles cuja qualidade técnica pudesse comprometer o entendimento do que fosse narrado. Após, estabeleci o critério de trabalhar com materiais com a presença de personagens surdos ou marcas da cultura surda, tais como a língua de sinais e a experiência visual, de modo a atender o objetivo de analisar as representações sobre a diferença surda. Por fim, também elenquei os vídeos que, para além da narrativa, trouxessem alguma discussão através de paratextos (introduções ou comentários finais) nas quais a questão surda fosse abordada.

Antes de partir para o enredo das narrativas, cabe ainda chamar a atenção para os títulos de algumas obras. Foram elencados vinte e quatro (24) títulos que evidenciam a temática surda, como a presença das mãos e personagens surdos.

Em grande parte dos títulos que trazem a presença das “mãos”, fica evidenciado o seu papel como via de comunicação, trazida de modo recorrente através do verbo falar. É interessante pensar que a palavra “falar” é vinculada à forma de comunicação dos ouvintes, enquanto aos surdos geralmente é recorrente o uso do termo “sinalizar”. Esses títulos marcam uma intencionalidade provocativa, no sentido de equiparar as formas de comunicação, afirmando que as línguas de sinais possuem tanto valor como as línguas orais. Além disso, tais títulos marcam a diferença surda através do uso da língua de sinais, por exemplo:

- *Menina bonita que fala com as mãos;*
- *Mão falante;*
- *Mãos que falam; (duas produções com esse título).*

E ainda há alguns títulos que trazem a presença do movimento das mãos, embora não explicitem seu papel comunicativo:

- *Mãos inquietas;*

- *O balé das mãos;*

A presença de personagens surdos ou marcação da temática surda de modo direto no título é frequente; pode-se inferir que isto seja decorrente da intencionalidade dos autores em chamar atenção para suas obras, no sentido de apresentar nelas traços da experiência de vidas surdas. É possível, também, já que grande parte dessas histórias está direcionada ao público infantil, que haja a preocupação de que a criança se identifique com as histórias e constitua sua identidade ao perceber semelhanças com os personagens representados, como pode ser observado nos títulos a seguir:

- *A cigarra surda e a formiga;*
- *Lua, a lobinha surda;*
- *Menino surdo;*
- *O leão e a rata surdos;*
- *Três porquinhos surdos;*
- *A formiguinha surda e a pomba;*
- *A cigarra e as formigas surdas;*
- *Girafa e o macaco surdo;*
- *Turma da Mônica Surda;*
- *Você precisa ser surdo para entender;*
- *Cocô de surdo e de ouvinte;*
- *Encontra cidade puramente surda;*
- *A fase do desenvolvimento do surdo e do ouvinte;*
- *O modelo do professor surdo;*
- *Navio pirata surdo*

Ainda elenco três títulos que, embora não tenham relação com as recorrências apontadas acima, abordam temáticas presentes em discussões da comunidade surda: (1) a discussão relativa ao uso de tecnologias para a “normalização” do surdo, como no caso do poema “Proibido implante coclear”; (2) a

experiência bilíngue, na qual as informações da sociedade ouvinte são acessadas pela tradução para a língua de sinais, como é evidenciado nos títulos “Bilinguismo junto com Libras” e “Uma tradução que quase não saiu”.

Além dos títulos, as produções também trazem reflexões a partir de sua estrutura: alguns vídeos são apenas sinalizados, outros possuem legenda em português (mais de 40% do total de vídeos<sup>32</sup>), alguns possuem imagens (28%) e áudio. Todas essas questões podem estar relacionadas à intencionalidade das produções, pois, de acordo com os recursos utilizados, o material pode atender a um público mais ou menos restrito.

Pode-se depreender da presença de legendas, ou da intercalação da sinalização com o texto escrito, por exemplo, a intenção de atingir a um público não fluente em língua de sinais, ou o objetivo de possibilitar que os surdos possam acessar as histórias em um formato bilíngue. A grande recorrência de ilustrações nas histórias pode ser vinculada ao público-alvo das narrativas, que é prioritariamente infantil, ao interesse de fazer alusão ao livro sobre o qual a história sinalizada é embasada, bem como à cultura visual em que os surdos estão inseridos.

Outro fator relevante foi a presença de personagens surdos em trinta e uma produções (de um total de cento e oitenta e um vídeos), no entanto, cabe salientar que algumas narrativas, embora dispusessem de personagens surdos citados no título, não havia nada na narrativa que diferenciasse esse personagem de um personagem ouvinte. Como todas as histórias foram narradas em Libras, até mesmo os personagens ouvintes geralmente utilizam esta língua, deste modo este não pode ser um dos critérios de seleção do material.

Desta forma, as produções foram escolhidas para compor o *corpus* analítico desta pesquisa a partir de seu conteúdo, tanto da narrativa, quanto dos paratextos que as introduziam ou concluíam/comentavam. Também foi levado em consideração o termo de consentimento livre informado (anexo 6), assinado pelos produtores dos

---

32 Esses percentuais são baseados no registro feito por pesquisadores da UFRGS na planilha de dados do projeto de pesquisa.

vídeos, autorizando o uso dos mesmos na pesquisa “Produção e Circulação da Cultura Surda Brasileira”, e a partir desses critérios totalizou-se trinta e sete vídeos.

Com o objetivo de oferecer ao leitor mais elementos das narrativas<sup>33</sup> que subsidiaram as análises presentes nas próximas seções dessa dissertação, apresento, no anexo 1, uma tabela com informações sobre as produções elencadas.

Acredito que um rápido olhar sobre a tabela já subsidie o leitor a perceber o caráter lúdico das produções, sua diversidade, bem como seu diálogo com outras literaturas, como os contos de fadas e fábulas clássicas. Outros elementos como a presença de personagens surdos e o gênero das produções também são relevantes para diferentes análises, mas não serão postos aqui em evidência por não contribuir efetivamente para o olhar sobre as representações colocadas em circulação pelas narrativas. Tais informações sobre os vídeos podem ser visualizadas na tabela geral dos vídeos, anexo 5 desta dissertação.

Como dito anteriormente, esta dissertação tem como pergunta norteadora: “Quais representações sobre a diferença surda circulam nas produções literárias dos alunos do curso de graduação em Letras-Libras?”. Desta forma, após a seleção do material, como estratégia metodológica, realizei a transcrição de todos os vídeos, ao mesmo tempo em que fui fazendo anotações sobre as impressões, sobre os modos com que cada história me interpelava, e de que modo o que era dito em uma narrativa se repetia, se comunicava com a outra.

Ainda nesse exercício metodológico, na tentativa de construir meu modo de pesquisar movimentando-me “de várias maneiras: para lá e para cá, de um lado para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas” (MEYER e PARAÍSO, 2012, p.15), afastando-me e aproximando-me, a cada temática abordada nas narrativas, buscava outras leituras que pudessem conversar com meu pensamento e impulsioná-lo, pois:

Nesse caso, não se trata de leituras apenas para serem sintetizadas ou para lembrar o que já sabemos. Trata-se de ler para aprender, para fazer

---

33 As narrativas cujo conteúdo tenha vários elementos trazidos para a análise, ou cujo enredo tenha sido percebido como imprescindível de ser trazido na íntegra, foram anexadas ao final dessa dissertação.

conexões inesperadas, para despertar nossos afectos felizes. Lemos esperançosas de que essas leituras possam nos estimular a ver algo desconhecido e a mobilizar nosso pensamento. (PARAÍSO, 2012, p.36)

Digo isso para afirmar que, embora existam objetivos, ou seja um ponto até o qual pretendia caminhar, os caminhos não são retilíneos, nem todo o percurso é sabido até que se ponha a percorrê-lo.

A partir daqui, convido o leitor a adentrar nas narrativas, não esquecendo de que na concepção a que me integro, narrar, falar sobre as coisas, acontecimentos e sujeitos (tal como os surdos, foco deste estudo), não é apenas descrever de modo neutro; tais narrativas participam da produção daquilo que descrevem e apresentam (SILVEIRA; BONIN; RIPOLL, 2010).

#### **4. PARATEXTOS: PARA ALÉM DA NARRATIVA**

Através da educação, as gerações transmitem as normas, as regras, a cultura para a geração seguinte. As histórias orais e escritas têm estado presentes nesse processo ao longo dos séculos. Na Bíblia, por exemplo, nos livros do Evangelho, em inúmeras vezes, aparece a figura de Jesus transmitindo seus ensinamentos aos discípulos através de parábolas.

Inúmeras também são as histórias, atribuídas a Esopo, cujos personagens, embora animais, possuíam comportamentos geralmente atribuídos aos humanos, os quais transmitem, ao longo dos séculos, reflexões a respeito do comportamento e das atitudes morais. Esopo, embora não tenha deixado registros escritos, é considerado o “pai” da fábula como gênero literário, gênero este que é conhecido pelo final explicitamente pedagógico no qual a “moral da história” é apresentada.

De modo mais contemporâneo, a literatura infantil, capturada pela indústria cultural, tem colocado em evidência a finalidade da literatura para ensinar às crianças. Nesse sentido Silveira, Bonin e Ripoll (2010, p.98) comentam que a literatura depende da escola para produzir seus leitores, mas também “tem servido, conforme os diferentes ideários inspiradores dos planos curriculares, como pílula edulcorada para formar, informar, ensinar e conformar”. Assim, não são raros os livros que tematizam conteúdos presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ou tratem de temas vinculados a normas comportamentais ou cuidados com o planeta.

Assim, embora a literatura infantil tenha como alvo o público infantil, muitas vezes ela se direciona ao adulto, como aquele que sanciona, estimula ou apresenta a literatura para a criança. Esta questão é evidenciada nos paratextos: prefácios, comentários, entre outros textos que acompanham a narrativa, muitas vezes

acrescentando elementos a ela que direcionam a leitura, definem expectativas, e estimulam usos<sup>34</sup>.

Tais paratextos não são encontrados apenas na literatura escrita, mas pode encontrá-los também na literatura sinalizada do curso de Letras-Libras. Eles aparecem como comentários ao final das narrativas, em introduções, algumas vezes argumentando sobre a narrativa em si, outras vezes fazendo relações com situações para além da história, apresentando possíveis leituras para elas. Em relação aos paratextos Silveira, Bonin e Ripoll (2010, p.99) salientam que

Mesmo que não integrem o cerne do livro – que seria constituído pela apresentação de uma narrativa por meio da junção texto verbal/texto imagético -, os paratextos não deixam de definir expectativas de leitura e intenções editoriais (francamente educativas como veremos), e, de certa forma, comandar a escolha do livro (em especial pelo destinatário adulto) e sua leitura.

Cabe enfatizar que, no caso do material em análise nesta dissertação, os paratextos assumem objetivos um pouco diferentes dos apontados por Silveira, Bonin e Ripoll, uma vez que não há interferência editorial, por se tratar de uma atividade proposta para uma disciplina do curso de Letras-Libras. Além disso, diferentemente dos livros impressos, não há como acessar os paratextos separadamente à narrativa, pois, tudo se apresenta em um mesmo arquivo digital, sendo a separação feita pelos autores através da troca do sujeito sinalizante.

Nesta seção me deterei na análise destes materiais. Optei por colocá-los separadamente por entender que eles não fazem parte da narrativa em si, mas acreditei ser importante trazê-los para as análises pelo seu caráter persuasivo, pedagógico e direto em reforçar ideias e conceitos, apresentando com clareza os objetivos dos produtores das narrativas. Dois pontos foram centrais nesses materiais: o interesse pedagógico das narrativas e o valor destacado ao processo

---

34 Ao utilizar o termo “uso” para a literatura não pretendo, de forma alguma, reduzir a literatura a um recurso. Quero apenas chamar a atenção para o fato de que a literatura em sala de aula nem sempre é escolhida pela sua literalidade, ludicidade ou valor estético.

tradutório para a língua de sinais. Tais questões serão discutidas nas seções que seguem.

#### 4.1 “MORAL DA HISTÓRIA”: a literatura como recurso pedagógico

Em várias produções culturais do Letras-Libras, ao final da narrativa, havia espaço para comentários. Neste momento, em algumas ocasiões, os integrantes do grupo responsável pela produção explicavam os motivos para a escolha da narrativa, razão esta que poderia impulsionar o interlocutor a escolher trabalhar com esse material. Desta forma, o motivo para a escolha das narrativas pelo grupo, muitas vezes era vinculado ao caráter pedagógico, abordado seja pela “moral” apresentada ao final da história, seja por frases explicativas sinalizadas em comentários posteriores à narração.

Pressupondo que uma considerável parcela das produções analisadas foi direcionada ao público escolar, uma vez que grande parte das histórias foram consideradas literatura infantil, pode-se supor que a escolha de fábulas histórias que trazem ensinamentos, como “Quem tudo quer, tudo perde” (vídeo 13 – O cão e a sombra) e “Nunca desista de seus sonhos” (vídeo 14 – A Raposa e as uvas) evidenciam o desejo de estimular aspectos morais e éticos para a vivência em sociedade e para o desenvolvimento crítico de sujeitos.

Para os surdos, que muitas vezes têm o primeiro contato com a língua de sinais somente na escola, para os quais as informações muitas vezes são inacessíveis ou incompletas em decorrência da falta de acessibilidade de grande parte das mídias e da comunicação restrita com familiares, a escola constitui-se como um espaço não somente para o aprendizado dos conteúdos curriculares, mas também de aspectos relativos à vivência em sociedade e de conhecimentos gerais sobre os mais diferentes assuntos. Deste modo, a literatura tem sido utilizada largamente como meio de acesso dos alunos às normas, condutas e modos de ser

perante a cultura em que estão inseridos. O excerto<sup>35</sup> a seguir ilustra este argumento:

Tem o porquinho esperto, inteligente que constrói sua casa de pedra. As crianças veem que ele é inteligente e veem o outro que não planeja nada, é preguiçoso, não tem vontade, não se desenvolve, é desestimulado e percebem as faltas dele. Já em relação ao outro porquinho, que tem paciência, elas gostam porque ele tem vontade, se esforça, enquanto o outro não. Isso ajuda o professor a ensinar as crianças que elas têm que estudar, que não podem ter preguiça, precisam se organizar, se esforçar. Também podem ver o lobo, fora, na rua, é um exemplo para que as crianças que brincam na rua, saibam que precisam ter cuidado com os assaltos, roubos, entre outras coisas. As crianças sabem que no futuro terão de trabalhar, no futuro precisarão de dinheiro. Outras crianças não querem trabalhar, são preguiçosas, querem ficar em casa, sendo sustentadas pelos pais, há muitos assim. A moral da história dos três porquinhos é muito importante.

(36 – Os três porquinhos)

Este paratexto é direcionado ao professor. Tal direcionamento objetiva oferecer a possibilidade de apresentar histórias, como a dos três porquinhos, para estimular valores importantes no ambiente escolar como a produtividade, a organização e o esforço, bem como a formação de sujeitos mais independentes, conscientes da importância do trabalho.

Assim como é apresentado o sujeito desejável, também é apresentado o seu revés, aquele que é o mau exemplo, no caso um sujeito preguiçoso e sustentado pelos pais. Talvez tal comentário faça referência aos surdos que vivem de pensão ou passam a vida sem se tornarem independentes, contrariando a narrativa recorrente de que o sujeito surdo é ativo, eficiente e que se diferencia pelo uso de uma língua visual.

No comentário final do conto “Lua, a lobinha surda” são apresentados diferentes modos de ser surdo, e novamente há um sujeito desejável e outros que representam o seu oposto, ou modelos que não devem ser seguidos:

A loba surda lutou na sociedade de ouvintes para mostrar a capacidade da língua de sinais.” O rinoceronte é aquele que oprime os demais, é ríspido [...] que não aceita, não aceita a

35 Os excertos foram traduzidos da Libras para o português por mim, exceto no caso em que a história contasse com o recurso de legenda. Os excertos transcritos a partir de legenda serão evidenciados através de nota de rodapé.

cultura surda, despreza os demais, se achando superior e poderoso, e falta com respeito para com o defeito dos outros.

A preguiça é o surdo, por exemplo, há alguns surdos que dormem, são acomodados, não se preocupam com o futuro dos surdos, não pensam na maioria.

(Vídeo 32 – Lua, a lobinha surda)

No excerto acima, é evidenciado o modelo surdo como aquele que participa politicamente da comunidade surda, que se preocupa em lutar por seus direitos e impor seu modo de ser perante a sociedade ouvinte. São apresentadas também outras possibilidades de ser surda, que além de não serem benquistas podem se tornar um perigo para a segurança da comunidade surda.

Aqui cabe lembrar as palavras de Bauman acerca da comunidade (2001): “os aspectos em que somos semelhantes são decididamente mais significativos que o que nos separa; significativos bastante para superar o impacto das diferenças quando se trata de tomar posição” (BAUMAN, 2001, p.203). Desse modo, não é que os interesses dos surdos sejam idênticos em todos os sentidos, mas é necessário que os aspectos semelhantes sejam mais significativos, ou seja, para a segurança da comunidade surda é necessário que ela se apresente com objetivos os mais homogêneos possíveis. A comunidade é um abrigo, e existem regras para que se possa usufruir deste “local seguro”, tal como lutar pela sobrevivência deste espaço:

A loba pede, chama para a luta, solicita ajuda nas lutas, para salvar a língua de sinais brasileira. O preguiça não se preocupa, diz que não precisa ajudar, prefere ficar acomodado. Existem alguns surdos como ele.

(Vídeo 32 - Lua, a lobinha surda)

Assim, existem modos de ser surdo que prejudicariam o equilíbrio dessa comunidade, tal como o modelo personificado em um rinoceronte, que é o surdo que se acha melhor que os demais, não aceitando a cultura surda e os modos de viver surdos. Tais características se assemelham ao que Rutherford (1993, p.119)

denomina ser um sujeito “think-hearing<sup>36</sup>”: “alguém que parece ser um membro da comunidade, mas que pensa muito mais como um ouvinte” (tradução nossa)<sup>37</sup>.

Outro modo de ser surdo trazido no comentário anterior é apresentado através da figura do bicho preguiça, um animal caracterizado, sob o ponto de vista humano, pela pouca atividade, pela passividade, características essas que se opõem a um modelo desejado se ser surdo: ativo, que luta pela comunidade a que pertence. Esse sujeito-preguiça seria um sujeito acomodado, que não pensa para além de si mesmo, que não busca nada além do que já lhe foi conquistado.

Neste sentido Rutherford (1993, p.120) salienta o perigo que essas “identidades surdas marginais” podem causar para a comunidade surda:

Estes grupos de identidade marginal fazem o maior dano ao mundo surdo quando a maioria ouvinte erroneamente os vê como representantes de todo povo surdo. A maioria pode, então, ter inúmeras falsas conclusões: de que todas as pessoas surdas podem falar (ou querem falar); que todos os surdos podem ler os lábios; que as pessoas surdas não precisam de intérpretes e assim por diante<sup>38</sup>.(tradução nossa)

Cabe, no entanto, pensar na pluralidade do ser surdo, e na impossibilidade de eleger características que melhor descreveriam um suposto verdadeiro modo de participar da comunidade surda, ou uma identidade mais legítima. Há, entretanto, no material analisado, representações circulantes sobre o ser surdo e valores atribuídos a elas.

Partindo deste entendimento, há identidades que, além de não serem desejáveis, são conflitantes com as identidades almejadas. Assim, a partir dessas caracterizações, pode se supor que há valorização daqueles que lutaram pelo reconhecimento da língua de sinais (tal como a lobinha Lua, que lutou para ser

---

36 Em uma tradução literal poder-se-ia dizer que é aquele que “se pensa ouvinte”.

37 No original “who appears to be a member of the community, but who thinks more like a hearing person.”

38 No original “These marginal identity groups do the most damage to the deaf world when the hearing majority mistakenly views them as representative of all Deaf people. The majority may then come to any number of false conclusions: that all Deaf people can speak (or want to speak); that all Deaf people can read lips; that Deaf people can do without interpreters and do on”

aceita), mas, há também preocupação em relação a outros aspectos que ainda precisam ser alcançados (por isso a importância de não se acomodar como uma preguiça). Nesse sentido, comentam Thoma e Klein (2010, p. 112) que:

Em alguns momentos de encontros entre lideranças surdas, muitas vezes são sinalizados sentimentos de nostalgia e decepção pela mudança no ritmo das lutas dos movimentos surdos. Muitos desses líderes entendem que o momento histórico, as configurações políticas, sociais e culturais interferem nas pautas e nas possibilidades de articulação. Em dado momento, as lutas eram mais unificadas e, por isso mesmo, indicavam maior mobilização – a reivindicação pela oficialização da Libras é um exemplo disso. Porém, o povo surdo não é homogêneo, nem o são suas aspirações; por isso, as lutas pulverizam-se, fragmentam-se, ressignificam-se.

A representação vinculada à identidade surda almejada seria, portanto, como a apresentada por Müller (2012, p.48), “uma identidade 'combativa', 'reativa', de 'minorias', de luta”; uma identidade que assume sua diferença, pela luta e pelo ativismo. Tal representação conversa com uma narrativa, que valoriza o surdo como um sujeito ativo, empenhado na busca de seus objetivos, conforme comentário a seguir:

Os ouvintes vencem em tudo e dizem que os surdos não sabem trabalhar. Mas os surdos conseguem, eles têm capacidade. Quando os surdos vencem os ouvintes pensam “Como?! O surdo é capaz de se desenvolver?”. [...] Outro exemplo são os intérpretes: um intérprete fluente olha para o outro e pensa: “ele é fraco”, e o tempo vai passando e esse intérprete fica melhor que o primeiro, mais fluente, com uma língua de sinais pura, perfeita. Como ele conseguiu isso? Participando da comunidade surda, tendo contato frequente com surdos e assim se superou. É preciso ter cuidado, não pode pensar que sempre vencerá, que é melhor que os outros, que os outros são inferiores. Cuidado! O outro tem capacidade de se desenvolver e vencer, e será bem feito. Cuidado, as pessoas se acham superiores, naturalmente vencedoras e desprezam os demais.

(35 – A tartaruga e a lebre)

Aqui o paratexto chama o interlocutor para compreender os significados postos na história; aparentemente este comentário conversa diretamente com a criança ou com a pessoa que estaria em contato com a narrativa como interlocutor final, convidando-o a tomar cuidado com suas ações e seus modos de pensar.

A partir do exemplo da tartaruga e a lebre, chama-se atenção para diferentes situações em que aquele que vence não é o favorito à vitória, evidenciando-se que

não se deve fazer julgamentos prévios. Ainda é importante salientar as situações trazidas no comentário: o surdo como aquele que é visto pelos ouvintes como incapaz; e a concorrência entre os intérpretes, colocando em evidência a importância de que esse profissional tenha contato com a comunidade surda para aprimorar a sua sinalização.

No vídeo 82, intitulado “A lebre e a tartaruga” é feito um comentário que segue na mesma linha de pensamento: a lebre, no entanto, é caracterizada como aquela que se orgulha de si mesma, que se acha superior aos demais. O paratexto destaca que é preciso que surdos e ouvintes se unam, compartilhem seus saberes, se ajudem mutuamente, uma vez que suas diferenças não os diferenciam, no que tange a uma questão de competência. Esta narrativa é também encontrada comentário final do conto “A aranha”:

Vocês perceberam que a história da Aranha subindo no prédio é a mesma história dos surdos e dos ouvintes? Pois na história as pessoas riram da aranha, mas ela superou o limite imposto e subiu ao topo. Os surdos são capazes, surdos e ouvintes são iguais, todos nós somos iguais.

Vocês percebem que os ouvintes riem dos surdos, mas eles ignoram, não deixam que isso os afete, assim como na história da aranha.

(47 – Aranha)

Neste excerto, novamente, o sujeito ouvinte é representado como aquele que nega a capacidade dos surdos, ou de modo pontual nesta narrativa, também como aquele que além de não acreditar, debocha dos surdos. O interlocutor surdo então é convidado a ignorar e não deixar que essas provocações aparentemente recorrentes, afetem sua autoestima e seu desempenho na vida.

O que talvez seja destaque nestes excertos é que não existe alguém “naturalmente vencedor”, e que cabe a cada um lutar por seu sucesso. Mais uma vez o discurso da luta, do esforço para superação de expectativas e o valor do trabalho duro é posto em evidência. Tal narrativa também é marcada como recorrente em outras produções sobre os sujeitos considerados diferentes. Conforme salienta Müller (2012, p. 61), ao analisar marcas culturais em histórias de

vida de sujeitos surdos, cegos e com deficiência física, é regular a apresentação de condutas de pessoas que “superam seus próprios limites e as expectativas da sociedade” e que esse sucesso “depende de cada indivíduo, o qual deve servir de exemplo para os demais sujeitos, principalmente de seu grupo cultural”.

Acredito ser importante salientar que, embora o paratexto faça parecer que as crianças fazem todas uma mesma leitura da história, não é desta maneira que as narrativas funcionam. Mesmo que exista um objetivo daquele que produz ou utiliza o texto em sala de aula, as possibilidades de leitura são múltiplas, pois tal como Costa (2009, p.3), considero leitura como uma “prática cultural que implica apropriação, invenção e produção de significados” e nesse sentido

o texto (que no campo de análise dos Estudos Culturais contemporâneos pode ser um livro, um poema, um quadro, uma peça publicitária, um filme, uma fotografia, e assim por diante...) não tem seu sentido aprisionado, fixado pelo autor, pelo divulgador, ou pelo leitor. (COSTA, 2009, p.3)

Tal pressuposto, no entanto, não implica que não haja produção de significados no jogo de produção e leitura do texto, até mesmo porque é esta a preocupação desta dissertação. Quero apenas salientar que não há um caminho retilíneo e que seja possível saber de modo prévio o que as narrativas podem produzir, embora possa se fazer algumas possíveis leituras, que podem nos dar pistas.

Talvez, justamente por entender que o autor não controla totalmente a escolha de como o leitor ou interlocutor irá se apropriar do texto elaborado, várias produções trazem um comentário final que explicita os objetivos da narrativa, explicam as opiniões e/ou sentimentos dos autores ou intérpretes das histórias, afunilando as possibilidades de leitura. Isto é evidenciado no paratexto a seguir:

<p>O poema mostra dois irmãos muito unidos. A menina teve um sonho, estimulado pelo fato de ela se sentir incomodada com as discussões dos pais sobre implantar o filho ou colocar aparelho, e por eles não aceitarem a língua de sinais. Ela se sentia perturbada, pois queria o contato com o irmão, unir-se a ele, se comunicar.</p>
---

Em razão de que, com a língua de sinais, ele se sentia animado em conversar, se comunicar em Libras, ela percebia que a comunicação entre eles era possível e ela sentia prazer nisso.

(37 – O menino surdo)

Na parte inicial do poema “O menino surdo” a menina coloca os fones de ouvido e adormece e neste sonho vê o irmão ter a possibilidade de escolher três portas que representam caminhos diferentes a seguir. O comentário final, apresentado há pouco, no entanto, traz uma descrição minuciosa dos sentimentos da menina e dos motivos que a levaram a ter o sonho.

É interessante que este formato de paratexto, detalhadamente explicativo, é mais recorrente em poemas, talvez justamente por esse ser um gênero literário que muitas vezes é mais subjetivo e aberto a interpretações mais diversificadas.

No caso de “O menino surdo”, no comentário apresentado ao final, praticamente se apresenta o pano de fundo do poema, e são destacados personagens que sequer são mencionados explicitamente na narrativa: os pais, a quem o paratexto atribui ações e sentimentos.

No sonho eles (irmãos) podiam se comunicar e o menino podia se desenvolver através da Libras. No entanto, os pais não queriam a língua de sinais pois pensavam que com ela o menino não iria progredir. [...] Durante o sonho, [...] ela viu a verdade, viu o que poderia acontecer, e sabia que a escolha deveria ser da criança que queria se comunicar. Se os pais resolvessem por implantar o bebê, no futuro o menino poderia culpar os pais, ficar depressivo ou não se sentir feliz.

Os médicos pensam o que é melhor para eles e os pais acreditam. Eles não acreditam nos conselhos da escola, de que o implante não é bom, que é importante aceitar a natureza da criança, que a língua de sinais é natural para ela.

Os pais não acreditam na escola e se submetem ao médico. Achrom que o médico é melhor, que o implante coclear é mais adequado e que a língua de sinais não tem valor.

(37- O menino surdo)

Neste paratexto, inúmeros elementos, para além dos trazidos no poema, que antecede o comentário, são abordados, tal como o poder do discurso médico em comparação ao discurso escolar. Também é utilizado um vocabulário afirmativo que impulsiona a leitura do interlocutor à intenção dos produtores da narrativa. Utilizam-

se frases enfáticas, ao falar sobre a língua de sinais e a negação ao implante coclear, como “ela viu a verdade” e “o implante não é bom” que não dão abertura a questionamentos, uma vez que fazem afirmação de modo aparentemente indubitável. Em contrapartida, encontramos frases como “os pais não queriam a língua de sinais, pois **pensavam** que com ela o menino não iria se desenvolver”, “**Acham** que o médico é melhor, que o implante coclear é mais adequado e que a língua de sinais não tem valor”. Assim, nesta narrativa, o prazer e a efetividade da língua de sinais são questões seguras, já o sucesso do implante coclear, por exemplo, não é seguro.

O recurso do sonho, na narrativa, também é potente, pois é apresentado como um momento em que algo é revelado à menina, em que todas as dúvidas, que ela conscientemente não conseguia responder, tornam-se mais claras e fáceis de serem solucionadas.

Na parte final do paratexto, a personagem da narrativa ganha vida e comenta a história da qual faz parte, conversando diretamente com seu interlocutor, afirmando que ela, ouvinte, é aceita pelos pais da forma que é; mas o irmão, surdo, precisa se adaptar a outros modos de ser que não condizem com a sua “natureza” ou com a forma de comunicação que lhe dá prazer. Aqui o implante coclear é trazido como aquele que muda o curso do que é natural ao surdo, ou seja, o surdo não é apresentado como um ouvinte que não ouve, mas como um sujeito diferente, “naturalmente diferente”.

É por isso que na história a menina estava preocupada, porque queria que o irmão fosse naturalmente surdo: “pois se eu sou ouvinte e me respeitam assim, porque não fazem o mesmo a ele, se podemos nos comunicar assim? Aí está o problema”

(37 – O menino surdo)

Cabe salientar, ainda, em relação a este paratexto, a representação que implica no entendimento de um modo “natural” de ser surdo: um sujeito que se comunica com a língua de sinais e que não se submete a procedimentos que tentam

lhe ampliar a audição. Chamo atenção para este ponto, para discutir que, embora eu compreenda que os procedimentos médicos tentam modificar ou negar o modelo de sujeito surdo defendido por grande parte das narrativas, não é possível dizer que exista um modo natural de ser surdo, ou de ser ouvinte tampouco, pois todos somos produzidos na e pela linguagem.

Percebe-se, com a análise do paratexto do poema “O menino surdo”, que o papel do paratexto vai para além de explicar ou chamar atenção para a narrativa, mas conversa com o interlocutor, trazendo elementos para além do que é explícito na história. Em um dos excertos, por exemplo, é apresentado fortemente o papel do discurso médico, mas esse não é abordado durante o poema no qual o paratexto em questão se insere.

No exemplo a seguir, o mesmo acontece. Na história “A bruxa treina mágicas”, uma bruxa vai conjurando elementos ao estudar em um grande livro de magia. Durante a narrativa ela convoca, através da magia, diversos elementos: uma flor azul, um gato, um cachorro, um óculos pequeno, um óculos maior, uma menina surda e um livro sobre a linguística da língua brasileira de sinais, mas em nenhum momento da história são discutidos os significados destes elementos. No paratexto, no entanto, direcionado aos futuros professores surdos, são explicados os sentidos atribuídos a cada etapa da narrativa, fazendo relações com elementos da cultura e identidades surdas:

Vou explicar o porquê de cada ítem: A flor azul, por que azul? Bem, azul é a cor do orgulho surdo, da cultura surda. O gato não significa nada, é que a bruxa ainda estava aprendendo (a fazer mágicas), o cachorro também, ela estava praticando, aprendendo mais uma vez. Os óculos são porque os ouvintes veem pequeno, já os surdos veem grande, possuem uma visualidade ampliada, uma grande capacidade de percepção e apreensão através da visão e assim se tornam fluentes em língua de sinais e desenvolvem o raciocínio. A última, a menina surda querida se comunicar com a bruxa, mas ela não sabia como. Então a bruxa fez algo para que pudesse estudar, conjurou um livro de surdos, leu, leu, aprendeu e passou a sinalizar, se comunicando melhor, assim como eu professora surda.

(39 – A bruxa treina mágicas)

A partir do paratexto percebe-se o processo de aproximação da personagem aos elementos da cultura surda: quando ela conjura a flor que para ela ainda não tem significado, sendo jogada fora logo em seguida, ela não estava percebendo o

valor do orgulho de ser surdo, pois nunca havia tido contato com isso. A bruxa cheira a flor, acha bonita, mas a joga fora, como se, ao entrar em contato pela primeira vez com elementos da cultura surda, ela pudesse ter uma certa apreciação, mas que não passaria disto, tal como um ouvinte que, ao assistir uma palestra sobre literatura surda, acha bonito, mas não se interessa em aprender a língua de sinais.

Seguindo na narrativa, a bruxa amplia sua visão, colocando óculos que a fariam ver tal como um surdo, que possui uma experiência visual mais aprofundada e portanto percebe o mundo de modo diferente ao ouvinte, tal como é marcado no paratexto. Por fim, a bruxa aprende a língua de sinais e a partir disso não há mais barreiras para que ela se aproxime da menina surda.

Fica evidente a representação do ouvinte como aquele que “vê pequeno”, que necessita de um recurso para ter a visão ampliada tal como a dos surdos. Os surdos, por outro lado, são representados como aqueles que veem longe, percebem e se comunicam com o mundo através de uma percepção visual aguçada. A diferença surda é motivo de orgulho, orgulho esse colorido de azul.

Como é possível reparar, a partir dessas análises, alguns comentários posteriores às narrativas retomam toda a história contada, enfatizando alguns tópicos e fazendo algumas ponderações, e assim procuram conduzir o interlocutor para uma única compreensão. O excerto a seguir é exemplo disso:

O papagaio é oralizado, sabe falar. O macaco sinaliza. Ambos estão separados em suas próprias formas de viver que destoam. Um não sabe oralizar, o outro sabe sinalizar, e então ficam separados, não se respeitam, não dialogam.

(73 – O papagaio e o macaco)

Esse paratexto é trazido após um pequeno poema, em que dois personagens são apresentados, sem sinais ou falas, apenas aparecem na tela alternadamente, um mexendo a boca o outro, as mãos. Assim, o paratexto, neste caso, apresenta-se como um objetivador para as informações pouco precisas da narrativa. A diferença, destacada na forma em que entre surdos e ouvintes, ou entre surdos sinalizantes e oralizados se comunicam, é fator de distanciamento. A falta de diálogo e ausência

de uma tentativa de aproximação entre as partes é vista como falta de respeito, e assim, mais uma vez, a diferença não é um problema, mas a forma com que se lida com ela.

Por fim, cabe ainda pensar a literatura sinalizada como um artifício para o aprendizado da língua de sinais, tal como a literatura escrita foi e é amplamente utilizada como recurso para o ensino da leitura e da escrita. Nesse sentido, cabe discutir que o sentido da literatura não deve ser restrito à sua “utilidade”, mas vinculado ao prazer do texto (independente do seu formato, língua ou suporte), à possibilidade de estimular a imaginação, à reflexão e à produção a partir dela.

#### 4.2 TRADUÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE ACESSO À LITERATURA

O grupo pesquisou a literatura surda, pensando em como trabalhar com as crianças, pois as crianças precisam ter consciência de como funciona a vida em geral [...]. Também é importante essa tradução para a Libras, para que sintam-se surdos, na cultura surda.  
(18 - A barriga e os membros)

Início esta seção com este excerto, pois veicula o que eu vinha discutindo até o momento - sobre o papel pedagógico dos paratextos e das narrativas - e o que seguirei dissertando nesta etapa da escrita: os valores atribuídos à tradução das narrativas, ou ao acesso das histórias em língua de sinais.

Em vários excertos, para além do conteúdo das narrativas, evidencia-se a relevância do contato com histórias em língua de sinais. É destacada a facilidade de compreensão do texto quando sinalizado; o direito de produzir e ter acesso às informações na língua que lhe é mais familiar; tal como é destacado do comentário anteriormente apresentado, sobre a importância do acesso à literatura em língua de sinais, no sentido de constituição da identidade surda.

Embora a língua de sinais tenha sido reconhecida nacionalmente, ainda são poucos os espaços em que ela é valorizada tal como a língua portuguesa. Certamente é preciso levar em consideração o relativamente pouco tempo em que a Libras vem sendo estudada, o curto período em que já existem leis que assegurem

acesso a ela, bem como a recente democratização dos aparatos tecnológicos que facilitam o seu registro e divulgação (tal como câmeras e a internet). No entanto, é importante salientar que os usos que se faz dessa língua estão diretamente relacionados ao *status* atribuído a ela; assim, proporcionar o acesso à literatura, traduzida ou produzida em língua de sinais é algo que pode modificar os olhares acerca desta língua.

Susan Rutherford (1993, p.11), ao comentar sobre o estudo realizado por Stokoe em 1969, discute os usos da língua de sinais americana (ASL) em comparação aos usos do inglês nas escolas dos Estados Unidos na época; a partir disto apresenta alguns efeitos em relação ao *status* atribuído a cada uma dessas línguas:

O inglês é utilizado em situações formais como a sala de aula, salão de conferência, púlpito, etc., enquanto a ASL é encontrada em cenários mais informais de pequenos grupos e em conversas íntimas. A comunidade geralmente reconhece o inglês como superior (isso quando eles consideram ASL uma língua passível de comparação). (Tradução nossa)<sup>39</sup>

Embora o cenário sobre o qual a pesquisadora comenta seja outro, a citação contribui para a reflexão sobre a relação entre os usos e o *status* das línguas. Mesmo que a língua de sinais possa ser a mais prazerosa e mais acessível aos surdos, se essa não estiver presente na vida dos mesmos para além da comunicação entre pares, ela não assumirá o prestígio das línguas às quais eles recorrem para buscar informações, se instruir, estudar, etc.

Desta forma, quanto maior for o acesso das crianças, tanto surdas quanto ouvintes, à literatura em Língua de Sinais, com maior possibilidade esta língua poderá ser aceita como tal nas mais diferentes esferas da sociedade.

Tal como discute Müller (2012, p.68) “para as crianças surdas, a literatura surda é um meio de referência e também cria um meio de aproximação com a

---

39 No original “ English is used in formal situations such as the classroom, lecture hall, pulpit, etc., whereas ASL is found in the more informal settings of small groups and intimate conversations. The community generally regards English as superior (if they even consider ASL a language capable of being compared).”

própria cultura e o aprendizado da sua primeira língua, que facilitará na construção de sua identidade”. Assim, ao entrar em contato com a literatura produzida em língua de sinais a criança vai constituindo significados para essa língua, vendo possibilidades produtivas para a mesma, tal como ela observa ao ver os usos do português escrito na sociedade.

Ainda em relação ao valor social da produção literária em Língua de Sinais, cito Mourão que, ao relatar o seu contato tardio com a Libras e sua relação não muito satisfatória com a literatura escrita em português, relembra o dia no qual assistiu a apresentação de um poema em Língua de Sinais:

De repente, fiquei emocionado, cheio de “árvores” na pele e fiquei com lágrimas nos olhos brilhantes, pois eu nem esperava tanto assim. Poema surdo me fez descobrir que a Língua de Sinais se tornou minha primeira língua, a minha língua própria, e o português minha segunda língua. Isso faz parte da cultura surda e me identifica como surdo (MOURÃO, 2011, p. 31-32).

Situação bastante parecida é evidenciada no comentário final da fábula 33 - “A lebre e a tartaruga”, quando o surdo sinalizador da história comenta que na escola já havia entrado em contato com as fábulas em livros, mas foi realmente tocado pelas narrativas quando viu o vídeo “Fábulas em Libras” produzido por Nelson Pimenta, que lhe fez perceber a importância de produzir e traduzir histórias em língua de sinais, para que outros surdos como ele também pudessem ter experiências como a dele.

Assim, a literatura sinalizada apresenta aos surdos a possibilidade não somente de entrar em contato com o prazer literário, mas também evidencia a possibilidade de eles também se constituírem como pertencentes a um grupo cultural, cuja língua compartilhada é a Libras.

Para além dessas questões, os artefatos analisados apontam para a necessidade de acesso dos surdos aos diversos gêneros literários e informações diretamente em sua língua primeira. Desse modo, são recorrentes as traduções de obras como as histórias bíblicas e contos clássicos infantis. Tal objetivo é explicitado no vídeo 15, sob título “Os três porquinhos”.

Por que escolhemos o tema “Os três porquinhos?”. Para possibilitar que crianças e adultos vejam, em Libras, essa história.

(15 – Os três porquinhos)

É possível perceber que há interesse em dar aos surdos o acesso à literatura registrada diretamente em Língua de Sinais, o que não era possível há poucas décadas. Tal movimento não implica o abandono da literatura escrita, até porque várias produções fazem referência ao livro do qual a história foi selecionada, apresentam textos escritos intercalados com a sinalização, ou contam com o recurso das legendas. No entanto, o registro da literatura em língua de sinais institui uma possibilidade de acessar as informações de modo bilíngue, tanto no formato impresso acessível às crianças há vários anos, quanto sinalizado, disponível no formato digital.

Essa discussão sobre o acesso à literatura também abre espaço para a questão do acesso às informações de um modo mais amplo, na televisão, na internet, e em tantos outros espaços no qual apenas o português escrito, quando muito, se faz presente. O fragmento a seguir foca principalmente no acesso das crianças surdas, mas a discussão da comunidade surda sobre o direito a legendas ou a janelas de intérprete na televisão vem de longa data, ainda com poucos programas que disponibilizam esses recursos. A internet surge como um espaço um pouco mais democratizado, por ter muitos materiais escritos e possibilitar um maior intercâmbio de informações entre surdos e entre surdos e ouvintes, diretamente em língua de sinais através de vídeos postados na rede. No entanto, para as crianças, que ainda não são alfabetizadas ou não têm o mesmo contato com essas tecnologias, o acesso às informações se restringe muitas vezes ao espaço escolar.

Vocês viram a história da ovelha? Isso aconteceu há muito tempo. Essa é uma história que combina com as crianças surdas, porque no Brasil, no século XXI, não temos a língua de sinais, não há uma Bíblia completamente traduzida para a língua de sinais, somente escrita, para os ouvintes. As metodologias, os desenhos (animações televisivas) e a internet também priorizam os ouvintes.

Agora, nós estudando no Letras-Libras estamos experimentando produzir novas histórias em língua de sinais, divulgando-a. Mostrando às crianças surdas, a bíblia em Libras elas conseguirão compreender.

[...]

Essa história combina com crianças surdas, pois em todas as escolas os materiais são adequados aos ouvintes. Os professores contam histórias utilizando imagens ou qualquer outro recurso, como mostrando o livro, ou projetando algo e os ouvintes compreendem, já os surdos compreendem mais ou menos, pois lhes falta o contexto, classificadores, movimentos, expressões faciais e corporais.

(88 – Parábola da ovelha perdida)

Durante todo o paratexto se compara a possibilidade de acesso a produções em Libras e em português. Salienta-se que, de modo geral, grande parte dos veículos de informação e entretenimento priorizam os ouvintes e que é preciso investir na tradução para a língua de sinais principalmente visando ao público infantil, possivelmente porque este é um público que muitas vezes não se beneficia com as legendas, uma vez que ainda não possui leitura fluente.

Cabe enfatizar, no excerto, o destaque dado ao curso de Letras-Libras, como um possibilitador de produção e difusão da língua de sinais. Nesse sentido, parece ainda que o paratexto convida o interlocutor surdo a também participar desse processo de tradução e ampliação da quantidade de literatura acessível às crianças surdas.

Considero que é uma questão de direito que sua língua esteja presente para além das conversas cotidianas; que esteja presente em todos os espaços em que os surdos frequentem, tal como os espaços religiosos, escolas, trabalho, etc. No entanto, nas produções ainda é enfatizado que esta literatura produzida em língua de sinais não objetiva apenas os surdos, mas também os ouvintes, que ganhariam ao entrar em contato com as possibilidades do formato visual dessa língua, além de que aprenderiam a se comunicar com os surdos.

Mais adiante nas análises, tratarei mais profundamente discussões sobre a relação entre surdos e ouvintes trazidas na literatura surda, mas o fragmento que segue já nos dá pistas, ao apresentar a importância do ouvinte também aprender a língua de sinais:

Nós escolhemos a história pois a adoramos por ser engraçada, clara. É importante contar para crianças surdas e ouvintes para que conheçam a visualidade da Libras e aprendam a se comunicar com os surdos. Traduzir a literatura é importante para que os surdos possam acessar a toda literatura infantil e adulta.

(19 – O corvo e a raposa)

Neste excerto se destacam dois pontos: a importância de que os ouvintes também tenham contato com a língua de sinais e com a literatura produzida nessa língua, de modo a aprimorar a comunicação entre surdos e ouvintes; e a relevância de que os surdos possam acessar **toda** literatura. Tais pontuações, no entanto, podem ser resumidas a apenas uma: a de que as possibilidades de acesso para os surdos se ampliem, colocando surdos e ouvintes em um mesmo patamar, onde ambas as línguas sejam acessíveis, e não haja barreiras nem comunicativas ou de acesso à informação.

Para que se atinja este ideal, ainda há um último ponto a se discutir. Não basta que a Libras esteja presente, é necessário pensar na qualidade técnica e linguística das traduções. Assim como acontece com os livros traduzidos de línguas estrangeiras para o português, em que a apropriação temática e linguística do tradutor em ambas as línguas em que trabalha faz toda diferença no resultado final, o mesmo acontece com a tradução para as línguas de sinais.

No excerto a seguir, por exemplo, os integrantes do grupo comentam sobre os motivos que os fizeram escolher uma história em particular. Eles haviam encontrado um livro impresso que contava também com a história sinalizada em um DVD anexo à obra, mas a qualidade desta produção não condizia com as expectativas do grupo, fazendo-os optar por esta mesma narrativa, a fim de buscar melhores estratégias para a realização da tradução:

Nós vimos o livro e achamos muito legal que houvesse Libras, para divulgar essa língua. Mas nós achamos muito estranho: o livro era legal, os desenhos perfeitos, mas o DVD era mais ou menos. Havia a língua de sinais, mas a sinalização da mulher era mais ou menos, estranha. Isso é porque a mulher que conta a história é ouvinte, faltou expressão facial, classificadores, expressão corporal, faltou. Por que não foi uma pessoa surda sinalizar? Os surdos têm mais contato com a língua de sinais, por que não um surdo? Também pegamos a história dos três porquinhos no Youtube e era visualmente perfeita, o plano de fundo também era perfeito. É complicado divulgar pelo Brasil um livro como esse com defeitos, é preciso ter cuidado, melhorar. Parabéns pela divulgação, mas é preciso estimular a Libras

mais perfeita. Podiam usar outra estratégia como um grupo de teatro, utilizar materiais, como a casa dos porquinhos, palha, madeira, tijolos, enfim, usar a criatividade.

(36 – Os três porquinhos)

Assim como, ao contar histórias em português, são utilizados recursos de entonação de voz, volume e pausas, de modo a tornar a história mais atrativa e mais clara, ao sinalizar uma história é preciso levar em conta os recursos presentes na língua de sinais que também a tornam mais interessante, mais envolvente, tais como os elencados no excerto há pouco apresentado: o uso de classificadores, expressões corporais e faciais, o bom uso dos espaços, etc.

No entanto, para além dessa questão, outro elemento é trazido nesse excerto e que não poderia passar despercebido em função das representações que circulam nessas falas.

Para além da questão da qualidade interpretativa, o paratexto apresentado traz presente o sujeito ouvinte negativado, representado como aquele que não sabe a língua de sinais tão bem como um surdo, por não ter o mesmo contato com a língua. Acho importante, no entanto, ponderar que a arte de contar histórias não implica apenas saber usar uma língua, mas de saber usá-la para este fim em específico. Do mesmo modo que um falante nativo de qualquer língua oral não é automaticamente um bom contador de histórias apenas por saber a língua, saber a língua de sinais não implica em ser um bom contador de histórias, ou seja, não basta ser surdo e fluente em língua de sinais; a contação de histórias também é uma habilidade a ser desenvolvida.

Mais adiante nas análises, como já disse anteriormente, aprofundarei análises das representações sobre o sujeito ouvinte ou sobre as relações deste com os surdos. Cabe adiantar que frequentemente essa “essência” ouvinte, como aquele que não sabe e não tem contato com a língua de sinais é trazida à tona. Essa representação de ouvinte não é quebrada, mas amenizada quando esse ouvinte passa a ser visto como aquele que convive com familiares, amigos e colegas de trabalho surdos, participa da comunidade surda, é casado com surdos e assim tem

contato diário e frequente com a língua de sinais. A partir disso, ser surdo ou ser ouvinte neste jogo não é apenas uma questão biológica.

A partir dessa reflexão parto para as próximas seções dessa dissertação, deixando os paratextos um pouco de lado para olhar para as narrativas, para o que elas nos contam, nos ensinam através das representações de surdos e ouvintes.

## 5. CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS: REPRESENTAÇÕES DE SURDOS

Estudar as representações implica pensar que a verdade é uma invenção, e que desta forma não é possível dizer, no caso desta pesquisa, o que é ser surdo, mas importa discutir de que modo esses sujeitos têm sido narrados, que representações ganham mais força no campo de análise observado e com que outras representações elas disputam espaço.

Nas seções que seguem, evidenciarei as produções com personagens surdos, buscando dar foco às narrativas que tragam a temática da surdez, do ser surdo, das experiências a partir desta diferença, do uso da língua de sinais e da experiência visual, atendendo ao objetivo de analisar as representações sobre diferença surda presentes nas produções literárias do Letras-Libras; e de investigar as recorrências e singularidades nas narrativas sobre as experiências e modos de ser surdo.

Parto do pressuposto de que

Se a linguagem nos permite entrar em um campo social de produção de verdades e de representações, ela também nos permite inventar as próprias coisas; nesse caso específico, inventar a surdez de muitas formas, dependendo das relações em que estamos mergulhados (LOPES, 2007, p.16).

Assim, ao olhar para essas representações de surdos, estarei apresentando possibilidades de produção da diferença surda, mas não fechando significados pois acredito que todos os discursos, desde os constituídos pelas representações em análise nesta dissertação até o discurso que construo como resultado dessa investigação, “são parte de uma luta para construir as próprias versões de verdade” (PARAISO, 2012, p.27).

Ao se fazer um panorama sobre as pesquisas a respeito dos modos de se representar a surdez ao longo dos tempos (SILVEIRA, 2000; THOMA, 2002;

KARNOPP, 2006; PINHEIRO, 2012), é possível perceber um deslocamento de olhar a partir do momento em que é dado ao surdo a possibilidade de autonarrar-se. Assim, surgem, no circuito cultural, representações vinculadas ao sucesso, ao orgulho de ser surdo, e a uma perspectiva que posiciona o sujeito surdo como um sujeito da cultura. Vale a pena salientar que tais narrativas possivelmente já se faziam presentes há muito tempo na comunidade surda, mas somente nos últimos anos tem ganhado espaço no âmbito social mais amplo, tensionando a norma ouvinte, destacando a diferença surda, e a língua de sinais.

Tais características, como detalharei ao longo dessa seção, também são encontradas nos materiais analisados nesta pesquisa, merecendo destaque o valor da língua de sinais e o papel da comunidade na constituição desses sujeitos surdos. Cabe ainda salientar que múltiplas são as formas de experienciar a surdez, mas, para as narrativas analisadas, não é visto como positivo aquele que nega a cultura surda e a língua de sinais, tal como foi discutido na seção anterior. É como se, ao restringir as características possíveis para a representação de um surdo aceitável, esteja se produzindo uma identidade combativa, que contrapõe representações como a do Lobo Alfa na história de “Lua, a lobinha surda”, que excluía a lobinha Lua do convívio com outros lobos, rotulando-a como incapaz e ineficiente perante os costumes orais/auditivos do restante da matilha:

Durante gerações e gerações nunca houve nada parecido. Somos um grupo com valores e responsabilidades. Pertencemos a uma linhagem de lobos poderosos, valentes e inteligentes. Um lobo surdo vai acabar com nossa imagem. Como ela vai escutar e identificar os uivos? Não posso aceitar isso. - Parou por um momento e então falou ríspidamente. - De agora em diante Lua deverá ficar em sua toca e estará proibida de sair. Não quero que ninguém saiba que no nosso grupo temos um lobo surdo.

(Vídeo 32 – Lua, a lobinha surda)<sup>40</sup>

A partir deste excerto já é possível perceber algumas pistas sobre o trajeto vivenciado pelos personagens surdos em praticamente todas as narrativas. As etapas desse trajeto de vida constituirão os eixos de análise desta seção: a solidão/exclusão inicial do sujeito surdo imerso entre ouvintes; o encontro com a

40 Transcrição de texto presente no vídeo.

língua de sinais e com a comunidade surda; o contato com os ouvintes após a constituição da identidade surda.

Na dissertação de Müller (2012), ao analisar narrativas de surdos publicadas em livros, a autora elenca eixos de análise bastante semelhantes, dando ênfase para a denúncia do silêncio e o encontro com as comunidades surdas, vinculadas às lutas produzidas por essa comunidade. Tal recorrência nas narrativas pode ser em função de estas fazerem parte do folclore desta comunidade e, como afirma Rutherford (1993, p.72) o folclore:

É uma parte tão íntima e essencial de nossas vidas que nós subestimamos, tal como o ar que respiramos. As funções dele em nossas vidas são muitas: Ele nos diverte; valida a nossa cultura; reafirma a nossa identidade; e serve para manter a conformidade com os padrões de comportamento aceitos. (tradução nossa)<sup>41</sup>

Assim, estudar as narrativas surdas, tal como faço ao analisar as produções do Letras-Libras, auxilia a compreender melhor a cultura e as identidades surdas, bem como os movimentos que tornaram possível a invenção desses elementos.

### 5.1– O SILÊNCIO: história de si, história do povo surdo

[...] toda escrita é, de uma maneira ou outra, veladamente autobiográfica ainda que não construa lembranças do autor, mesmo que somente seja porque escrita por alguém cujas experiências existenciais atravessem inevitavelmente seu texto, por mais afastada que esteja das normas do realismo. (LARROSA, 2006, p. 183)

Início esta seção com as palavras de Larrosa, justificando minha abordagem ao material analisado nesta dissertação. Embora as produções literárias aqui estudadas se constituam em poemas, piadas e diferentes narrativas voltadas principalmente ao público infantil, percebo nelas traços de escritas de si, ou seja,

---

41 No original “It is such a close and integral part of our lives that we take it as much for granted as the air we breathe. It functions in our lives are many: It amuses us; it validates our culture, reaffirms our identity, and serves to maintain conformity to acceptance patterns of behavior”.

acredito que nas experiências vividas pelos personagens surdos nas diferentes histórias, existam traços das vivências dos autores surdos e de sua relação com o mundo. Além disso, nas produções, são trazidos elementos da história do povo surdo tal como marcas de processos educacionais, e nesse caso é interessante salientar que o povo surdo apresenta-se de tal forma unificado nas narrativas, que se constitui como personagem de uma grande narrativa histórica traçada pela comunidade surda.

Cabe destacar que, ao narrar-se ou ao narrar a vida de um personagem são feitas escolhas, vinculadas aos modos de se perceber, às lembranças marcantes ou a questões que o autor julga relevantes trazer à tona. A questão que quero levar em consideração aqui é que toda escolha é política: escolher um traço da história para ser abordado, enquanto tantos outros são deixados de lado, afeta o conteúdo da narrativa, produzindo diferentes efeitos.

Nesta seção discutirei uma representação bastante marcante em grande parte das produções analisadas, o ponto de partida de grande parte das narrativas: o sujeito surdo como o sujeito do silêncio, ou a solidão vivenciada pelos personagens surdos quando imersos em um ambiente majoritariamente ouvinte.

Aproximadamente no ano de 1700, há muito tempo atrás, um surdo de mais ou menos 17 anos ou 16 anos, era muito solitário pois a sociedade era majoritariamente ouvinte. Ele era um surdo solitário, pobre, não tinha pais pois o haviam abandonado por ser surdo, e ele se sentia muito mal, solitário, com fome em meio aquela população.

Ele pedia comida e os ouvintes o desprezavam:

– Sai fora! – diziam. Não gostavam dele. Com fome, solitário, caminhava pela rua e via os ouvintes conversando no restaurante, se comunicando e ele ali solitário.

(29 – Encontra cidade puramente surda)

No excerto apresentado o sujeito é posto à margem de qualquer relação pelo fato de ser surdo. Seus familiares o haviam abandonado, possivelmente não tinha emprego, motivo pelo qual não possuía dinheiro e mendigava alimento. Há a marcação da data, no início da narrativa, de modo a tornar o personagem um sujeito remoto, sem uma possível alocação em uma situação atual.

Há ênfase no sofrimento do personagem: excluído, faminto de alimento, de comunicação, vivendo em uma sociedade que não é feita para ele, que não o aceita,

que não o auxilia, com a qual ele não se relaciona. Essa, no entanto, é uma das poucas narrativas que trazem o aspecto da exclusão de maneira tão intensa, pois em grande parte das histórias o sujeito surdo tem relações com os ouvintes, embora essas relações muitas vezes não pareçam realmente incluir esses sujeitos. Deste modo, mesmo que próximos a outras pessoas, vivem na solidão.

O fato é que, mesmo que estejam rodeados por familiares, amigos, é como se essas relações não os tocassem verdadeiramente, como se eles permanecessem alheios às verdadeiras relações que se estabelecem no meio em que convivem.

Assim, por exemplo, no poema “Mente Escura” o personagem caminha entre familiares ouvintes, mas não conversa com eles, pois ele “não fala, não escuta”. Também transita entre amigos, também ouvintes, mas não interage com eles, pois estes se comunicam entre si oralmente. O personagem então, mesmo em meio a tantas pessoas, se entristece, e sua mente escurece. Nesta metáfora, da escuridão, é apresentada a falta de comunicação com o surdo, pois afinal ele se comunica com o mundo visualmente e a escuridão é como uma barreira para que ele possa dialogar com aquela realidade que o cerca.

Em nenhum dos exemplos há a tentativa de aproximação dos ouvintes para com os surdos; em ambas as narrativas o sujeito é apresentado como alheio ao modelo de comunicação que o cerca e é excluído. Na primeira história, de modo explícito sendo abandonado e rechaçado por um “sai fora”, enquanto, na segunda história é excluído por não ser incluído nas relações. De qualquer forma, o que é posto em evidência aqui é que o surdo não pertence àquele espaço, sente-se e é colocado em uma situação de estrangeiro, em um “país” que não fala sua língua e para o qual ele é quase invisível.

Pode-se inferir que narrativas como essas, a partir de um viés fictício, denunciam as práticas de exclusão vivenciadas pelos surdos ao longo da vida nas mais diferentes esferas sociais, no qual a sua diferença é “invisível” aos olhos das políticas de acessibilidade ou de inclusão social. Tal constatação se vincula ao entendimento proposto por Yúdice (2006, p.43) da cultura como um recurso útil para a reivindicação da diferença; muito mais do que um “ajuntamento de ideias e

valores” ela é um “recurso para a política”. Assim, pode-se dizer que uma das características da literatura surda é o desejo de luta, ilustrada através da circulação de significados que desconstroem ou questionam representações recorrentes sobre os surdos e a surdez.

Ainda, discorrendo sobre a representação do surdo invisível ou solitário, trago um excerto em que a personagem surda, embora tenha familiares surdos com os quais pode se comunicar, sente a necessidade de ampliar suas redes de relações, mas os demais ambientes não lhe pareciam até então tão acolhedores.

A macaca ficou impressionada em encontrar um macaco que sabia pelo menos o básico de Língua de Sinais, sendo que em sua vida nunca tinha encontrado nenhum macaco com quem pudesse se comunicar, a não ser os membros de sua família, sendo que por esse motivo ela estava na praça em cima da árvore sinalizando sozinha, pois o sentimento de solidão a deixava muito chateada.

(6 – Menina bonita que fala com as mãos)<sup>42</sup>

Aqui a solidão da personagem é justificada pela necessidade de ampliar os vínculos sociais para além do círculo familiar. Ao longo de sua vida, ela jamais havia encontrado alguém para além desse círculo que soubesse a sua língua e assim conhecer um macaco ouvinte que soubesse ao menos o básico da língua de sinais é fator de grande estranhamento e de valorização.

Neste exemplo reflete-se sobre a realidade social em que grande parte dos surdos se inserem, usuários de uma língua que ainda é utilizada apenas em uma comunidade mais restrita, estreitando as possibilidades de comunicação de modo mais amplo. Embora tenhamos na atualidade leis que assegurem o direito de uso da língua de sinais nos mais diferentes espaços, ainda há muito que se avançar até que ouvintes que saibam “pelo menos o básico de Língua de Sinais” não sejam vistos como raridade.

A falta de comunicação entre surdos e ouvintes não somente é retratada como algo recorrente nas produções, mas como algo que produz desconhecimento dos ouvintes em relação aos surdos, resultando em preconceito e exclusão. Por não conhecerem os sujeitos surdos, os ouvintes se distanciam ou os colocam à margem

---

42 Trecho retirado de texto escrito apresentado em blocos alternados com a sinalização da história.

da possibilidade de qualquer aproximação. Os exemplos a seguir corroboram esta observação:

O capitão, que era ouvinte, colocou o surdo de castigo, cuidando de uma ponta do navio. **Os ouvintes não gostaram dele porquênão conseguiam se comunicar**, o julgavam como alguém sem capacidade, **o deixavam de fora, tinham preconceito**. O surdo sofria, ficava solitário, os ouvintes riam dele, de seus gestos.

Em um movimento brusco do navio, um ouvinte se chocou com o surdo que caiu na água. Ao submergir, abanou pedindo ajuda, mas os ouvintes riram dele e disseram que morresse.  
(29 – Encontra cidade puro surdos)

Alfa chamou a todos para uma grande caçada, pois era seu aniversário e queria comemorar. Lua implorou a sua mãe para ir junto, mas **dona Clara fazia-a ficar na toca**, mesmo contra sua vontade, porque **tinha muito medo de que Alfa mandasse embora sua adorada filha**. Lua ficava muito chateada, triste e tentava se contentar olhando o movimento de cada lobo.

(32 – Lua, a lobinha surda)<sup>43</sup>

Pela exclusão o surdo é oculto e, portanto, deixa de apresentar-se como alguém a temer, ou alguém que oferece risco ao bem estar de uma sociedade imaginada em que “todos se comunicam da mesma forma” e interagem com o mundo a partir dos mesmos sentidos. Outra forma de “invisibilizar” a diferença surda é apresentada no excerto a seguir:

Alice nasceu surda, seus pais ficaram preocupados e a levaram a diversos lugares **pois ela precisava oralizar. Levaram-na a fonoaudióloga, a uma escola de ouvintes onde os alunos oralizavam**. Alice sofreu muito, o tempo passou, ela cresceu.

Quando ela tinha dezoito anos estava sentada triste em um galho no alto de uma árvore. Sua mãe, escorada no tronco da árvore, lia um livro em voz alta.

Alice disse a ela que era surda e não entendia o que estava sendo lido. **A mãe dela respondeu que era preciso aprender a oralizar para que no futuro pudesse se desenvolver melhor, uma vez que a Libras não era grande coisa, era melhor que ela oralizasse**.

(118 – Alice no país das maravilhas)

Aqui a surdez de Alice é apresentada como algo a ser apagado pela correção. Ao perceber a condição de Alice como um defeito, seus pais passam por diferentes tentativas de torná-la o mais próxima possível de uma ouvinte, aprendendo a falar,

<sup>43</sup> Transcrição de texto presente no vídeo.

indo a escolas de ouvintes, até o ponto em que sua diferença é totalmente esquecida, ou ignorada, quando sua mãe lhe lê um livro sem estabelecer com ela o mínimo contato visual. Tal atitude e os processos sofridos pela menina são justificados pela mãe, pela necessidade de que essa se desenvolva na vida, uma vez que a Libras (e com ela a condição de ser surda) não é valorizada socialmente e nem possuiria o mesmo potencial que a língua oral e a condição de ouvinte.

A marcação da solidão é trazida através dos sentimentos da protagonista, que “sofreu muito” e após muitos anos permanecia “triste”, e, novamente, embora a personagem estivesse inserida em uma família, não se sentia pertencente a este grupo, por não entender o que lhe era dito e também por não ter suas características valorizadas no seu entorno social. É apresentada uma impossibilidade de ser aceita, precisando negar-se a si mesma para poder ser inserida tanto no convívio familiar como na sociedade de um modo mais amplo, uma vez que sua língua (uma das marcas mais fortes da identidade surda) é posta à margem, “impossibilitando” a existência de um futuro mais promissor.

A experiência de Alice é a experiência de inúmeros surdos advindos de famílias de ouvintes, os quais, muitas vezes influenciados pela força de uma visão clínica da surdez, percebem esse sujeito como um deficiente da audição. De fato, tomando como parâmetro o sujeito ouvinte como normal, o sujeito surdo se constitui como um anormal na forma de se relacionar com o mundo e no modo de se comunicar.

Outro exemplo interessante é trazido no conto “Peter Pan” em que Capitão Gancho é apresentado como um sujeito que guarda na memória a experiência traumática da oralização e por isso torna-se um vilão que não aceita surdos que não se comuniquem em língua de sinais:

Capitão Gancho tem um trauma, pois há muitos anos, quando vivia na cidade, um grupo de oralizados o proibiu de sinalizar. Mesmo sem saber oralizar, seguia proibido de utilizar a língua de sinais. Então, ele decidiu desprezar a proibição e seguir utilizando a língua de sinais e por conta disto lhe cortaram a mão, que foi substituída por um gancho.

(118 – Alice no país das maravilhas)

Na narrativa, os surdos oralizados do passado do Capitão Gancho assumem o papel de grandes vilões, culpados pelo surgimento do principal inimigo de Peter Pan. Tais sujeitos são apresentados negativamente por não utilizarem as mãos para se comunicar. Atenta-se, a partir disto, que ao criticar uma representação fechada de surdo como desviante da norma ouvinte, apresenta-se uma representação tão rígida quanto a anterior na tentativa de negar a anterior. No entanto é preciso compreender que existe uma multiplicidade de possibilidades de ser surdo.

Narrativas como a de Alice e Peter Pan criticam um modelo ouvintista de visualizar a surdez, em que o sujeito surdo é visto como o sujeito da falta, da deficiência, que precisa ser corrigido, apagado. Como veremos nas próximas seções deste eixo de análise, as produções reivindicam outros olhares sobre esses sujeitos, como sujeitos da diferença, sujeitos que assumem-se diferentes dos ouvintes.

A partir destas ponderações, é possível pensar que nessas narrativas não são postas apenas denúncias de fatos vividos de modo individual, mas de processos históricos pelos quais a comunidade surda como um todo tem sofrido desde a exclusão aos processos de normalização, à proibição do uso da língua de sinais, ao apagamento da diferença surda através de processos de normalização.

Um exemplo que ilustra bem este argumento é o poema “Mãos inquietas” em cuja imagem inicial as mãos estão em foco, sinalizando, passeando, felizes, em uma atmosfera de calma e liberdade. Aproximam-se então, outras mãos, que transformam as primeiras em marionetes, tirando a liberdade de movimento, a possibilidade de expressão independente. Logo em seguida, com as mesmas cordas com que foram manipuladas, as mãos são amarradas e logo em seguida saem de foco. As mãos sinalizantes não podem mais ser vistas, sendo substituídas por um rosto que oraliza tristemente sob estímulo das mesmas mãos que manipularam e aprisionaram a comunicação sinalizada.

Esse poema pode facilmente ser associado à história da escolarização do povo surdo. Há muitos anos a língua de sinais era aceita no ensino para surdos e havia professores surdos nos institutos para surdos. Em 1880, no entanto, no conhecido Congresso de Milão, o oralismo foi eleito como a filosofia de ensino, o

que resultou na demissão em massa dos profissionais surdos das escolas, e do início de um longo período de proibições e de marginalização das línguas de sinais em prol de um ensino voltado para a estimulação oral. Grande parte dos surdos adultos brasileiros ainda tem bastante marcadas na memória as aulas em que precisavam sentar sobre as mãos para não as utilizar para a comunicação, ou a forma que mantiveram a língua de sinais viva utilizando-a às escondidas nas escolas.

No poema mencionado anteriormente ainda é utilizado o recurso de vincular sentimentos e atmosferas diferentes para cada etapa. Inicialmente o clima é agradável, o movimento das mãos é suave e alegre. Conforme a liberdade vai sendo reduzida, os sentimentos de júbilo e independência vão sendo substituídos pela tristeza, como que em um processo de luto pelo sujeito surdo que vai sendo dizimado juntamente com a língua de sinais.

A partir desta perspectiva, o reconhecimento legal da língua de sinais é um aporte para garantir a existência da comunidade surda. Assim, realidades de exclusão e total desconhecimento em relação aos surdos e a língua de sinais, gradualmente têm se modificado, com a expansão do ensino de Libras em diferentes cursos de graduação, e com o maior acesso dos surdos aos diferentes níveis acadêmicos e profissionais, possibilitando uma maior visibilidade à língua de sinais e dos sujeitos surdos como sujeitos consumidores. Assim, tem se ampliado o número de ouvintes que sabe “ao menos o básico de Língua de Sinais”.

O reconhecimento legal da Libras também constitui-se como argumento para a reivindicação por parte dos surdos ao direito de utilizarem a sua língua nos diferentes espaços em que transitarem, o que certamente é um avanço. No entanto o reconhecimento legal não implica, de modo direto, em mudança de condutas e olhares a respeito dos surdos e da língua de sinais. Tais alterações não são produzidas a partir de câmbios legais, embora essas possuam um valor inegável. As reais transformações de significados em torno dos surdos e de sua língua, acontecem através da circulação de representações que apontem para outras definições.

Nesta seção coloquei em evidência a questão do silêncio, vivida pelos surdos através de diferentes personagens, como resultado de uma não aceitabilidade de sua diferença, produzida por representações de ser surdo e de surdez que os posicionam como deficientes, incapazes, incompletos. Na próxima seção, como que seguindo esses personagens, veremos uma mudança de perspectiva, na qual se engendram outros modos de representar, que modificam substancialmente o trajeto de suas vidas.

## 5.2 – A DESCOBERTA DO SER SURDO: o encontro com a comunidade

O Abade de L'Épée tinha estado caminhando por um longo tempo por uma noite escura. Ele queria parar e descansar à noite, mas ele não conseguia achar um lugar para ficar, até a uma distância em que ele avistou uma casa com uma luz. Ele parou nesta casa, bateu na porta, mas ninguém respondeu. Ele viu que a porta estava aberta, ele então entrou na casa e encontrou duas jovens mulheres sentadas próximas a lareira costurando. Ele falou com elas, mas elas ainda não respondiam. Ele se aproximou e falou com elas de novo, mas elas falharam novamente na resposta. O Abade estava perplexo, mas sentou-se ao lado delas. Elas olharam para cima, para ele e não falaram. Naquele momento, a mãe delas entrou na sala. O abade não sabia que as filhas dela eram surdas? Ele não sabia, porém agora sabera porque elas não responderam. Enquanto contemplava as jovens mulheres, ele compreendeu a sua vocação. (PADDEN; HUMPHRIES, 1988, p. 23)

A narrativa acima apresentada é trazida por Carol Padden e Tom Humphries como um exemplo de narrativa tradicional da comunidade surda. De modo bastante poético, nesta história é apresentado o mito fundador da comunidade surda francesa e do início do ensino formal para surdos em língua de sinais. Mas o motivo que me fez trazer essa história para o início desta seção é a análise feita pelos autores, que se vincula claramente ao que discutiremos nesta etapa da dissertação: a transformação da escuridão, da solidão em luz, em encontro com a comunidade. Para os autores

Não é surpreendente que a primeira história que as pessoas Surdas francesas contam a respeito de si mesmas é uma história sobre transformar escuridão em luz. A luz, ou o começo, é como a primeira comunidade de pessoas Surdas, da qual é dito que se desenvolveu em torno da escola que Abbé fundou (PADDEN; HUMPHRIES, 1988, p. 24)

As narrativas aqui analisadas também trazem essa mesma característica. Na seção anterior discutimos as narrativas que abordam representações de surdo que os posicionam em situações de solidão, tristeza e escuridão. Nesta seção discorreremos sobre o momento em que há uma transformação na trama das narrativas e, tal como na história trazida por Padden e Humphries, o ponto central para essa mudança é o encontro surdo-surdo, o encontro com a comunidade e então o encontro com a língua de sinais.

Não consigo ouvir, tampouco falar,  
 preconceito enfrento, é tão difícil me comunicar.  
 Uma luz em minha vida, de repente me tocou  
 aprendi que posso me comunicar sem precisar falar.  
 A LIBRAS aprendi, agora é como se eu pudesse ouvir.  
 Fiquei emocionado, admirado, agora sou igual a todos, posso me comunicar.  
 Na comunidade surda então eu ingressei.  
 Amigos verdadeiros ali eu encontrei,  
 Libras é minha vida, é minha expressão.  
 Graças a ela não vivo mais na solidão.

(80 – Sem título)<sup>44</sup>

O poema apresentado exemplifica esse movimento de transição da solidão ao encontro com o par surdo. Em primeira pessoa, traz a imagem de um relato de vida, no qual inicialmente é marcada a falta de comunicação e as impossibilidades, até que há o encontro com a Libras mudando a trajetória da vida da personagem. Com a língua de sinais o não ouvir deixa de ser central, e as diferenças anteriormente causadoras de preconceito e sofrimento deixam de existir.

Há a transição de um olhar sobre si como um sujeito deficiente, para quem falta a audição, para o sujeito surdo, completo a partir da língua de sinais. Pode-se dizer com isso que é a língua de sinais o fator principal para a constituição do sujeito surdo, e não a perda auditiva, embora essa característica não seja negada ou omitida.

Ainda em relação ao poema é interessante salientar que, através da Libras o sujeito é retirado da solidão e é na comunidade surda que ele encontra os

---

44 Transcrição de legenda presente no vídeo.

verdadeiros amigos. Talvez não seja por aprender a língua de sinais que o preconceito tenha acabado e que ele tenha sido aceito na sociedade como um igual, mas ao encontrar com seus pares, o próprio sujeito passa a se perceber de outra forma, e desta maneira as situações adversas que enfrenta não o afetam com a mesma intensidade. O sujeito sente-se protegido pela comunidade que o abriga, encontra nela a fuga da realidade até então enfrentada e a força para sair da escuridão e da solidão.

Situação muito semelhante é apresentada no poema 125 – *Mente Escura*, em que a personagem principal caminha triste em meio aos ouvintes, sentindo sua mente se escurecer aos poucos, até que, seguindo sua caminhada encontra um grupo de surdos, nos quais ele se percebe como igual, e através da comunicação em língua de sinais sua mente clareia.

A metáfora da luz é muito significativa, principalmente quando se pensa os sujeitos surdos como sujeitos visuais, que interagem com o mundo a partir da visualidade. Assim, a língua de sinais é aquela que abre os olhos, amplia a visão e possibilita que o sujeito possa olhar para si mesmo e passar a existir como surdo. Iluminado, modifica substancialmente a realidade, ampliando possibilidades de acesso, caminhos de vida.

Ainda a partir dessa metáfora é possível pensar que, por buscar um caminho mais seguro, em que os surdos possam enxergar melhor a realidade que os rodeia, os ambientes em que a língua de sinais se faz presente são os espaços desejados, pois são os locais de maior bem estar, maior estabilidade, espaços em que, ao poderem ver melhor por onde vão seus passos, podem também ter escolhas mais autônomas, sendo mais livres e independentes.

O encontro com outros surdos, principalmente surdos adultos, é a porta de entrada para importantes transformações na vida desses sujeitos, a ponto de talvez ser possível afirmar que, sem a língua de sinais e sem a comunidade surda, não há sujeito surdo, ao menos não no sentido cultural apresentado e defendido nesta dissertação.

No poema “O modelo do professor surdo”, o encontro com outros surdos se dá na escola, espaço em que grande parte desses sujeitos tem o primeiro contato com a língua de sinais, uma vez que grande parte dos surdos possui familiares ouvintes. No poema, o professor é apresentado como um modelo linguístico e também como um modelo profissional, ampliando não somente as possibilidades de comunicação, mas as perspectivas de vida.

Esperado vejo meus alunos surdos fazerem gestos. Então me recordo de que quando eu era criança, também fazia gestos.  
O professor surdo sinalizava para mim e assim eu aprendi a fazer sinais, cresci e me tornei professor de LIBRAS.

(144 – O modelo do professor surdo)<sup>45</sup>

O valor do professor surdo é evidenciado por ter seus alunos como iguais, o que possibilitaria conhecer melhor seus sentimentos, bem como valorizar o aprendizado da língua de sinais que lhe foi libertadora e que assim o será para seus alunos. Propõe-se com isso que os surdos se identifiquem com seus pares, considerando vivências semelhantes experimentadas por grande parte deles.

A comunidade surda é apresentada neste exemplo como território imaginário para a transmissão de conhecimentos e experiências entre as gerações, saberes estes que não só subsidiam a “sobrevivência” desses sujeitos perante a sociedade mais ampla, como produzem esses sujeitos, dando-lhes subsídios para crescerem profissional e/ou economicamente.

Por fim, a comunidade é apresentada como o espaço de prazer, de diversão, que dá vida ao dia a dia dos surdos. Em “O tempo venenoso” esta temática é abordada ao se discutir o passar do tempo para os surdos. Em seus trabalhos o tempo passa muito devagar, pois geralmente em seus setores só encontram ouvintes, com quem pouco se comunicam. No intervalo de almoço, quando os surdos de diferentes setores se encontram, o tempo passa muito rápido, representando que o tempo passa de diferentes formas quando se está em uma atividade prazerosa ou não. O mesmo acontece na saída do trabalho, na qual os

---

45 Transcrição da legenda presente do vídeo

surdos vão conversando até o ponto de ônibus, onde ficam até o anoitecer, aproveitando ao máximo aquele momento de encontro.

[...] Os ouvintes se encontram em conversam todos os dias, os surdos, por outro lado, passam vários dias sem encontrar seus pares. Quando encontram, batem mãos e esquecem do tempo[...]

(49 – Tempo venenoso)

No excerto apresentado ainda é feita uma comparação com a realidade dos ouvintes para quem a comunicação entre pares acontece diariamente e em vários momentos do dia, enquanto para os surdos esses momentos de encontro são muito menos frequentes, mas muito mais valorizados. A relevância da comunidade é tamanha que, para ter o contato com outros surdos, é válido enfrentar perigos ou ter algumas perdas na vida, tal como é retratado no excerto a seguir, em que a Lobinha Surda foge e vai ao encontro de seus colegas também surdos na escola:

Todos aprenderam facilmente a comunicar-se com Lua, pois dona Águia, que era comadre de Clara, havia ensinado a língua de comunicação dos surdos, conhecida como a língua de sinais, muito usada na escola em que ela trabalhava. Todos os dias, a pequena lobinha saía escondida do grande líder e ia para a escola bilíngue, onde seus coleguinhas eram o elefante Joy, a girafa Pita e o ursinho Duk, também surdos.

(32 – Lua, a lobinha surda)<sup>46</sup>

A fuga de casa pode ser relacionada à questão de que a comunidade é apresentada como uma família, portanto ir ao encontro dela é como retornar à casa. O poema “Proibido o implante coclear” ilustra esta imagem de retorno ao lar, pois quando o sujeito surdo implantado - que havia crescido tolhido da língua de sinais ao ser criado por seus avós - caminha na rua e vê um grupo de surdos sinalizando, relembra sua infância remota, na qual seus pais surdos sinalizavam com ele ainda bebê. Esse encontro o faz dar adeus ao mundo dos sons e correr ao encontro do que havia perdido.

---

46 Trecho retirado de texto escrito apresentado em blocos alternados com a sinalização da história.

No poema, há a marcação da angústia dos pais pela perda do filho, e a angústia do filho por crescer sem se reconhecer como surdo. O reencontro tardio com a língua de sinais e a comunidade surda dá forças para que o menino implantado diga “não” ao implante coclear e à vida que estava levando, arranque a parte externa do implante e a quebre com as próprias mãos.

A comunidade como lar é não somente um espaço de segurança e fortalecimento, mas um espaço de aconchego onde as necessidades individuais são supridas; é como uma pequena sociedade que ilustra o sonho surdo de viver em um ambiente em que é compreendido, respeitado e valorizado.

Na história “Encontro em cidade puro surdos” a personagem principal vive infeliz até que encontra uma cidade em que todos são como ele. Além da possibilidade de acesso a todos os espaços e da plena comunicação, também é evidenciado que nesta “família” todos se ajudam, ninguém passa necessidade, é como “um sonho, lindo”.

– Todos aqui são surdos?

– Sim, somos todos uma família. É natural ser surdo. [...]

O homem sorrindo, deixou que ele caminhasse livremente. O surdo chegou em um restaurante e perguntou:

– Você é surdo?

– Sim, sou surdo. Quer um pão? Não tem problema, eu te ajudo.

– Muito obrigado. – E saiu comendo satisfeito.

Toda a sociedade era adequada para a sua comunicação. [...]

E todos lhe ajudavam, em toda a sociedade a cultura surda estava presente, parecia um sonho, lindo.

(29 – Encontro em cidade puro surdos)

Ao apresentar o mundo ideal, a narrativa dá margem para que se analise o seu viés, ou seja, a realidade para além do conto, na qual vive o autor da história. Ao referir-se à cidade em que todos são surdos como um sonho, é possível subentender que o que é ficção não é necessariamente vivenciado na prática, e assim o texto se constitui como uma crítica à falta de acessibilidade e de valorização da cultura e da língua surdas.

O que se percebe com esse grupo de excertos analisados nesta seção é que na comunidade surda e na língua de sinais encontra-se a chave para a abertura das

portas que isolavam o surdo no escuro e na solidão, tal como apresenta Padden&Humphries:

Essas histórias, discursos, e performances são advertências a respeito de mundos onde cai-se na escuridão, na não existência, e no desespero. O que vemos em todos esses textos é a formação e a expressão de ideias que as pessoas Surdas tem de verdadeiro e imutável. Os ingredientes para se alcançar o mundo desejado são os mesmos: a língua de sinais e o compartilhado conhecimento das pessoas Surdas, ou o que Veditz chama de 'seus pensamentos e suas almas, seus sentimentos, desejos, e necessidades'. (PADDEN & HUMPHRIES, 1988, p. 29)

No final de “Peter Pan” é narrada a despedida de Peter, um surdo sinalizante, e Wendy, uma surda que até então não havia tido contato com outros surdos. Preocupado com o futuro de Wendy longe dos surdos da Terra do Nunca, Peter a presenteia com a língua de sinais, que seria a chave da construção de um outro caminho de vida para a menina:

[...] retornou até Wendy e lhe deixou um presente: uma flor com um coração em seu interior e um livro com um DVD sobre Libras, para que ela abrisse sua mente e aprendesse mais a língua de sinais. De modo que sua vida se ampliasse, para que ela fosse livre para constituir sua identidade.

(118 – Alice no país das maravilhas)

Na próxima seção seguiremos observando o percurso desses personagens, da solidão ao encontro com os pares, que produz um outro modo de se perceber que acaba reverberando em uma série de ações. Munido da segurança provida pela comunidade, e fortalecido pela constituição de si como um sujeito linguístico e cultural, o surdo modifica a realidade que o cerca ou propõe que sua diferença seja notada. É sobre isso que discorrerei na próxima seção.

### 5.3 – MARCAÇÃO DA DIFERENÇA: da busca pela acessibilidade ao orgulho de ser surdo

Quando a diferença sai da escuridão, conforme discutido na seção anterior, ela passa a ser visível para si mesma e também para aqueles que a cercam Essa visibilidade faz com que, de certa forma, ela passe a existir no meio social, não

somente participando dele, mas modificando-o, de modo que esse ambiente também seja acessível.

Assim, nesta seção, discuto como, ao marcar a diferença nas narrativas, os surdos também reivindicam a acessibilidade para si, dando-se a enxergar, sem a necessidade de apagamento de qualquer característica relativa a seus modos de ser como surdos. Assim, o aspecto central está na comunicação em língua de sinais, questão que será detalhada com mais profundidade na próxima seção.

No entanto, existem alguns apontamentos vinculados à experiência visual dos surdos que também são abordados nas narrativas. São detalhes apontados em diferentes narrativas que vão desenhando alternativas visuais para inúmeros referenciais usualmente auditivos, presentes nas relações dos surdos com uma sociedade pensada para ouvintes. Ao posicionar os personagens surdos nas narrativas vão sendo evidenciadas mudanças necessárias no ambiente e nas relações para que esse personagem não tenha prejuízos.

Assim, em “A cigarra e as formigas” quando a cigarra vai pedir abrigo na casa das formigas surdas, a campainha é luminosa. Quando o lobo bate na porta em “Os três porquinhos”, ele percebe que precisa de outras estratégias para que a porta lhe seja aberta. O apito que dá largada à conhecida corrida de “O coelho e a tartaruga”, é substituído por uma bandeira; o toque substitui a chamada oral; enfim, o olhar é posto em evidência, entre outras marcas culturais surdas.

Coelho: Ei, vamos lá, vamos lá!  
 Tartaruga: Apito?  
 C: Você é surdo né...  
 T: Uma bandeira, que tal? Vermelha  
 C: Sim, sim, lá está a raposa (a juíza). Hei (assobia e grita)  
 T: Ela é surda.  
 C: Hum... (pega um objeto e atira em direção à raposa)

(25 – O coelho e a tartaruga)

O lobo percebeu que não adiantava bater e pegou um pedaço de papel e passou embaixo da porta, balançando de um lado para o outro. O porquinho viu o movimento e abriu a porta.  
 [...]

Bateu à porta e não adiantou, mexeu várias vezes a maçaneta para que o (segundo) porquinho percebesse o movimento. Então o porquinho percebeu o movimento, se levantou e abriu a porta.

[...]

Apertaram a campainha que fez acender um sinal luminoso dentro da casa. O terceiro porquinho que estava dentro de casa lendo, viu o sinal e foi até a porta.

(117 – Os três porquinhos)

Müller (2012), em sua dissertação de mestrado, na qual analisa livros cujos autores são surdos, também evidencia essa característica em alguns excertos dos materiais por ela estudados, principalmente no romance “Mãos ao vento”, em que a autora entende que a obra é útil para todos que desejam conhecer a vida e os sentimentos de surdos, possibilitando aos leitores se familiarizarem com as situações vividas pelos surdos.

Um exemplo interessante sobre essa característica visual dos surdos é apresentado na história “Encontra cidade puro surdos” em que um personagem surdo encontra pela primeira vez em sua vida um ambiente plenamente acessível, em que todos são surdos, inclusive os animais. Assim, ele se depara com a ideia de que nem mesmo ele está acostumado a dirigir-se a todos através da visualidade, já que raramente ele encontra ambientes que possibilitem isso:

E o surdo seguia olhando admirado, viu um cachorro, bateu palmas para chamá-lo.

– Não! O cachorro também é surdo, você precisa acenar para ele visualmente. - Disse o homem que o acompanhava.

– O quê? Ele é surdo?! Nunca vi, que estranho! – E acenou para o cão que lhe respondeu com satisfação. E saiu caminhando feliz.

(29 – Encontra cidade puro surdos)

Essa recorrência de ensinamentos a respeito do “mundo surdo” também pode ser vista como necessária para orientar os ouvintes, vistos como sujeitos de “outro mundo”; ou para denunciar e reivindicar mudanças a partir da presença surda. Desse modo, as narrativas apontam para inversão das narrativas nas quais as diferenças eram apresentadas como algo a ser corrigido e apagado, dando ênfase à diferença surda, como algo a ser posto em evidência, de modo a fazer reverberar outras práticas, outros olhares acerca desses sujeitos.

Ainda nesse sentido, são trazidos, em algumas narrativas, ensinamentos sobre práticas culturais e marcas históricas do povo surdo, talvez para informação do público ouvinte ou ainda para a afirmação da existência da cultura surda. Nessa esteira de pensamento, afirmam Padden e Humphries (1988, p.22) que:

As histórias contadas pelos membros de uma cultura sobre as origens, se elas possuem motivos religiosos ou fantásticos, são criações do significado a respeito da existência da cultura. Elas reafirmam o presente instalando seu significado no passado.

Um exemplo é apresentado na fábula “A cigarra surda e as formigas”, que inicia com duas cigarras conversando sobre a língua brasileira de sinais, tendo como aporte um livro sobre as práticas de ensino da Libras. Após brincarem com as mãos, fazendo sinais com as mesmas configurações de mão<sup>47</sup>, eles passam a discutir sobre a história desta língua no Brasil:

Cigarra 1– O alfabeto manual do Brasil é diferente do da França – Disse a cigarra mostrando em seu livro o alfabeto manual francês – Tu conhece isso? Tu lembra quem criou a língua de sinais aqui no Brasil?  
 Cigarra 2 – Veio da França para cá né?  
 C 1– Queria ter nascido na França para que tivessem me ensinado antes...  
 (26 – A cigarra surda e as formigas)

Na primeira frase do excerto a cigarra faz um apontamento importante sobre a Libras. Ao afirmar que o nosso alfabeto manual possui diferenças da língua de sinais francesa, dá margem para a quebra do mito de que as línguas de sinais seriam universais. Além disso, a cigarra afirma que a língua de sinais brasileira possui raízes na língua de sinais francesa, dando margem para pensar no movimento que acontece nas línguas que, mesmo que tenham as mesmas raízes, se modificam quando entram em contato com outras línguas ou de acordo com os usos que cada comunidade faz dela.

---

<sup>47</sup> Um dos elementos constitutivos dos sinais, as configurações de mão são as formas em que as mãos se configuram ao produzir um sinal. É comum entre surdos, brincadeiras em que eles procuram sinais produzidos pelas mesmas configurações, assim como entre os ouvintes existem jogos tradicionais como o “STOP” em que as pessoas precisam pensar em palavras que iniciam com a mesma letra.

O vínculo da Libras com a Língua de Sinais Francesa segue sendo discutido em uma parte seguinte da narrativa, em que as cigarras comentam que essa ligação ocorre em decorrência da vinda do professor francês do Instituto de Surdos de Paris, Eduard Huet, para o Brasil, a pedido de Dom Pedro II, para a criação do então Instituto para Surdos-mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), localizado no Rio de Janeiro.

Certamente, por ser a primeira escola para surdos do Brasil, o INES constitui-se como um importante espaço para a difusão da língua de sinais, e a influência da língua de sinais francesa trazida pelo professor Huet é inegável, mas não é possível dizer que a Libras foi “criada” por ele, como é citado na narrativa, pois as línguas são produzidas no convívio social. De qualquer forma, a narrativa “A cigarra surda e as formigas” traz importantes informações sobre a Libras que podem dar viés à busca por mais informações.

Outra questão interessante é abordada no conto “Alice no país das maravilhas”, que é um conto adaptado da história de Lewis Carrol. Na adaptação, Alice é uma menina surda que cresce em uma família de ouvintes até que um dia se depara com os gêmeos Tweedledum&Tweedledee<sup>48</sup>, também surdos, que dão à Alice os primeiros ensinamentos sobre alguns elementos da cultura surda.

– Olha, eles são iguais! – disse Alice ao ver dois gêmeos surdos sinalizando.  
 – Não somos iguais, temos sinais diferentes – Retrucou um dos gêmeos.  
 – Sinal? O que é isso? – Disse Alice sem entender.  
 – Ah! Por exemplo, os ouvintes para chamar falam A-L-I-C-E, A-L-I-C-E... – Explicou o mesmo gêmeo.  
 – Ah, entendi.  
 – Sim, com os ouvintes é assim, mas com os surdos você abana e faz o sinal. Por exemplo, esse é o meu sinal, para me chamar fazem assim (mostra o sinal). O sinal dele é assim (mostra outro sinal) e o meu é assim (reapresentando o próprio sinal), diferentes.  
 – Ah, legal.  
 – E você, não tem sinal? – perguntou o gêmeo espantado.

(118 – Alice no país das maravilhas)

48 Na história sinalizada os gêmeos não são nomeados, apenas é trazida uma imagem que faz referência aos personagens da história de Carrol: Alice através do espelho. Na narrativa original os gêmeos idênticos complementam a fala um do outro e nunca se contradizem.

Os sinais são importantes para a identificação das pessoas surdas, sendo o modo com que são nomeados na língua de sinais. Geralmente esses sinais são atribuídos às pessoas quando elas passam a participar da comunidade surda, e retratam traços estéticos ou identitários salientes nessa pessoa. O meu sinal, por exemplo, foi me dado pelo surdo que me ensinou os primeiros sinais e é produzido pela união da letra “J” em Libras (primeira letra de meu nome) e o movimento em espiral, fazendo referência ao tipo de cabelo que possuo.

Diz-se que somos “batizados” quando recebemos um sinal de alguém (geralmente surdo) e são bastante interessantes os significados que são atribuídos a este “batizado”: ao nascermos, ou antes disso, quando somos reconhecidos como sujeitos pelos nossos pais, recebemos o nosso nome; quando somos reconhecidos para a comunidade surda, “nascemos” e recebemos o nosso sinal, e assim passamos a existir de modo mais efetivo a este grupo social.

Assim, na história de “Alice no país das maravilhas”, Alice é vista com estranhamento por não ter sinal e sente-se incomodada com isso; como se algo lhe faltasse, porque até o momento não sabia a língua de sinais. Assim, quando recebe o seu sinal do Chapeleiro Maluco, não somente ela estava sendo nomeada em língua de sinais, mas estava sendo reconhecida e aceita pela comunidade surda.

É muito comum que ouvintes que estão iniciando seus aprendizados em língua de sinais sintam-se ansiosos para terem os seus sinais, mas não são raras as vezes que os surdos lhes dizem que precisam pensar, conhecê-los melhor para então escolher um sinal. A questão é que o sinal, tal como o nome, não deveria ser trocado, e carrega em si significados - é como se, ao existir em língua de sinais, o sujeito passasse a existir para a comunidade surda.

Nas narrativas apresentadas nesse bloco analítico, a surdez é algo que precisa ser mostrada, evidenciada para a marcação da diferença surda, assim são inúmeros os traços culturais apresentados que caracterizam a identidade surda como algo desejável, valorizado socialmente. O não ouvir, a experiência visual e a fluência em língua de sinais são apresentadas em positividade: há, portanto, vantagens em ser surdo, e nisto é evidenciado um formato de narrativa que contesta

as representações que posicionam os sujeitos surdos como deficientes, difundindo justamente o oposto.

Um exemplo que ilustra algumas dessas vantagens de ser surdo, é apresentado na história “Corrida dos três sapos”, que apresenta a mesma corrida com três finais diferentes, mas todos apresentam características dos surdos que os tornam vitoriosos em relação aos ouvintes.

Eram dois sapos ouvintes e um surdo, os ouvintes ficaram rindo do surdo, mas esse, justamente por ser surdo não percebeu o que eles estavam falando. Durante a corrida, o público gritava “Você não consegue!” e os ouvintes afetados pela negatividade acabaram perdendo, já o surdo que não ouvia os gritos, ganhou a corrida.

(71 - Corrida dos três sapos)

A audição é apresentada como algo que desfoca a atenção, atrapalha, enquanto a surdez amplia a percepção visual. Assim, na segunda versão da história, o ouvinte perde por parar para atender ao celular; e na última versão, um dos ouvintes se abaixa para pegar um dinheiro, o outro para a fim de fazer um comentário debochado; o surdo percebe o que está acontecendo mas não suspende seu trajeto para interferir e assim vence a corrida. Nas três histórias, por não se afetar pela audição e por ter uma boa percepção visual, o sapo surdo triunfa.

Também são apresentadas vantagens em ser usuário da língua de sinais, pois para essa comunicação não há necessidade de aparelhos auditivos e, ainda, a língua de sinais é clara mesmo em ambientes sonoros barulhentos. Esta temática é abordada na narrativa “Alice no país das maravilhas”, quando as tropas dos surdos oralizados comandados pela Rainha da Oralização (rainha de Copas no conto original), lutam contra as tropas dos surdos sinalizantes, comandados pela Rainha dos Sinais.

– Hum, legal, todos vocês usam aparelhos, todos oralizam? Legal – Disse o Chapeleiro em tom irônico – Vocês são proibidos de sinalizar!  
E os oralizados cochichavam entre si, mas não conseguiam se entender.  
–Fala mais alto – diziam uns para os outros, enquanto os sinalizantes os observavam.

O Chapeleiro se posicionou entre as tropas e tocou alto uma longa trombeta, fazendo com que vários integrantes da tropa dos oralizados caíssem por terra em função do alto barulho. Enquanto isso o exército dos sinalizantes sorria tranquilamente.

O Chapeleiro colocou então uns tapumes em frente às tropas e os sinalizantes puderam se comunicar com tranquilidade, enquanto os oralizados se atrapalhavam na comunicação e iam caindo até que toda a tropa estivesse dispersa.

(118 – Alice no país das maravilhas)

É interessante salientar que na narrativa não é necessário muito para que os surdos oralizados percam a batalha; eles fracassam por se submeterem ao uso dos aparelhos auditivos e por não saberem a língua de sinais, não porque os surdos sinalizantes tivessem bons instrumentos de guerra ou boas estratégias de luta. É como se suas escolhas tivessem produzido derrota, dispersão e falta de união, que também são marcados negativamente.

Assim, existem modos de ser surdo que são vistos como inconvenientes nessas narrativas, como os surdos oralizados e os surdos implantados. Tais modos de vivenciar a surdez são trazidos nas narrativas como modos artificiais de experienciar a surdez, modos que negam a identidade surda que é constituída no contato com a língua de sinais.

Na história “Menino surdo”, por exemplo, a irmã do bebê surdo sonha com três portas, que levam a três possibilidades diferentes de experimentar a surdez. Cada porta é marcada com uma cor e letras diferentes. A letra D (possivelmente fazendo referência a palavra “deficiente”) abre para um cômodo no qual é posto em evidência o aparelho auditivo, que é apresentado como pouco eficiente. Na porta I, é apresentado o Implante coclear, que também não captura o interesse da menina em seu sonho. A terceira porta, a de letra S (surdo) é a porta que, ao ser aberta, faz jorrar luz e movimento; nitidamente mais atrativa, é a porta escolhida pela menina em seu sonho e representa o caminho que ela deseja seguir ao lado de seu irmão.

[...] Abriu a porta vermelha com um “D” na frente, lá dentro havia uma bebê com aparelho auditivo que possibilitava escutar alguns barulhos. Estranhado, fechou a porta. Abriu então a porta verde com um “I” na frente e lá dentro estava um bebê com implante coclear que vivia em meio a inúmeras vozes, mas parecia alheio a todas elas. Fechou, então, a segunda porta:

–A porta D? Não...a porta I? Não... – e foi em direção a porta azul com um “S” na frente. Abriu a porta e de dentro dela surgiu uma forte luz com mãos que sinalizavam a toda a sua volta, lhe fazendo sentir-se animado.  
 E nisso a menina acordou, terminou o sonho, ela guardou seus fones, e refletiu:  
 – A Língua de Sinais é boa – e dirigindo-se ao menino – vamos sinalizar?  
 Eles eram irmãos.

(37 – Menino surdo)

Dessa narrativa também é importante chamar atenção para a idade do personagem surdo: um pequeno bebê, que não tem idade suficiente para dizer sobre seus sentimentos, ou fazer suas escolhas em relação aos caminhos a seguir, necessitando que os outros o façam por ele. Está nas mãos dos pais fazer escolhas que direcionarão o sujeito a se constituir como surdo sinalizante, como surdo implantado ou usuário de aparelho auditivo.

A metáfora das portas é bastante interessante, pois apresenta que existem diferentes caminhos, mas somente uma porta se abre a cada vez, e apenas um caminho pode ser escolhido ao final. Poder-se-ia abrir apenas uma porta e seguir por ela, sem saber o que as outras reservavam, como também é possível abrir uma de cada vez e refletir sobre os benefícios propostos por cada uma.

Tal metáfora é significativa ao se pensar na realidade dos surdos, e na necessidade de que os pais também possam “abrir diferentes portas”, experimentando um pouco de cada possibilidade, sabendo que os caminhos são múltiplos e levam a lugares diferentes. Não quero afirmar aqui que existam percursos mais fáceis de serem seguidos, ou melhores do que outros; não me cabe esse julgamento do lugar onde escrevo. Mas tomando emprestada a imagem apresentada na narrativa, me autorizo a dizer que seria muito interessante que os pais de surdos pudessem visualizar um pouco do que se esconde atrás de cada porta, e arrisco ainda dizer que talvez a porta S, aquela que apresenta a língua de sinais em evidência, talvez ainda seja uma porta muitas vezes escondida pelos discursos clínico-terapêuticos sobre a surdez.

Na próxima seção seguiremos observando as representações sobre surdos, mas, de modo mais específico, na sua relação com o “outro” ouvinte, presente em

praticamente todas as narrativas estudadas; e nas representações sobre a língua de sinais que por tantas vezes se confunde com o próprio sujeito que a utiliza.

## 6. O PODER E A BELEZA DAS MÃOS: NEGOCIAÇÕES, RELAÇÕES E BILINGUISMO



Figura 2: O "cara" surdo<sup>49</sup>

Início esta seção com os quadrinhos acima por acreditar que eles ilustram uma das representações mais recorrentes a respeito da relação entre surdos e ouvintes nos materiais analisados para esta proposta: assim como os surdos aprendem com facilidade a língua de sinais, os ouvintes geralmente desconhecem essa língua. Na história em quadrinhos acima, o que chama mais atenção ao personagem surdo é o fato de o mágico saber língua de sinais. Nas narrativas por mim estudadas nesta pesquisa, quando algum ouvinte sabe Libras causa estranheza, exceto quando são membros de família de surdos:

49 Que truque de cartas legal!" / "Você de terno verde, qual seu nome?" / "Desmond" / "Ele é um mágico talentoso, mas o fato de que ele sinaliza é a mágica real" (tradução nossa). História em quadrinhos disponível no site <http://www.thatdeafguy.com/>, com acesso em 24 de maio de 2013.

A macaca ficou impressionada ao encontrar um macaco que sabia pelo menos o básico da língua de sinais, sendo que em sua vida nunca tinha encontrado nenhum macaco com quem pudesse se comunicar, a não ser os membros de sua família, sendo que por esse motivo ela estava na praça sinalizando sozinha, pois o sentimento de solidão a deixava muito chateada.

(Vídeo 6 - Menina que fala com as mãos)<sup>50</sup>

A falta de conhecimento dos ouvintes em relação à Libras e à cultura surda reflete, nessas narrativas, na exclusão dos surdos, que resulta em solidão e isolamento. Qualquer situação negativa não é decorrente da falta de audição, mas da falta de acessibilidade ou do conhecimento do outro em relação à diferença surda. Assim, em nenhum momento há o enfoque no sujeito surdo, como aquele que deveria se adaptar às “normas” ouvintes, mas há ênfase na cultura e identidade surdas, que não conseguem ser concebidas por aqueles que não se apropriam da língua de sinais.

(...) ouvintes, é problema deles (deixa para lá), eles não conhecem nada de nossa cultura e identidade.

(vídeo 29 – Encontro em cidade puro surdos)

Assim, a língua de sinais é apresentada como elemento relevante da constituição da identidade surda, também é revelada como item marcante na diferenciação entre surdos e ouvintes. Serve, portanto, tanto para afirmação da identidade surda como para marcação da diferença ouvinte, e fornece subsídios para incluir ou excluir, demarcando fronteiras entre as identidades.

Tal processo de diferenciação torna-se importante para se pensar as representações sobre surdos, objeto de análise desta dissertação, pois:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. (WOODWARD, 2009, p.39 – 40)

<sup>50</sup> Trecho retirado de texto escrito apresentado em blocos alternados com a sinalização da história.

Assim, quando as narrativas dizem sobre os ouvintes, também estão dizendo sobre os surdos. Afirmar a identidade surda é também dizer que não se é ouvinte e vice-versa. E arrisco dizer que a língua de sinais é central nesse processo de diferenciação, ao ponto de que, ao olhar para as narrativas, é possível pensar que quanto mais fluentes em línguas de sinais, menos “ouvintes” os sujeitos se tornam, mesmo que tenham suas características auditivas mantidas. Assim, não são raras as vezes que em contato com a comunidade surda, se observa afirmações como “ele é ouvinte, mas tem a alma surda” como se existisse uma linha, com o sujeito surdo fluente em língua de sinais em um ponto, e o sujeito ouvinte que não tem o mínimo contato com esta língua, no ponto oposto: no entremeio entre esses dois pontos, haveria inúmeras formas de existir no entremeio desses extremos, basicamente regidas pelo nível de fluência em língua de sinais.

Cabe salientar, no entanto, que tais posicionamentos são relacionais e produzidos no discurso, tal como aborda Silva:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham de uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essenciais, que não são coisa que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou tolerada. A identidade e a diferença têm de ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2009, p.76)

Deste modo, não é possível afirmar que exista uma essência surda ou ouvinte, nem uma distância natural entre ambas as identidades. As diferenças e semelhanças são decorrentes dos eixos escolhidos para fazer essa comparação. É necessário, portanto, desconfiar destas diferenciações, principalmente quando elas se apresentam em uma lógica binária apresentada de modo tão recorrente nas produções analisadas. Embora nosso pensamento moderno busque separar tudo em “caixas”, demarcando fronteiras, tal lógica é restritiva e apaga a multiplicidade e fluidez presente na formação das identidades. A questão é que talvez não existam

fronteiras, ou se elas existem, elas são móveis, elásticas, possíveis de serem deslocadas e desconstruídas.

Desta forma, é interessante olhar para as narrativas e perceber quais são os suportes adotados para contrapor surdos e ouvintes. Um exemplo significativo é encontrado na piada escatológica “Cocô de surdo e cocô de ouvinte”, em que o formato das fezes é relativo à existência ou não da percepção auditiva:

– Posso te fazer uma pergunta?  
 – Pode.  
 – Posso ver o teu cocô? Como ele é, o seu jeito? Pois se temos culturas diferentes, ouvintes e surdos também possuem fezes diferentes?  
 – Tu quer ver?!  
 – Sim, quero, vamos juntos.  
 E as fezes do ouvinte eram como uma cobrinha, fazendo uma onda rente ao chão.  
 – Hum, legal. Vamos ver o meu?  
 – Podemos.  
 E as fezes do surdo tinham um formato que subia em espiral.  
 – Como o teu cocô é em espiral e o meu espichado?  
 – É que o ouvinte escuta os sons do ambiente, dos animais e outras coisas. Atento aos barulhos vai se deslocando ao defecar. O surdo não, para ele é simples, ele observa os movimentos com a visão e faz seu cocô sem sair do lugar. São culturas diferentes.  
 (8 – Cocô de surdo e cocô de ouvinte)

A cultura é posta em evidência, relevante de tal maneira que pode modificar questões que a princípio pensaríamos ser puramente biológicas. Aqui a diferença é marcada pelos modos de perceber o mundo; enquanto os ouvintes se utilizam da audição para compreender o que os rodeia, os surdos observam visualmente o seu redor.

A piada não faz julgamentos de valor, mostrando vantagens ou desvantagens de nenhuma das condições, apenas apresenta diferenças e que essas produzem diferentes modos de agir e experienciar as situações da vida.

De modo bastante similar, as diferenças são discutidas em “A fase do desenvolvimento do surdo e ouvinte” que, através da alternância dos personagens narradores, apresenta surdos e ouvintes se desenvolvendo nos mesmos tempos, desde que encontrem um ambiente linguisticamente adequado.

Neste poema, as diferenças são marcadas desde a fecundação, quando o bebê surdo ainda no ventre mexia alegremente as mãos. Logo em seguida, engatinhando e sinalizando ou dizendo as primeiras palavras, os sinalizadores do poema utilizam um recurso visual bastante interessante para marcar a diferenciação entre o personagem surdo e o personagem ouvinte: em praticamente todas as cenas o bebê surdo é apresentado com as mãos abertas (como que desimpedidas, livres para a comunicação), enquanto o bebê ouvinte é apresentado com as mãos fechadas, utilizando a boca como meio de comunicação com o mundo.

Ao longo do poema, os personagens vão experimentando, em paralelo, vários momentos de sua vida: as primeiras palavras/sinais, a entrada na escola, a formatura (na qual são aplaudidos ou batendo as mãos, ou balançando-as no ar), o primeiro emprego, as conversas na internet, o casamento, enfim, experienciam as mesmas etapas da vida, mas de modos diferentes, uma vez que experimentam o mundo diferentemente. As diferenças e semelhanças são marcadas no sentido de mostrar que ambos podem atingir os mesmos objetivos, desde que tenham o direito de serem diferentes, desde a infância, sendo estimulados conforme suas possibilidades de percepção, encontrando ambientes acessíveis ao longo de suas vidas.

As diferenças também são abordadas de modo bastante semelhante no poema “Mundos”, no qual é apresentado um mundo que oraliza, que é feliz assim, que namora, caminha, comemora; por outro lado há um mundo que sinaliza e faz o mesmo que o mundo dos sons. Ambos são convidativos e produtivos, assim o poeta não consegue escolher apenas um dos mundos e opta por dar as mãos para os dois, fazendo, a partir de si, um elo entre as duas realidades.

Faço a leitura de que esse personagem central é o intérprete que vivencia os dois lados, convivendo entre surdos e ouvintes e fazendo a ligação entre essas duas comunidades a partir de sua fluência em duas línguas. É possível também pensar que esse seria um personagem surdo que opta por viver em contato tanto com seus pares surdos, quanto com a comunidade ouvinte, sabendo que estas são diferentes, mas que ambas têm algo para lhe oferecer.

A imagem dos mundos separados é forte no sentido de demarcar diferenças, como se os habitantes de cada planeta nem mesmo pertencessem a uma mesma espécie. No entanto, a distância é reduzida ao se falar sobre o que acontece em cada espaço: em cada mundo são feitas as mesmas atividades, somente a forma de comunicação é diferente, o que não impede, no entanto, que haja comunicação, mesmo que seja por intermédio de um intérprete ou de um surdo bilíngue.

No entanto, nem todas as relações entre ouvintes e surdos trazidas pelas narrativas são tão pacíficas. Em “Encontra cidade puro surdos”, os ouvintes riem do surdo, o desprezam e o deixam caído no mar, esperando que ele morra; em “Proibido o implante coclear”, os avós ouvintes ignoram a capacidade dos filhos surdos em criar o neto também surdo; em “A cigarra surda e as formigas”, as cigarras riem da formiga ouvinte e atiram lixo em sua casa; na piada “Vídeo robô” é apresentado um intérprete que não respeita a ética de sua profissão: na história, o intérprete intermedia o interrogatório de um surdo que havia realizado um assalto. De posse da informação de onde estaria escondido o dinheiro, o intérprete distorce o relato dado pelo surdo, ampliando o período de pena do criminoso e ficando com o dinheiro para si.

Pode-se perceber, a partir desta rápida retomada dos conflitos entre surdos e ouvintes, que em várias narrativas o sujeito ouvinte é representado como um vilão, enquanto o surdo é representado como a vítima. No entanto, em grande parte dessas histórias, a solução para essas situações de conflito entre surdos e ouvintes é o aprendizado da língua de sinais, que também implica o reconhecimento da cultura surda. Contrapondo-se ao discurso clínico-terapêutico, que evidenciava a necessidade de adaptação dos surdos à norma ouvinte, através de práticas de oralização e ao uso de aparelhos e próteses auditivas, a literatura surda apresentada nos materiais analisados aponta para um caminho contrário: os ouvintes devem se adaptar à “norma surda”, como mostra o excerto a seguir:

Não preciso uivar para me comunicar, posso sinalizar e se todos souberem a língua de sinais vão me entender.

(32 - Lua, a lobinha surda)

Em contraponto a isso, os ouvintes são frequentemente representados como inaptos ao aprendizado da língua de sinais com a qualidade e fluência tal como os surdos, a menos que efetivamente participem de seu convívio diário, como familiares, intérpretes e professores:

Saindo dali o macaco fez de tudo para ficar igual à menina, ele faz muita fisioterapia e exercícios localizados para as mãos, mexendo muito as mãos, mas **mesmo assim os sinais não se configuram da mesma forma como se configuram na menina**".

[...]

Daí o macaco **coloca algodão em seus ouvidos** e tenta produzir alguns sinais, mas não consegue que seus sinais fiquem tão bons quanto os da menina, pois só colocar algodão nos ouvidos e não **ouvir não basta para que sinalize tão bem**.

[...]

Os dois se casaram, **o macaco ficou fluente** em Libras, sendo que até fez o Prolibras e os dois formaram uma linda família.

(6 -Menina bonita que fala com as mãos)<sup>51</sup>

É evidenciado que mesmo que se esforce, que estude, o ouvinte não possui a mesma habilidade que os surdos com a língua de sinais. No entanto, ser surdo não se resume ao “não ouvir” como é apresentado no excerto em que o macaco tenta sentir-se surdo ao cobrir os ouvidos com algodão. Ser surdo é uma questão de experiência de vida, de construção identitária, e isso não é possível de ser experimentado sem uma vivência mais aprofundada.

Outro exemplo sobre a importância do esforço e do estudo para o aprendizado da língua de sinais por parte dos ouvintes é trazido na história “Bruxa treina mágicas” em que uma bruxa é capaz de conjurar inúmeros elementos através da magia, nos passando a ideia de que ela pode tudo com sua varinha mágica. No entanto, quando ela precisa aprender Libras para se comunicar com uma menina surda, o máximo que ela consegue através da magia é invocar um livro que lhe ajuda a estudar.

– Meus ouvidos não funcionam – Disse a menina apontando para suas orelhas – **Você precisa aprender a língua de sinais.**

<sup>51</sup> Trecho retirado de texto escrito apresentado em blocos alternados com a sinalização da história.

– Eu? Língua de sinais? – Respondeu a Bruxa sem entender direito – Espera – Disse ela se voltando para o livro de magia, esfregando as mãos e fazendo aparecer entre elas uma varinha mágica. – Consegui! – Exclamou a bruxa ao conjurar o livro “Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos”.  
 – Libras! – Exclamou a menina sorridente.  
 – Espera, **eu vou ler e aprender** – Disse a Bruxa, voltando os olhos para o livro, lendo rapidamente.

(39 – A bruxa treina mágicas)

A questão é que não existe nenhuma chave ou encantamento para que se possa aprender uma língua sem esforço, como várias narrativas apresentam: o aprendizado da Libras se dá através de estudo e de contato com a comunidade surda.

Algo bastante semelhante acontece na história “Os três porquinhos” em que os porquinhos surdos precisam se dedicar muito para aprender o português. Na narrativa o nível de aprendizado desta segunda língua é diretamente relativo ao tempo dedicado à leitura e ao estudo.

O primeiro porquinho fez a casa de palha, de qualquer jeito, rapidinho. A casa ficou bonitinha, mas instável. Ele gostou do trabalho, sentou e abriu uma latinha de bebida e foi estudar um pouco. Leu um pouco e desistiu:

– **Estudar para quê?** Eu já sei, é fácil. – disse o porquinho e voltou para a sua bebida.

[...]

O segundo porquinho abriu um livro, leu algumas páginas e desistiu:

– Eu sei, **terei tempo mais adiante para finalizar a leitura.** É rápido eu acredito, calma...

Enquanto isso o **terceiro porquinho seguia trabalhando, lendo, pesquisando**, analisando bem:

– Que estranho, os outros já terminaram, aprenderam rápido! Legal! Estranho, mas legal. Comigo é mais devagar pois eu quero saber bem, não quero saber de erros. – E seguiu organizando as coisas.

(117 – Os três porquinhos)

A leitura é vista na narrativa como suporte para a construção de uma casa mais forte, melhor estruturada. Tal aprendizado, mais tarde, também se torna válido para vencer os desafios propostos pelo lobo, que nesta história ao invés de tentar comer os porquinhos, soletra palavras e se enfurece todas as vezes que um porquinho não sabe o seu significado.

– Espera, você é surdo né? Eu posso soletrar algumas palavras manualmente para você? Veja: A-M-O-R, o que significa? – Perguntou o lobo ao primeiro porquinho.  
 O porquinho perdido disse: – Pode repetir?  
 – A-M-O-R. – repetiu o lobo enfurecido. – O que é?  
 O porquinho, sem saber a resposta, fugiu entrando em casa e batendo a porta.  
 [...]  
 O segundo porquinho abriu a porta e deu de cara com um lobo enfurecido, que olhou em volta e perguntou:  
 – Você conhece a palavra A-M-O-R?  
 – Amor – Sinalizou o porquinho com facilidade.  
 – Hum, e você conhece a palavra C-A-P-A-Z?  
 – Capaz – Sinalizou novamente o porquinho sem pestanejar.  
**O lobo estranhou** e pensou um pouco:  
 – Você conhece R-E-S-P-O-N-S-Á-V-E-L?  
 O porquinho perdeu a expressão de confiança e tentou:  
 – Amigo?  
 – Amigo? – Riu o lobo intensamente debochando do erro do porquinho.  
 [...]  
 Voltando-se ao terceiro porquinho, o lobo perguntou:  
 – Conhece R-E-S-P-O-N-S-Á-V-E-L?  
 – Responsável. – Sinalizou o porquinho de dois modos diferentes. – E daí?  
 O lobo olhou o porquinho dos pés a cabeça e riu como quem gosta de um desafio. Conhece E-D-U-C-A-Ç-Ã-O?  
 – Educação – Respondeu o porquinho com facilidade.  
 – Como você sabe?  
 – **Eu estudo ora!**

(117 – Os três porquinhos)

Pode-se imaginar que o lobo personifica os desafios que os surdos experienciam ao viver em situação bilíngue. A escrita e a leitura é muitas vezes desafiante, uma vez que para os surdos esta se dá numa segunda língua, no entanto, o terceiro porquinho dá a dica para vencer esse obstáculo: “Estudar, ora!”.

Por fim, também há relação entre o tempo de estudo e a situação financeira dos porquinhos, pois a última casa, do porquinho que dedicou bastante tempo à leitura, além de ser uma casa mais forte, possui mais aparatos tecnológicos, como campainha luminosa, uma grande televisão e uma porta automática, que abre ao se acionar um botão.

É interessante salientar que, nas narrativas, o aprendizado de uma segunda língua tanto para surdos quanto ouvintes é decorrente de muita dedicação e estudo. O aprendizado da língua de sinais, por parte dos surdos, aparece nas narrativas, como iniciando desde o ventre materno, como se essa língua fosse de tal modo

vinculada ao surdo que ambas não pudessem ser separadas, como se a língua de sinais já estivesse no âmago desses sujeitos, em alguns momentos ocultada por práticas ouvintistas, mas que, no menor contato com outros surdos, ela “brotaria” com facilidade.

Parece-me, ao observar algumas narrativas, que há a afirmação de que a língua de sinais é propriedade dos surdos e, para que os ouvintes acessem a esta língua de modo efetivo, precisam negociar. Assim, no vídeo “A cigarra surda e a formiga”, a formiga aceita que as cigarras surdas, que a haviam incomodado durante todo o verão, se aqueçam em sua casa em troca dos ensinamentos proporcionados sobre a língua de sinais.

– Precisamos de comida, podemos entrar? – Perguntou a Cigarra assim que a Formiga abriu a porta.  
 – Não, não. – Disse a formiga um pouco relutante. – Vocês jogaram coisas em mim – justifica, fechando a porta.  
 – Fechou a porta na nossa cara! Disse que atiramos as coisas nela, e ela tem razão! Vamos bater novamente, **eu tenho uma ideia, vamos mostrar os livros a ela, dar um curso de Libras, ela nos deixará entrar, é uma troca.** – Disse a primeira cigarra esperançosa.  
 – Certo – concordou a outra.  
 – Será que ela aceita? Será que conseguiremos? Me dê aqui os livros – Disse a cigarra um pouco antes de bater novamente na porta.  
 A formiga atendeu a porta já braba.  
 – Calma, desculpa, veja. Nós te damos isso para aprender. - Disse a cigarra entregando os livros.  
 – É importante. - apoiou a outra cigarra.  
 – Nós poderemos interagir – continuou a cigarra.  
 – Curso de Libras – Disse a formiga lendo na capa do livro – é, “A” – continua a formiga tentando articular o sinal. – Já ouvi falar... Vocês querem entrar e comer?  
 – Sim! – responderam as duas cigarras ao mesmo tempo.

(26 – A Cigarra surda e as formigas)

Assim, como é explicitado nessa mesma história, através da troca de informações entre as duas culturas, surdos e ouvintes podem se unir e conviver. Também é interessante atentar para o papel do ensino das línguas de sinais como aparente moeda de troca no intercâmbio cultural entre surdos e ouvintes. Na luta pelo direito de aprender e socializar em Libras, pela afirmação da diferença surda, e pelo reconhecimento da língua de sinais afloram os cursos de Libras, ampliando

substancialmente o número de ouvintes aprendendo essa língua e entrando em contato com os surdos.

Ao conhecer mais a língua de sinais e aspectos da cultura e identidades surdas, ampliam-se as possibilidades de comunicação entre surdos e ouvintes, diminuindo o preconceito, geralmente gerado pela falta de conhecimento em relação ao outro. Esta afirmativa é trazida no poema “Bilinguismo junto com Libras”, que apresenta o bilinguismo como a chave para a resolução de conflitos:

Eu sou surdo, lhe apresento o bilinguismo, não há conflitos, nem preconceito, nada disso. A língua de sinais é reconhecida no bilinguismo. [...] Vida nova, a comunicação é importante, não a opressão e ao preconceito, imaginem...Eu sou surdo, inteligente, vocês verão a beleza. Nós dois juntos em uma comunicação bilíngue.

(63 – Bilinguismo junto com Libras)

Através do bilinguismo, como é apresentado no poema, os ouvintes tornam-se capazes de ver a beleza do surdo, suas capacidades, diminuindo assim os conflitos e ampliando o reconhecimento da língua de sinais.

A língua de sinais, portanto constitui-se muito mais do que em uma forma de comunicação capaz de aproximar surdos e ouvintes, mas como a chave para o empoderamento da comunidade surda. É possível afirmar que nas narrativas analisadas, as representações sobre a língua de sinais transcendem o papel comunicativo, para instituir, através da língua, a existência do sujeito surdo.

É interessante salientar, que a Libras é trazida nas narrativas como possibilidade de comunicação no entanto, seu valor não se encerra nisso. A língua de sinais é apresentada em sua mais bela forma, seja pelos padrões estéticos utilizados pelos sujeitos produtores das narrativas, seja pela beleza atribuída a esta língua corroborando ao que afirma Sutton-Spence de que “O empoderamento pode ocorrer ou simplesmente por se usar a língua, ou pela mensagem por ela transmitida” (SUTTON-SPENCE, 2006, p.329). Assim, deixa de ser “apenas” a língua dos surdos e passa a se constituir como objeto de desejo para os ouvintes:

\_\_\_\_\_

Do lado da casa morava um macaquinho, que falava muito, e ouvia ainda mais, mas muito admirado com a menina bonita que fala com mãos, achava ela a pessoa mais interessante e bonita do mundo, e pensava: Quando eu casar quero ter uma filhinha assim, que sinalize tudo, igual a ela!

(6 - Menina bonita que fala com as mãos)<sup>52</sup>

A história “Menina bonita que fala com as mãos” é uma adaptação da história “Menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado. Em ambas as histórias há um personagem central, tido como diferente, que é admirado por um segundo personagem que passa por diversas tentativas de ficar parecido com a pessoa venerada, sem nunca ter sucesso. Na história original a menina bonita do laço de fita é uma menina negra, com cabelos enroladinhos e bem negros “feito fiapos da noite”; já na adaptação a menina bonita tem olhos “muito expressivos” e mãozinhas que nunca param.

Embora seja discutido na narrativa “Menina bonita que fala com as mãos” o fato de a menina ser uma criança fluente em língua de sinais, por ser surda pertencente a uma família de surdos, a surdez da menina não é destacada, mas sim a forma com que se comunica.

Em nenhum momento a representação da surdez como uma perda é trazida na narrativa, pelo contrário, pertencer a uma família de surdos é visto como uma dádiva, e ter filhos surdos é algo desejável, até mesmo porque fica marcado na narrativa que a fluência em língua de sinais é algo atingido facilmente pelos surdos, mas não é algo tão fácil para os ouvintes.

Assim, nas narrativas analisadas, é através das mãos que os surdos são reconhecidos e aceitos na sociedade; também se percebe que esta língua possui propriedades únicas que não encontram equivalência nas línguas orais. É o que acontece quando a lobinha Lua, da história “Lua, a lobinha surda”, por conseguir se comunicar no silêncio, salva o líder da matilha de ser picado por uma cobra, e a partir disto é aceita no grupo, tendo sua língua reconhecida como um mérito para os lobos.

---

<sup>52</sup> Trecho retirado de texto escrito apresentado em blocos alternados com a sinalização da história.

Eu ignorava sua capacidade pequena Lua. Aprendi que os lobos se comunicam com seus uivos, mas hoje percebo que os lobos são mais inteligentes ainda, temos a capacidade de nos comunicar com os olhos, com o corpo e porque não com sinais feitos com as patas? Perdoe-me e se você aceitar, de agora em diante, temos em nossa matilha uma loba que escuta com os olhos e uiva com as patas.

32 – Lua, a lobinha surda<sup>53</sup>

A língua de sinais é vista como uma possibilidade extra para os ouvintes, não como um recurso para aqueles que não podem se comunicar oralmente, mas como uma língua com características visuais-espaciais, que não existem nas línguas orais. Assim, ser bilíngue é algo cobiçado, quase que uma obrigação para ser mais completo, e poder aproveitar melhor as possibilidades de comunicação com o mundo.

Os sujeitos surdos são reconhecidos e passam a ser respeitados a partir da língua de sinais. É a Libras que produz as mudanças na vida desse sujeito, e a partir do movimento de suas mãos que ele conquista espaço. No poema “O balé das mãos”,<sup>54</sup> é a partir do sinal de “língua de sinais” que o sinalizante produz os outros sinais do poema. Todas as vezes que ele produz o sinal “língua de sinais” seu rosto expressa alegria, demarcando prazer em comunicar essa língua.

No movimento de produzir coisas a partir da língua de sinais, no poema é criado o curso de Letras, que vem acompanhado da expressão facial na qual o poeta parece perguntar para as suas mãos o significado daquele sinal. A partir do sinal de “Letras”, as mãos se reconfiguram no sinal do curso de Graduação em Letras-Libras, que vem acompanhado de uma expressão facial sorridente, que denota satisfação. Por fim, as mãos do poeta se configuram novamente em um novo sinal: o “desenvolvimento”, que surge após o sinal de “Letras-Libras” e que finaliza o poema, com o sinal de admiração das pessoas ao sujeito surdo.

Nas narrativas, fica evidente a importância do “movimento das mãos” para que os surdos sejam percebidos, respeitados e modifiquem o que está a sua volta.

<sup>53</sup> Trecho retirado de texto escrito apresentado em blocos alternados com a sinalização da história.

<sup>54</sup> Optei por não transcrever os poemas, por perceber que eles utilizam recursos da língua de sinais que não conseguem ser traduzidos para a língua escrita. Assim, me utilizo dos mesmos, trabalhando com os significados discutidos a partir de seu conteúdo, mas imagino que se perderia muito ao escrevê-los em português.

Principalmente nos poemas, onde é utilizada uma “forma elevada da língua (‘sinal arte’) para produzir efeito estético” (SUTTON-SPENCE, 2006, p.329) e é marcado o sinal da Libras vinculado à expressão facial de satisfação e alegria daquele que sinaliza.

No poema narrado, ainda, destaca-se a importância dada ao curso de Letras-Libras, como aquele que oportuniza o desenvolvimento do surdo e consequentemente o torna digno de admiração por parte dos demais.

Pode-se perceber com isso que há interesse em marcar a diferença surda a partir do uso e da exaltação da língua de sinais, que é apresentada nas narrativas como produtiva, rica e bela.

Rutherford discute o papel das produções em Língua de Sinais Americana (ASL) na mudança de representação sobre a ASL nos Estados Unidos. Para a autora, os usos da língua de sinais nas escolas produzem uma percepção de que esta não seria uma língua real e efetiva, no entanto, através das histórias ABC<sup>55</sup> que utilizam uma forma mais poética e elevada da língua de sinais há uma quebra com essa representação que inferioriza a ASL.

O jogo linguístico Inglês/ASL revela uma espécie de paradoxo. Com as instituições de educação formal rotulando o inglês como uma língua 'real' e a ASL como uma língua 'irreal', parece que o jogo de sinais das histórias ABC tenta conciliar esse paradoxo e reverter a percepção da ASL, elevando-a para uma língua 'real'. (RUTHERFORD, 1993, p. 66, tradução nossa)<sup>56</sup>

Várias narrativas elencadas para análise nesta dissertação também tentam problematizar as representações sobre a língua de sinais brasileira, utilizando formas elevadas da língua e discutindo, através do que é dito nas narrativas, o papel das mãos nas mudanças na vida dos surdos.

---

55 As histórias ABC são bastante recorrentes no folclore surdo dos Estados Unidos. Consistem em histórias que se utilizam das configurações de mão referentes às letras do alfabeto, em ordem, para organizarem a narrativa.

56 No original “The English/ASL linguistic play reveals a paradox of sorts. With the formal educational institutions having labeled English a 'real' language and ASL an 'unreal' language, it appears that the sign play of the ABC Story attempts to reconcile this paradox and reverse the perception of ASL, elevating it to a 'real' language.

No poema, “Mão falante”, por exemplo, são apresentadas três pessoas: A primeira possui as mãos amarradas por uma corda imaginária, que é rompida com a boca, libertando as mãos. As mãos agora livres tocam as mãos de um segundo personagem lhe dando vida e movimento. A princípio, esta segunda pessoa apresenta-se feliz por poder sinalizar, mas suas mãos não estão totalmente livres, pois em alguns momentos são quase aprisionadas, exigindo esforço para não serem silenciadas. As mãos em movimento seguem adiante tocando em um terceiro personagem que transforma suas mãos em uma borboleta, que voa livre, difundindo liberdade para os demais.

É interessante nesse poema, atentar para a primeira situação, em que o surdo rompe – com a boca – as cordas que aprisionavam suas mãos. Pode-se fazer a leitura de que foi necessário esforço da boca, através da oralização, para que os surdos tivessem a possibilidade de utilizar as suas mãos; possivelmente, esse período, tido como negativo na história do povo surdo, não deve ser esquecido, mas deve ser visto como uma etapa para se atingir a liberdade almejada para as mãos.

Ainda sobre esse poema, cabe salientar que o segundo personagem, embora aparentemente livre, parecia precisar lutar constantemente para não ser novamente aprisionado. Pode-se pensar que esta parte do poema convida aos surdos para seguirem com suas mãos em movimento, lutando, comunicando, produzindo, para que não tenham novamente suas “vozes manuais” silenciadas.

Por fim, a configuração das mãos em borboleta, reúne a beleza do inseto à liberdade de seu voo, em uma metamorfose, apresentando a etapa final da vida do povo surdo, liberto para espalhar suas cores, suas asas ao restante da população.

Essas mãos belas e livres apresentadas no poema seguem se movimentando em outros poemas, mostrando que podem fazer muito: comunicar, ferir, amar e modificar o mundo.

Através de suas mãos eu aprendi a perceber, e no silêncio das falas, tuas mãos eram artistas que faziam lindas performances, bailarinas que dançavam ao som de uma linda música que seus ouvidos não podiam ouvir.  
Com tuas mãos eu viajei no mundo da sabedoria, da arte e do amor. Aprendi a diferenciar o bem do mal, e das tuas mãos percebi histórias: histórias de amor e de guerra.

Pelas tuas mãos vi que é possível ter a paz na Terra, ao perceber suas mãos falando eu ousei sonhar que um dia não haverá mais discriminação, não faltará mais emprego e todos viverão bem.

Você é surdo sim, mas possui tuas mãos distribuindo sabedoria, descobrindo no silêncio o saber do dia a dia. Assim a construção de um mundo novo é real!

(Vídeo 170 – Mãos que falam<sup>57</sup>)

Neste poema, através do ato de olhar para as mãos, a vida do poeta se modifica, pois, ao olhar para as mãos do surdo, ele aprende sobre a vida e passa a acreditar em um mundo melhor. A narrativa referente ao fim do preconceito discutida na seção anterior retorna nesse poema, como um sonho que só é possível em decorrência do trabalho silencioso das mãos.

No poema também fica evidente a possibilidade das mãos comunicarem sobre tudo, transmitirem sentimentos, ensinamentos, produzirem arte, transformarem o mundo.

Ao afirmar o poder e a beleza das mãos, está se apresentando o poder e a beleza que existe em ser surdo, invertendo completamente as representações de benevolência ou discriminação a estes sujeitos. Assim como as mãos podem muito, assim também os sujeitos que se utilizam destas mãos:

As mãos podem unir, podem dar carinho, podem ajudar;  
Mas as mãos também podem excluir, beliscar, bater.  
Mas o que é mais importante é que elas podem comunicar.  
Elas falam através da LIBRAS.

(168 – Mãos)

É interessante destacar que tudo o que as narrativas afirmam sobre as possibilidades das mãos produzirem, só é possível a partir do momento que essas mãos se veem livres. Talvez, possa-se ler, a partir desta reflexão, que se acredita no potencial dos surdos, e que, se ainda não foi possível a todos provar sua capacidade, é porque não lhes foi proporcionado um ambiente adequado para isso.

57 Transcrição feita comparando a sinalização ao texto original da poesia disponível em <http://helianablogarte.blogspot.com.br/2010/08/texto-poetico.html>, acesso em 28/01/2014

Assim, é preciso prestar atenção nessas mãos, não negar a sua existência, e pensar que elas, bem como os sujeitos que as utilizam para expressar a sua voz, podem muito, desde que encontrem liberdade para poderem se comunicar através da Libras.

## **CONCLUIR NÃO CONCLUINDO: MUITO MAIS UMA VÍRGULA QUE UM PONTO FINAL**

Chegando ao fim desta dissertação, vejo que muito mais poderia ser dito e observado nas produções analisadas durante esta escrita; por isso antes de traçar qualquer comentário conclusivo chamo atenção ao leitor para que não deixe que o movimento de tantas mãos trazidas neste texto cesse. Convido-os a olhar de outras formas, seguir aprofundando, pois este não é um ponto final, mas o final de uma reta que se abre em múltiplas outras estradas.

Durante esta pesquisa procurei responder à questão “Quais representações sobre a diferença surda circulam nas produções literárias dos alunos do curso de graduação em Letras-Libras?”, tendo como objetivos “descrever o material empírico utilizado na pesquisa; investigar as recorrências e singularidades nas narrativas sobre as experiências de ser surdo; e analisar as representações sobre a diferença surda que circulam nas produções literárias dos alunos do curso de graduação em Letras-Libras.”

Destaca-se a importância da literatura em língua de sinais como possibilidade dos surdos de se autonarrarem, colocando em circulação representações de si e das experiências que os cercam, que ampliam as possibilidades de dizer sobre esses sujeitos bem como possibilitam pensar outras práticas acerca desses sujeitos.

Evidencia-se a recorrência de narrativas que posicionam o sujeito surdo como alguém com habilidades vinculadas ao modo visual com que interage com o mundo. Habilidades estas que lhe conferem *status* e tornam a sua condição desejável.

Salienta-se a centralidade do bilinguismo para a solução de conflitos entre surdos e ouvintes, e como equalizador de diferenças que situam os sujeitos em situações hierarquizantes. Ainda nesse sentido, chama-se atenção para a importância do acesso a variada literatura em língua de sinais, proporcionando aos surdos um maior acesso a informação, ao prazer literário, bem como uma mudança de olhar sobre a língua de sinais, que através da literatura pode passar a ser mais valorizada e reconhecida tal como as línguas orais.

Fica evidenciado o valor da língua de sinais, nas narrativas, não somente para os surdos, mas para toda a sociedade, sendo o centro da cultura dos surdos sinalizantes, cultura esta que luta e tensiona a normalidade ouvinte, constituindo um espaço de contestação através da marcação da diferença.

Desta forma, colocar em circulação representações sobre os surdos e sobre as línguas de sinais que apresentam suas potencialidades pode ser um dos caminhos para mudanças no âmbito das políticas educacionais, ambiente em que grande parte das lutas surdas tem se desenvolvido nos últimos anos.

O bilinguismo, bandeira de luta do movimento surdo, foi trazido nas narrativas como o grande potencializador para a construção de relações igualitárias entre surdos e ouvintes. Talvez esta seja a chave para um reconhecimento das línguas de sinais e de mudanças efetivas nas políticas educacionais e de acessibilidade para os surdos.

As narrativas aqui investigadas apontam para uma mudança significativa nas representações sobre os surdos, apresentando esta diferença como produtiva e desejável. Colocar em circulação produções como essas nas escolas de surdos e de ouvintes possivelmente possibilitará a constituição de gerações que compreenderão os sujeitos surdos de uma forma diferente à de gerações passadas.

Cabe salientar que a existência dessas representações discutidas neste texto não apaga a existência de outras representações que colocam os ouvintes como uma norma a ser seguida. É por esse motivo que as mãos não devem parar de produzir e de seguir tencionando essas representações. Neste jogo de poder o movimento constante é imprescindível.

No entanto, é preciso sempre desconfiar das verdades produzidas, bem como das representações que se apoiam em uma lógica binária ao tratar das diferenças. É preciso perceber a fluidez das diferenças, nunca pretendendo as aprisionar em concepções fechadas, apoiando as identidades apenas em uma lógica de diferenciação, pois a diferença não pode ser capturada.

Outra questão a ser destacada é o papel dos paratextos na literatura, como aquele que direciona a leitura, apresentando possíveis interpretações e “utilidades”

para a produção literária. Salienta-se o interesse apresentado pelos autores, de que a literatura surda seja acessada tanto por surdos quanto por ouvintes, divulgando a língua de sinais, bem como possibilitando o acesso a informações e ao prazer literário através da Libras.

Por fim, é evidenciado ainda que a literatura em língua de sinais é um direito para o povo surdo, bem como uma das chaves para colocar em circulação aspectos da cultura surda, e reivindicar que a diferença surda seja vista e valorizada nos mais diversos espaços.

Em relação ao caminho percorrido durante essa pesquisa, destaco o desafio de trabalhar o tempo todo com duas línguas. Todo o processo analítico envolveu a tradução, muitos foram os momentos em que precisei parar, refletir e pensar nas palavras mais adequadas para registrar o que era me dito em língua de sinais brasileira. Em relação à análise das poesias, este processo tornou-se ainda mais desafiador, uma vez que nesse gênero literário é corrente o uso de elementos específicos das línguas que muitas vezes não conseguem ser replicados em outra.

Destaco ainda meu desejo de que essas produções não fiquem guardadas apenas nas páginas desta dissertação. Seria muito interessante que em parcerias posteriores, esses materiais, em conjunto com seus autores, pudessem encontrar meios mais dinâmicos de divulgação<sup>58</sup> e que essa literatura pudesse chegar às escolas, às crianças surdas e ouvintes, aumentando as possibilidades de que representações tão produtivas da diferença surda constituíssem os olhares das novas gerações sobre esses sujeitos.

Em estudos posteriores acredito que seria interessante atentar para o curso de Letras-Libras de um modo mais demorado, observando em detalhe o seu currículo e desta forma compreendendo melhor os profissionais objetivados por esse curso. Seria interessante também trabalhar com entrevistas, buscando analisar os sentimentos e valores atribuídos a este curso que possibilitou a formação acadêmica de surdos em escala até então não experienciada.

---

<sup>58</sup> Pretende-se posteriormente colocar parte das histórias no acervo digital de literatura surda <http://www.literaturasurda.com.br/>. Tal projeto, no entanto, demanda um novo termo de consentimento para divulgação dos materiais para além dos objetivos da pesquisa.

Coloco-me, ao final desta estrada em que caminhei durante a dissertação, olhando para trás cheia de entusiasmo, e talvez um pouco de saudade também, como que enxergando um caminho florido, com algumas sementes que ajudei a plantar, mas olhando para frente, acreditando que muito ainda possa ser olhado no material já analisado e tanto mais no restante dos vídeos ainda não elencados. Até o momento, da minha parte, fica um desejo de seguir caminhando, de colher algumas flores e distribuir, para que outras pessoas também sintam o perfume, e de seguir plantando, experimentando outras sementes, outros terrenos.

Não sei ao certo que caminhos meus passos seguirão, mas sei que carregarei comigo, onde quer que eu vá, uma grande admiração pela cultura surda, que põe suas mãos à luta de maneira bela, colocando em circulação diversas possibilidades de ser surdo, de se relacionar com a surdez.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 258 p.

BENVENUTO, Andrea. O surdo e o inaudito. À escuta de Michel Foucault. In.: KOHAN, Walter Omar; GONDRA, José (Orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BORTOLETTI, Priscila Abreu. ***Eu não escuto nada, só vejo***: narrativas sobre “ser surdo” e a educação bilíngue. Porto Alegre, 2013. 48 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Pedagogia. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

BRASIL, MEC/Seesp. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. 2002 [on-line]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccvil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccvil_03/LEIS/2002/L10436.htm)

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5626/05**. Regulamenta a Lei 10.436 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras). 2005 [on-line]. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-006/2005/Decreto/D5626.htm).

COSTA, Marisa Vorraber. Leitura e diversidade. In: **17º COLE**. Campinas: UNICAMP, 2009. [on-line] Disponível em [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/conferencias/Marisa\\_Costa.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/conferencias/Marisa_Costa.pdf)

FABRIS, Elí Terezinha Henn. A pedagogia do herói nos filmes hollywoodianos. In.: **Currículo em Fronteiras**, v. 10, n.1, pp. 232-245, jan/jun 2010.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart (org.) **Representation: Cultural representations and Signifying Practices**. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

HAULAND, Hilde; ALLEN, Colin. **Deaf people and Human Rights**. WFD: 2009 [on-line] Disponível em <http://www.wfdeaf.org/wp-content/uploads/2011/06/Deaf-People-and-Human-Rights-Report.pdf>

KAERCHER, Gládis. As representações do/a professor/a negro/a na literatura infanto-juvenil ou sobre os fluxos das águas... In.: SILVEIRA (org.) Rosa Maria Hessel (org.). **Professoras que as histórias nos contam**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura Surda. **Educação temática digital**, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006.

\_\_\_\_\_. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. In: **cadernos de educação** – UFPel – Ano 19, n.36 (mai.ago. 2010) – Ed. UFPel – Pelotas, RS.

KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (orgs.) **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

LARROSA, Jorge. Ensaio, diário e poema como variantes da autobiografia: a propósito de um “poema de formação” de Andrés Sánchez Robayna. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. P. 183 - 202

LOPES, Maura Corcini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

MEYER, Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucy A.. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. In.:MEYER; Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucy A. (orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2012.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de sinais**. Porto Alegre, 2011. 132 f. Dissertação de mestrado – Programa de pós-graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2011.

MULLER, Janete Inês. **Marcadores culturais na literatura surda: constituição de significados em produções editoriais surdas**. Porto Alegre, 2012. 175 f, Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2012.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in America: Voices from a Culture**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In.:MEYER; Dagmar E.; PARAÍSO, Marlucy A. (orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2012.

PINHEIRO, Daiane. Produções surdas no YouTube: consumindo a cultura. In.: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M.L..(orgs.) **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

\_\_\_\_\_. **Youtube como pedagogia cultural: espaço de produção, circulação e consumo da cultura surda**. Porto alegre, 2012. 80f, Dissertação de mestrado –

Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2012.

POKORSKI, Juliana de Oliveira. **O movimento surdo na internet: os discursos circulantes no youtube** \_ Porto Alegre, 2011. 37f. Trabalho de Conclusão de Especialização – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Pós Graduação em Educação – Lato sensu, Porto Alegre, 2011.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinais/assets/459/Texto\\_base.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinais/assets/459/Texto_base.pdf) Acesso em 28/01/2014

ROSA, Fabiano Souto; KLEIN, Madalena. O que sinalizam os professores surdos sobre a literatura em livros digitais. In.: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M.L.(orgs.) **Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. P.91-112.

RUTHERFORD, Susan D. **A Study of American Deaf Folklore**. Bustonsville: Linstok Press, 1993.

SKLIAR, Carlos. Seis perguntas sobre a questão da inclusão ou de como acabar de uma vez por todas as velhas – e novas – fronteiras em educação. **Pro-posições**. Campinas, SP, v.12, n.2-3, jul/Nov.2001.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. 1ª ed. 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

\_\_\_\_\_. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, TomazTadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SILVEIRA, Rosa Hessel. Contando histórias sobre surdos(as) e surdez. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

SILVEIRA, Rosa M.H; BONIN, Iara Tatiana; RIPOLL, Daniela. Ensinando sobre a diferença na literatura para crianças: paratextos, discurso científico e discurso multicultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, p. 98-108, 2010.

SUTTON-SPENCE, Rachel. Imagens da Identidade e Cultura Surdas na Poesia em Línguas de Sinais. In.: QUADROS, Ronice Müller; VASCONCELLOS, Maria Lucia Barbosa de. (orgs.). **Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais**. Petrópolis: Ed. Arara Azul, 2006.

THOMA, Adriana da Silva. A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema. In.: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (orgs.) **A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

\_\_\_\_\_. **O cinema e a flutuação das representações surdas** – “Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...” Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2002. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação/ Faculdade de Educação/UFRGS, 2002.

THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. In: **Cadernos de Educação** – Educação de Surdos/ Faculdade de Educação – UFPel – ano 19, n.36 (maio/ago. 2010) – Pelotas: Ed. UFPel, 2010, p.107-131

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Tradução Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

## ANEXOS

## ANEXO 1 – TABELA DESCRITIVA DAS PRODUÇÕES ANALISADAS

Título	Resumo (produzido por mim)	Tipologia Textual  (conforme tabela produzida pelo grupo de pesquisa no período de catalogação dos dados)	Componentes do grupo
6 - Menina bonita que fala com as mãos	Releitura da história “A menina bonita do laço de fita” de Ana Maria Machado. Na história, um macaco admira a forma em que a menina, personagem principal da trama, sinaliza. O macaco, durante grande parte da trama procura, através de diferentes modos, aprender a sinalizar tal como ela. No final, além de receber a certificação de proficiente em Libras, ele encontra uma macaca surda, com quem se casa.	Conto	Juliana dos Santos, Luciara Brum, Elisabete de Castro
8 – Cocô de surdo e cocô de ouvinte  (Márcio Stein)	Dois personagens, um surdo e um ouvinte, discutem sobre a influência do som no formato de suas fezes.	Piada	CatiaLamb, Maite M. Esmerio, Luciana Fortes, MirelePreto
15 - Os três porquinhos	Os três porquinhos moram com sua mãe. Após comer, os porquinhos vão dormir, todos no mesmo quarto. Quando a mãe sai, o lobo entra sorratareiramente no quarto, mas antes de comer os porquinhos é surpreendido pela mãe porquinha que o manda embora de sua casa.	Conto	Larisse Lima, Shirlene Costa, Uisis Paula Gomes
18 – A barriga e os membros	A boca e os membros do corpo resolvem parar de trabalhar para alimentar a barriga, que, na opinião deles, só descansa e aproveita, enquanto eles trabalham para suprir as suas	Fábula	Ana Keyla, Ellen Formigosa, Gabrielle Freitas, Rucival Rodrigues

	vontades.		
19 – O corvo e a raposa	O corvo rouba um pedaço de queijo ao entrar pela janela de uma casa. A raposa o engana, pedindo que o corvo demonstre a ela se é verdade o que dizem, que o corvo sinaliza muito bem. Ao sinalizar o corvo deixa cair o pedaço de queijo no chão e a raposa o pega.	Fábula	Magda e Mizanara
24 – Proibido o implante coclear <sup>59</sup> (Fabrício Ramos)	Um casal de surdos tem um filho também surdo. Ainda bebê, ele vai aprendendo a língua de sinais em um ambiente agradável, até que é retirado do convívio dos pais pelos avós, que o levam para realizar o implante coclear. Implantada, a criança cresce fora do convívio dos pais, sem perceber-se como surdo, até que encontra na rua um grupo de surdos sinalizantes que fazem a história tomar outro rumo.	poema	Fabrício Ramos, Flávia, Marcelo e Lucila
25 – O coelho e a tartaruga	Baseado no DVD Fábulas de Esopo, de Nelson Pimenta, a narrativa segue a tradicional fábula do coelho e a tartaruga. Os dois animais disputam uma corrida, mas a lebre, por acreditar já ter vencido, resolve dormir um pouco, o que lhe causa a derrota.	Fábula	Fabrício Ramos, Flávia, Marcelo e Lucila
26 – A cigarra surda e as formigas (Adaptado das fábulas de Esopo)	História de duas cigarras surdas que passam os dias brincando, jogando lixo no chão para provocar a formiga ouvinte que passa os dias limpando e preparando sua casa para o inverno. Como na fábula tradicional, chega o inverno e a formiga tem casa e alimento, mas as cigarras que não trabalharam não têm. Nesta história o inovador é que, para	Fábula	Fabrício Ramos, Flávia, Marcelo e Lucila

59 O implante coclear, também conhecido como o ouvido biônico, é uma tecnologia implantada cirurgicamente em surdos profundos, estimulando o nervo auditivo através de pequenos eletrodos que são colocados dentro da cóclea e o nervo leva estes sinais para o cérebro.

	conseguir abrigo, as cigarras oferecem à formiga um curso de Libras.		
27- O balé das mãos	Das mãos surge a língua de sinais, que transforma o “não ouvir” em comunicação. Das mãos, surge a primeira língua dos surdos e o curso de Letras Libras, que apresenta a capacidade dos surdos, que lhes abre a mente e os desenvolve.	Poesia	Marcio Stein e Ellery Johnson
29 – Encontra cidade puro surdos	Um surdo entra escondido em uma embarcação, mas é encontrado e atirado ao mar. Nadando encontra uma cidade, onde todos são surdos.	Conto	Márcio Stein e Ellery Johnson
32 – Lua, a lobinha surda (Cristine Fátima Pereira)	Fábula sobre uma lobinha que, por ser surda, é desvalorizada pelo líder da alcatéia, porém, aos poucos, ela começa a mostrar o valor da sua diferença	Fábula	Francinei Costa, Cristine Luna e Keli Krause
33 – A lebre e a tartaruga (La Fontaine)	Tradicional fábula em que a lebre e a tartaruga disputam uma corrida.	Fábula	Francinei Costa, Cristine Luna e Keli Krause
34 – Mão falante	Três personagens sinalizam na poesia. O primeiro apresenta as mãos presas por uma corda invisível que é rompida com seus dentes. Livres, suas mãos entram em contato com as mãos de um segundo personagem que precisa se esforçar para manter suas mãos livres. Entra em contato com um terceiro personagem, que transforma as mãos em borboleta que voa livre possibilitando que todos sinalizem.	Poesia	Liana, Lucimar e Simone
35 - A tartaruga e a lebre	Tradicional fábula em que a lebre e a tartaruga disputam uma corrida.	Fábula	Liana, Lucimar e Simone
36 – Os três porquinhos	Tradicional história dos três porquinhos, na qual cada porquinho constrói uma casa com um material diferente, de	Conto	Liana, Lucimar e Simone

	acordo com o seu interesse de trabalhar. Ao final, o porquinho mais dedicado, que havia construído sua casa de tijolos, precisa abrigar seus irmãos, pois as casas deles haviam sido destruídas pelo sopro do lobo.		
37 – Menino surdo (Eleonora Scheid)	Durante um sonho a irmã de um garoto surdo abre três portas que apresentam três possibilidades de futuro para o seu irmão: o implante coclear, o uso de aparelho auditivo e a terapia da fala, e a língua de sinais	poesia	Carolina Miri, Cassia Michele e Eleonora Scheid
39 – A bruxa treina mágicas	História de uma bruxa que estuda em um livro de magia e treina várias mágicas, fazendo aparecer várias coisas, inclusive uma menina surda com a qual ela não sabe se comunicar.	Conto	Carolina Miri, Cassia Michele e Eleonora Scheid
47 – Aranha	Todos debochavam de uma aranha, por acharem que ela não iria conseguir subir até o último andar do prédio, mas ela contraria as opiniões e consegue o feito.	Conto	Lisnara e indiara
49 – Tempo venenoso	Compara o passar do tempo dos ouvintes quando estão entre surdos e dos surdos quando estão entre ouvintes. Valoriza o encontro entre pares e mostra que o passar do tempo é relativo ao que se está fazendo.	Conto	Daniel, Mariana e Zuleica
63 – Bilinguismo junto com Libras	Poema que retrata a importância da união, respeito e comunicação entre ouvintes e surdos, principalmente através do bilinguismo.	poesia	Fernanda Jacob, Marcelo Costa
71 – Corrida dos três sapos	São apresentadas três versões de corridas de três sapos, nas quais há dois ouvintes e um surdo. Em todas as versões o sapo surdo vence a corrida por conta de alguma distração dos	Fábula	Daniel, Mariana e Zuleica

	ouvintes.		
73 – O papagaio e o macaco	Fábula de dois animais que não conseguem se comunicar, pois um oraliza e outro sinaliza.	Fábula	Ademar Miller Jr., Elisangela M. Bertoli, Flavio Costellar
80 – Sem título (Joice Rosa)	Poema que apresenta a Libras como a possibilidade dos surdos se comunicarem e se integrarem em comunidade.	poema	Thiago, Joice, Laís e Marcia
82 – A lebre e a tartaruga	Tradicional fábula em que a lebre e a tartaruga disputam uma corrida.	Fábula	Carlos, Marcia e Elaine
88 – Parábola da ovelha perdida	Conto bíblico, o pastor vai ao encontro de uma ovelha perdida, representando que Jesus também ama os pecadores.	Conto	Antonio, Ariela, Dalvanira, Francisco, Quinzuca
117 – Os três porquinhos	Fábula em que os três porquinhos constroem suas casas e são surpreendidos pelo lobo que os questiona sobre os seus conhecimentos de português.	Conto	Adriana Guzzo, Heloír Montanher, Marcos de Andrade e Paulo de Oliveira
118 – Alice no país das maravilhas	Alice é surda e, junto ao coelho, viaja por um país de maravilhas em que vivenciam a cultura surda.	Conto	Ana Paula, Bruno e Elizanete
123 – Peter Pan	Peter Pan leva para a sua terra uma surda oralizada de modo a possibilitar o contato com a cultura surda. No entanto, é surpreendido por Capitão Gancho, que, também surdo, tem péssimas lembranças de sua oralização.	Conto	Ana Paula, Bruno e Elizanete
125 – Mente escura (Eduardo Tanaka)	Um surdo recupera sua alegria de viver após encontrar outro surdo, que também usa a língua de sinais.	Poema	Anderson Gonçalves, Eduardo Tanaka e Rafaela Hoebel
131 – Mãos inquietas	Poema que discute sobre o oralismo como uma prisão para as mãos	poema	André, Camilla, Claudia, Ivanete e Renata
141 – mundos	Dois mundos: um mundo em que todos se comunicam oralmente e outro em que todos se comunicam por Sinais são	Poema	Lívia B. Vilas Boas

	apresentados alternadamente de modo a apresentar o quão parecidos eles são.		
142 – A fase do desenvolvimento do surdo e ouvinte	Apresenta que surdos e ouvintes podem ter vidas muito semelhantes, se desenvolvendo sob os mesmos tempos, desde que estimulados em uma língua adequada.	Poema	Adriana, Bruno, Marta, Tatiane e Wilson Santos Silva
144 – O modelo do professor surdo (Wilson Santos Silva)	O professor surdo ao chegar na escola e ver que seus alunos ainda não sabem sinalizar, relembra o seu passado e percebe a importância do profissional surdo como modelo linguístico e profissional para as crianças.	poema	Adriana, Bruno, Marta, Tatiane e Wilson Santos Silva
161 – A cigarra e as formigas	Tradicional fábula em que as formigas trabalham enquanto a cigarra apenas se diverte, até que chega o frio e ela se arrepende de não ter trabalhado.	Fábula	Jeferson, João Paulo, Marília e Dayanne
165 – Vídeo robô	Um surdo assalta um banco e esconde o dinheiro. Quando a polícia o prende, contrata um intérprete para mediar a conversa com o surdo e descobrir onde ele escondeu o dinheiro. No entanto, o intérprete não é muito ético e fica com o dinheiro para si.	Piada	Alexandra, Juliana e Tamires
168 – Mãos	Apenas as mãos aparecem na imagem, não há rosto. Apresenta que as mãos podem fazer muitas coisas, entre elas dar carinho, ajudar e também comunicar.	poema	Aurélio, Caroline e Claudineya
170 – Mãos que falam (Odila Lang)	Comunica que as mãos podem transformar o mundo, trazer aprendizados e fazer os surdos participarem mais ativamente da sociedade.	Poema	Elisama, Rejane e Eliandra

## ANEXO 2 - VÍDEO 32 – Lua, a lobinha surda

Transcrição do texto apresentado em português, alternado com a sinalização em primeiro plano:

Numa floresta muito distante havia uma alcateia de lobos muito especial. No grupo o grande líder era chamado Alfa. Alfa era um lobo muito respeitado, tinha um porte robusto, todo branco, majestoso e muito justo para com todos. Sua função era proteger o grupo, por isso, ia sempre à frente e com seus uivos avisava os demais se havia algum perigo ou não; um uivo longo e alto significava que poderiam se aproximar, já um uivo entrecortado era sinal que havia perigo. Cada um dos lobos desempenhava uma tarefa e sempre se comunicavam com uivados, olhares e expressões corporais.

Estava iniciando a primavera, depois de um rigoroso inverno, com pouca comida devido à neve alta. Algumas lobas tiveram seus filhotes e todos estavam comemorando, as crianças sempre eram muito bem vindas e Alfa estava orgulhoso do seu grupo.

Numa certa manhã, Alfa chamou as crianças e anunciou que estava na hora de aprenderem o grande segredo dos lobos, os lobos aprendiam com seus ancestrais a arte de identificar pela escuta o significado de cada uivo e estava na hora das crianças começarem a treinar seus uivos, Alfa sabia o quanto precisavam treinar, pois disso dependia a sobrevivência de todos. O grande lobo olhou fixamente nos olhos de cada lobinho.

– Opa! Está faltando uma criança! - falou Alfa.

– É a Lua, oh grande Alfa! Ela nunca escuta quando chamamos – disse Bister.

Alfa ficou pensativo, isso nunca acontecera antes. Olhou ao redor e avistou Lua brincando com sua imagem numa poça de água. O grande lobo caminhou vagarosamente em direção a ela, observando os movimentos que a pequena lobinha fazia com suas patinhas refletidas na água. Os lobinhos seguiram Alfa, mantendo certa distância, sentiam que alguma coisa muito diferente estava por acontecer. As lobas maiores, percebendo a movimentação, agruparam-se atrás de uma moita observando a cena. Alfa já muito próximo dela chamou:

– Lua, minha criança. Estás distraída? Venha, vamos começar nossa aula. - Alfa franziu os olhos, baixou a cabeça e cheirou em direção a lobinha aguardando sua reação. Clara, mãe da lobinha Lua, como que pisando em ovos, foi aproximando-se de Alfa, que virou a cabeça rapidamente e sussurrou:

– Clara, fique aí mesmo!

– Grande Alfa... – falou baixinho sem olhar nos olhos do líder.

– Cale-se ! – replicou Alfa, voltando seu olhar para Lua aproximou-se mais e mais, até que a pequena lobinha sentiu sua respiração e assustada virou rapidamente, olhou para o grande lobo que a fitava com o olhar gelado. Lua correu para perto de sua mãe, ignorando os uivos de protesto do grande lobo para que ela parasse imediatamente.

– Ela é diferente, oh grande Alfa! – Clara falou baixinho, olhando para a pequena lobinha, expressando com o seu olhar que era para ela ter calma.

– Como assim diferente? – falou desconfiado Alfa. – Não existem lobos diferentes.

– Ela é surda – falou Clara olhando firme para o grande lobo, colocando-se na frente da lobinha, como uma mãe faria para proteger seus filhotes.

– Surda! – gritou Alfa, seus olhos faiscavam furiosamente. Ele não podia acreditar no que estava acontecendo com o seu grupo, aquilo só poderia ser um sonho. E andando de um lado para outro falou:

– Durante gerações e gerações nunca houve nada parecido. Somos um grupo com valores e responsabilidades. Pertencemos a uma linhagem de lobos poderosos, valentes e inteligentes. Um lobo surdo vai acabar com nossa imagem. Como ela vai escutar e

identificar os uivos? Não posso aceitar isso. - Parou por um momento e então falou rispidamente. - De agora em diante Lua deverá ficar em sua toca e estará proibida de sair. Não quero que ninguém saiba que no nosso grupo temos um lobo surdo.

Um silêncio se fez presente no clarão daquela floresta por dias e dias. Algumas lobas lançavam olhares meigos e compreensivos à jovem mãe e sua pequena filha. As lobas sempre se protegeram umas as outras e não seria diferente agora.

O tempo passou e as crianças tornaram-se jovens. Lua era muito amada pelas mães lobas, essas a orientavam ficar longe de Alfa, que a ignorava. Todos aprenderam facilmente a comunicar-se com Lua, pois dona Águia, que era comadre de Clara, havia ensinado a língua de comunicação dos surdos, conhecida como a língua de sinais, muito usada na escola em que ela trabalhava. Todos os dias, a pequena lobinha saía escondida do grande líder e ia para a escola bilíngue, onde seus coleguinhas eram o elefante Joy, a girafa Pita e o ursinho Duk, também surdos.

Certa manhã, Alfa chamou a todos para uma grande caçada, pois era seu aniversário e queria comemorar. Lua implorou a sua mãe para ir junto, mas dona Clara fazia-a ficar na toca, mesmo contra sua vontade, porque tinha muito medo de que Alfa mandasse embora sua adorada filha. Lua ficava muito chateada, triste e tentava se contentar olhando o movimento de cada lobo. Pensava consigo mesma:

Eu sei fazer isso, conheço cada pedacinho da floresta, conheço o movimento das árvores, dos animais, tenho capacidade para colaborar, porque Alfa não confia em mim? Não preciso uivar para me comunicar, posso sinalizar e se todos souberem a língua de sinais vão me entender...

Absorta em seus pensamentos começou a caminhar em direção do morro e eis que de repente um movimento estranho chamou sua atenção: em cima de uma grande árvore uma cobra enorme estava pronta para dar o bote em Alfa que silenciosamente observava uma manada de búfalos. Lua ficou muito nervosa, percebeu que os demais lobos não podiam uivar para avisar a alfa porque a cobra certamente ao ouvir os uivos atacaria o grande líder - que tragédia estava por acontecer.

- O que fazer? - sinalizou agitado - não posso deixar essa cobra atacar o nosso líder, sem ele estaremos desprotegidos. Como avisá-lo? De repente, Lua percebe outro movimento vindo do alto, era a sua professora Águia. Imediatamente começou a sinalizar para chamar sua atenção. Dona Águia, acostumada à percepção visual, avistou Lua sinalizando:

- Rápido, por favor, tem uma cobra pronta para atacar Alfa!

Dona Águia deu meia volta, mergulhou em seu voo e pegou a cobra levando-a para bem longe dali. À noite, Alfa havia chamado a todos para fazer uma homenagem especial a Dona Águia, mas dona Águia disse que só iria se a lobinha Lua participasse. Meio contragosto, Alfa permitiu que Lua, naquela noite, ficasse junto, pensou que por Dona Águia ser sua professora era justo querer sua presença. Quando dona Águia chegou, Bister foi o intérprete, convidado por Lua, a lobinha surda. Dona Águia pediu a palavra :

- Falar da vida da lobinha surda é muito importante! Todos pensam que ela não tem capacidade? Mas ela tem, eu a conheço, ela consegue acessar a tudo, ela se comunica e faz tudo muito bem.

O Líder Alfa, ficou admirado, acreditou que ela podia fazer tudo, concordou com a Águia, que a lobinha podia fazer qualquer coisa do jeito dela.

Todos ficaram em silêncio olhando para o grande lobo. Clara olhava apreensiva para todos, Lua olhava para sua professora. Alfa sentiu que havia sido injusto e pediu desculpas a todos.

- Eu ignorava sua capacidade pequena Lua. Aprendi que os lobos se comunicam com seus uivos, mas hoje percebo que os lobos são mais inteligentes ainda, temos a capacidade de

nos comunicar com os olhos, com o corpo e porque não com sinais feitos com as patas? Perdoe-me e se você aceitar, de agora em diante, temos em nossa matilha uma loba que escuta com os olhos e uiva com as patas.

Lua correu e abraçou Alfa que timidamente sorriu. Todos sorriram e uivavam de felicidade, Lua esticava suas patas para o alto, o que significa uivar na língua de sinais.

### ANEXO 3 - VÍDEO 6 – Menina bonita que fala com as mãos

Era uma vez uma menina linda e muito sorridente, os olhos dela eram muito expressivos, os cabelos encaracolados, suas mãozinhas nunca paravam, muito curiosa ela sinalizava tudo, tudo.

Ainda mais que sua mãe também sabia Língua de Sinais, a língua utilizada pelos surdos, e sua mãe lhe explicava tudo, sinalizava os contos de fadas, histórias de família, coisas sobre a vida e muito mais.

Do lado da casa morava um macaquinho, que falava muito, e ouvia ainda mais, mas muito admirado com a menina bonita que fala com mãos, achava ela a pessoa mais interessante e bonita do mundo, e pensava: Quando eu casar quero ter uma filhinha assim que sinalize tudo, igual a ela!

Após ter feito um curso básico de Língua de sinais foi todo entusiasmado procurar a menina e pergunta:

– Menina bonita que fala com as mãos qual é o teu segredo para sinalizar tão bem?

A menina não sabia e inventou respondendo:

– É porque eu gosto de mexer as mãos!

Saindo dali o macaco fez de tudo para ficar igual à menina, ele faz muita fisioterapia e exercícios localizados para as mãos, mexendo muito as mãos, mas mesmo assim os sinais não se configuram da mesma forma como se configuram na menina.

Novamente o macaco vai até a casa da menina e pergunta:

– Menina bonita que fala com as mãos qual é o teu segredo para sinalizar tão bem?

A menina não sabia e inventou respondendo: É porque eu sou Surda!

Daí o macaco coloca algodão em seus ouvidos e tenta produzir alguns sinais, mas não consegue que seus sinais fiquem tão bons quanto os da menina, pois só colocar algodão nos ouvidos e não ouvir não basta para que sinalize tão bem.

Depois de alguns dias mais uma vez o macaco pergunta a menina:

– Menina bonita que fala com as mãos qual é o teu segredo para sinalizar tão bem?

A menina não sabia e inventou respondendo:

– É que...

Até que a avó da menina, uma senhora também surda sorridente, que sinalizava claramente e também sabia oralizar um pouco, interfere dizendo que a surdez da menina já vem passando de geração em geração, sendo assim, a surdez da menina é genética, então essa fluência em Libras é coisa de família de surda!

O macaco muito triste sai desiludido, pois acredita que a probabilidade de ter uma filhinha surda é praticamente zero, pois não tem ninguém em sua família com surdez. Muito entristecido ele resolve ir a uma praça para pensar um pouco e refletir sobre a situação, quando de repente olha para uma árvore e se depara com uma linda macaca sinalizando e com seus olhinhos brilhando ele apenas com um conhecimento básico de Libras começa a conversar com a macaca e descobre que ela é Surda e que sua família é toda surda, inclusive todos seus irmãos.

A macaca ficou impressionada em encontrar um macaco que sabia pelo menos o básico de Língua de Sinais, sendo que em sua vida nunca tinha encontrado nenhum macaco com quem pudesse se comunicar, a não ser os membros de sua família, sendo que por esse motivo ela estava na praça em cima da árvore sinalizando sozinha, pois o sentimento de solidão a deixava muito chateada.

Os dois se casaram, o macaco ficou fluente em libras, sendo que até fez o Prolibras e os dois formaram uma linda família. Desta união nasceram lindos macaquinhos, um macho ouvinte e uma fêmea Surda, e sabe quem é a dinda dela? A moça bonita que fala com mãos.

Assim, a macaquinha surda sempre que saía para passear pelas árvores e encontrava algum curioso pergunta: Macaquinha bonita que fala com as mãos qual é o teu segredo para sinalizar tão bem?

Assim, a macaquinha surda sempre que saía para passear pelas árvores e encontrava algum curioso pergunta: Macaquinha bonita que fala com as mãos qual é o teu segredo para sinalizar tão bem?

#### ANEXO 4 – VÍDEO 26 – Encontro em cidade puro surdos

Aproximadamente No ano de 1700, há muito tempo atrás, um surdo de mais ou menos 17 anos, 16 anos aproximadamente era muito solitário pois a sociedade era majoritariamente ouvinte.

Ele era um surdo solitário, pobre, não tinha pais pois os haviam abandonado por ser surdo, e ele se sentia muito mal, solitário com fome em meio aquela população.

Ele pedia comida e os ouvintes o desprezavam

– Sai fora! – diziam. Não gostavam dele.

Com fome, solitário, caminhava pela rua e via os ouvintes Conversando no restaurante, se comunicando e ele ali solitário.

– Que vontade de comer um pão, estou com tanta fome.

Foi até o restaurante e pediu:

-- Por favor me dá um pão!

Mas o ouvinte disse:

– Não, sai para lá, você não fala, sai pra lá.

E o surdo se sentiu pior ainda, com fome saiu a caminhar até que viu um enorme navio com suas chaminés fumegantes. Sentiu-se tentado e entrou sorrateiramente na embarcação onde ficou escondido esperando. Quando começou a viagem e o navio já estava longe da costa, o surdo saiu de seu esconderijo. Os ouvintes o viram com aquela roupa pobre e estranhados começaram com fofocas que chegaram ao capitão que foi ao surdo enfurecido, falando verbalmente.

– Eu não escuto, eu só vejo - disse o surdo.

O capitão, que era ouvinte, colocou o surdo de castigo, cuidando de uma ponta do navio. Os ouvintes não gostaram dele porque não conseguiam se comunicar, o julgavam como alguém sem capacidade, o deixavam de fora, tinham preconceito. O surdo sofria, ficava solitário, os ouvintes riam dele, de seus gestos.

Em um movimento brusco do navio, um ouvinte se chocou com o surdo que caiu na água.

Ao submergir, abanou pedindo ajuda, mas os ouvintes riram dele e disseram que morresse. O surdo muito chateado, nadou e encontrou um pedaço de pau, que lhe serviu de apoio para flutuar. Foi quando ao longe ele viu uma ilha com uma grande extensão de terra, ele nadou com ainda mais afinco, chegou em terra, onde desabou, cansado. As ondas batiam em seu corpo, ele se levantou e viu as árvores e uma pessoa se aproximando rapidamente.

– O que aconteceu? – a pessoa sinalizou.

– Você sabe língua de sinais? – Disse o surdo espantando.

– Sim, eu sou surdo, quem é você?

– Por ser surdo, eu fui empurrado de um navio e vim nadando.

– Ah, você é surdo? Não escuta?

– Não escuto nada.

– Nós somos iguais. Você quer vir e conhecer a área? Deixa pra lá os ouvintes, o problema é deles, eles não conhecem a nossa cultura. Eu vou junto com você, tenha calma, eu lhe ajudo.

– Eu aceito! – olhou para o homem da ilha sem entender o que estava acontecendo, não conhecia aquela pessoa.

Os dois foram caminhando, a cidade era enorme e o surdo olhava apavorado.

– Todos aqui são surdos?

– Sim, somos todos uma família. É natural ser surdo.

E o surdo seguia olhando admirando, viu um cachorro, bateu palmas para chamá-lo.

– Não! O cachorro também é surdo, você precisa acenar para ele visualmente.

– O quê? Ele é surdo?! Nunca vi, que estranho! – E acenou para o cão que lhe respondeu com satisfação. E saiu caminhando feliz.

O homem sorrindo, deixou que ele caminhasse livremente. O surdo chegou em um restaurante e perguntou:

– Você é surdo?

– Sim, sou surdo. Quer um pão? Não tem problema, eu te ajudo.

– Muito obrigado. – E saiu comendo satisfeito.

Toda a sociedade era adequada para a sua comunicação. Encontrou artistas surdos na rua que lhe disseram:

– Oi, você é surdo? Eu te ajudo. – E lhe fez um desenho.

– Muito obrigado mesmo, mas eu não tenho dinheiro.

– Não tem problema, eu te ajudo.

E todos lhe ajudavam, em toda a sociedade a cultura surda estava presente, parecia um sonho, lindo.

## ANEXO 5: TABELA GERAL DOS VÍDEOS DO LETRAS-LIBRAS

Número conforme vídeos	Título	Pólo responsável pela produção	Duração	Tipologia detalhada	Possui personagens surdos	É Utilizado nas análises da dissertação
2	O tempo	UFRGS	04:20	Poema	Não	Não
3	A reunião geral dos ratos	UFRGS	01:59	Fábula	Não	Não
4	Narrativasobre Hans Christian Andersen	UFRGS	07:38	Narrativa de vida	Não	Não
5	A lagartinha triste	UFRGS	02:17	Conto	Não	Não
6	Menina bonita que fala com as mãos	UFRGS	07:38	Conto	Sim	Sim (conteúdo narrativa)
7	Corta o Cabelo	UFRGS	06:15	Piada	Não	Não
8	Cocô de surdo e cocô de ouvinte	UFRGS	03:00	Piada	Sim	Sim (conteúdo narrativa)
9	O sapo e o boi	UFRGS	01:53	Fábula	Não	Não
10	João e Maria	UFRGS	10:01	Conto	Não	Não
11	Provérbio Chinês	UFRGS	01:38		Não	Não
12	A roupa nova do rei	UEPA	07:48	Fábula	Não	Não
13	O cão e a sombra	UEPA	02:59	Fábula	Não	Não
14	A raposa e as uvas	UEPA	02:23	Fábula	Não	Não
15	Os três porquinhos	UEPA	04:32	Conto	Não	Sim (paratexto final)

16	A história de Ester	UEPA	03:02	Conto	Não	Não
17	A formiga e a pomba	UEPA	02:41	Fábula	Não	Não
18	A barriga e os membros	UEPA	04:40	Fábula	Não	Sim (paratexto final)
19	O corvo e a raposa	UEPA	03:20	Fábula	Não	Sim (paratexto final)
20	Fábula da barriga	UEPA	03:20	Fábula	Não	Não (história em PPT)
21	A coruja e a águia	UEPA	03:44	Fábula	Não	Não
22	A casa	UEPA	01:01	Poema (música?)	Não	Não
23	Os viajantes e o urso	UEPA	02:20	Fábula	Não	Não
24	Proibido implante coclear	UFRGS	04:03	Poema	Sim	Sim (poema e paratexto)
25	O coelho e a tartaruga	UFRGS	07:51	Fábula	Sim	Sim
26	A cigarra surda e a formiga	UFRGS	15:38	Fábula	Sim	Sim
27	O balé das mãos	UFRGS	02:02	Poema	Sim	Sim
28	A lebre e as rãs	UFRGS	02:46	Fábula		
29	Encontra em cidade puro o surdos	UFRGS	06:31	Conto	Sim	Sim
30	Hospital	UFRGS	09:50	Piada	Não	não (disciplina leitura e produção de textos)

31	Piada da freira e os postes de luz	UFRGS	09:50	Piada	Não	não(disciplin a leitura e produção de textos)
32	Lua, a lobinha surda	UFRGS	13:58	Conto	Sim	Sim
33	A lebre e a tartaruga	UFRGS	07:56	Fábula	Não	Sim (paratexto)
34	Mão falante	UFRGS	02:06	Conto	Não há personagens	Sim
35	A tartaruga e a lebre	UFRGS	04:15	Fábula	Não	Sim (paratexto)
36	Os três porquinhos	UFRGS	12:22	Conto	Não	Sim (paratexto)
37	Menino surdo	UFRGS	07:05	Poema	Sim	Sim
38	O leão e o ratinho	UFRGS	06:02	Fábula	Sim	Sim (paratexto)
39	A bruxa treina mágicas	UFRGS	09:09	Conto	Sim	Sim
40	O leão e o rato	UFRGS	02:41	Fábula	Não	Não
41	A raposa e as uvas	UFRGS	06:21	Fábula	Não	Não
42	Sinal da Cruz	UFRGS	06:21	Piada	Não	Não
43	O boi e a flor	UFRGS	06:21	Conto	Não	Não
44	A cigarra e a formiga	UFRGS	03:23	Fábula	Não	Não
45	Saudades Amor	UFRGS	02:15	Poema	Não possui personagens	Não
46	É Alegria	UFRGS	02:15	Poema	Não possui personagens	Não

					ns	
47	Aranha	UFRGS	05:15	Conto	Não	Sim (paratexto)
48	A raposa e as uvas	UFRGS	05:15	Fábula	Não	Sim (paratexto)
49	Tempo Venenoso	UFES	05:38	Conto	Sim	Sim
50	A reunião Geral dos ratos	UFES	02:40	Fábula	Não	Não
51	Os viajantes e o urso	UFES	03:33	Fábula	Não	Não
52	Uma viagem pelo mundo	UFES	01:34	Poema	Não	Não
53	Piada de bêbado	UFES	03:24	Piada	Não	Não
54	Máquina possante/ultrapassada e os pedestres	UFES	06:03	Anedota	Não	Não
55	A lebre, a tartaruga e a coruja	UFES	09:48	Fábula	Não	Não
56	A estrela	UFES	01:51	Poema	Não	Não
57	Sem título	UFES	04:29	Conto	Não	Não
58	A raposa e as uvas	UFES	04:36	Fábula	Não	Não
59	A lebre e a tartaruga	UFES	06:15	Fábula	Não	Não
60	A leiteirinha e o jarro de leite	UFES	05:46	Conto	Não	Não
61	Saudade de um amigo	UFES	03:19	Poema	Não	Não
62	E o paraíso	UFES	03:19	Poema	Não	Não

63	Bilinguismo junto com libras	UFES	02:26	Poema	Sim	Sim
64	O barco	UFES	01:38	Poema	Não	Não
65	A raposa e as uvas	UFES	01:15	Fábula	Não	Não
66	A formiga e a pomba	UFES	02:50	Fábula	Não	Não
67	A raposa e as uvas	UFES	01:02	Fábula	Não	Não
68	João e Maria	UFES	05:10	Conto	Não	Não
69	Tudo pelo dinheiro	UFES	06:03	Anekdota	Não	Não
70	Achei um grande amigo	UFES	05:47	Poema	Não	Não
71	Corrida dos três sapos	UFES	05:10	Fábula	Sim	sim
72	A raposa e os coelhos	UFES	06:18	Fábula	Não	Não
73	O papagaio e o macaco	UFES	02:33	Fábula	Sim	Sim
74	Três porquinhos	UFES	10:23	Conto	Não	Não
75	A formiga e o gafanhoto	IFET GOIAS	04:31	Fábula	Não	Não
76	O patinho feio	IFET GOIAS	04:18	Fábula	Não	Não
77	Rita sapeca de férias	IFET GOIAS	07:12	Conto	Qualidade técnica ruim, optei por não utilizar para não cometer equívocos	Não
78	Cuida bem	IFET	03:27	Poema	Não possui	Não

	natureza	GOIAS			personagens	
79	Cachinhos dourados e os três ursos	IFET GOIAS	06:27	Fábula	Não	Não
80	Sem título	IFET GOIAS	02:24	Poema	Sim (o narrador)	Sim
81	A esperar	IFET GOIAS	03:16	Poema	Não	Não
82	A lebre e a tartaruga	IFET GOIAS	03:35	Fábula	Não	Sim (paratexto)
83	O leão e a rata surdos	IFET GOIAS	05:29	Fábula	Sim	Não
84	João e Maria	IFET GOIAS	06:19	Conto	Sim	Sim
85	Pode me chamar	IFET GOIAS	04:33	poema	Não	Não
86	A raposa e as uvas	IFET GOIAS	03:29	Fábula	Não	Não
87	O menino que viu uma coisa	IFET GOIAS	14:59	Conto	Não	Não
88	Parábola da ovelha perdida	IFET GOIAS	04:26	Conto	Não	Sim (paratexto final)
89	A Galinha e os ovos de ouro	IFET GOIAS	01:53	Fábula	Não	Não
90	O lobo e pássaro de bico longo	IFET GOIAS	02:41	Fábula	Não	Não
91	Navio pirata surdo	IFET GOIAS	05:35	Poema	Não (ninguém é apresentado como surdo embora)	Não

					esteja no título, e as vezes os personagens gritam para se chamar)	
92	O pastor de ovelhas	IFET GOIAS	02:49	Conto	Não	Não
93	O boi e o sapo	IFET GOIAS	02:11	Fábula	Não	Não
94	O leão e o rato	IFET GOIAS	03:42	Fábula	Não	Não
95	Visualizando Deus	IFET GOIAS	06:06	Poema	Não	Não
96	A Dona Baratinha	UnB	04:58	Conto	Não	Não
97	As diferentes estações	UnB	03:33	Poema	Não	Não
98	Zeca do morro	UnB	07:32	Conto	Não	Não
99	A formiga e o gafanhoto	UnB	01:28	Fábula	Não	Não
100	A moça tecelã	UnB	09:51	Conto	Não	Não
101	João e Maria	UnB	05:59	Conto	Não	Não
102	O cachorro e a lebre	UnB	04:48	Fábula	Não	Não
103	As borboletas	UFPr	01:12	Poema	Não	Não
104	O cão e o burro	UFPr	01:35	Fábula	Não	Não
105	As quatro estações	UFPr	01:56	Poema	Não	Não
106	A árvore deitada	UFPr	03:49	Conto	Não	Não

107	O lobo e o cão	UFPr	02:40	Fábula	não	Não
108	O canto de Bento	UFPr	06:40	Fábula	Sim (o personagem não conseguia cantar, mas não é dito de modo explícito que ele era surdo)	Não
109	A princesa e a ervilha	UFPr	12:35	Conto	Não	Não
110	Mãos que falam	UFPr	01:31	Poema	Não	Sim
111	O mundo em que vivemos	UFPr	04:00		não	Não
112	Cativar	UFPr	01:38	Poema	não	Não
113	Pela luz dos olhos teus	UFPr	01:23	Poema (música)	não	Não
114	O rato do campo e o Rato da cidade	UFPr	06:40	Fábula	Não	Não
115	Sapo professor	UFPr	03:19	Conto	não	Não
116	A natureza	UFPr	10:29	Poema	não	Não
117	Três porquinhos surdos	UFPr	13:26	Conto	Sim	Sim
118	Alice no país das maravilhas	UFPr	22:24	Conto	Sim	Sim
119	Cachinhos dourados e os três ursos	UFPr	12:09	Conto	Não	Não
120	Mônica em “os três ursos”	UFPr	07:17	conto	não	Não
121	O pastor e as	UFPr	06:21	Fábula	não	Não

	ovelhas					
122	O professor do sapo	UFPr	03:04	Fábula	Não	Não
123	Peter Pan	UFPr	14:31	Conto	Sim	Sim
124	Os três ursos	UFPr	06:39	Conto	não	Não
125	Mente escura	UFPr	02:22	Poema	Sim	Sim
126	Chapeuzinho vermelho	UFPr	08:05	Conto	não	Não
127	Cachinhos dourados	UFPr	13:06	Conto	não	Não
128	A galinha ruiva	Unicamp	13:23	Fábula	não	Não
129	A raposa e as uvas	Unicamp	01:36	Fábula	não	Não
130	Até as princesas soltam pum	Unicamp	06:48	Conto	não	Não
131	Mãos inquietas	Unicamp	01:34	Poema	Não possui personagens	Sim
132	O cavalo e o burro	Unicamp	02:08	Fábula	não	Não
133	Rapunzel	Unicamp	14:50	Conto	não	Não
134	O leão e o ratinho	Unicamp	02:48	Fábula	Não	Não
135	A cigarra e a formiga	Unicamp	02:49	Fábula	não	Não
136	A viagem	Unicamp	01:31	Poema	não	Não
137	O macaco e o golfinho	Unicamp	02:10	Fábula	Não	Não
138	A bela e a Fera	Unicamp	05:37	Conto	não	Não
139	Carinhoso	Unicamp	01:54	Música	não	Não

140	Noite Fria	Unicamp	00:51	Poema	não	Não
141	Mundos	Unicamp	01:45	Poema	Sim	Sim
142	A fase do desenvolvimento do surdo e do ouvinte	Unicamp	09:04	Poema	Não há personagens	Sim
143	O gato (com e sem legenda)	Unicamp	03:33	Poema	não	Não
144	O modelo do professor surdo	Unicamp	02:29	Poema	Sim	Sim
145	O rouxinol imperador	UFSC	11:14	Fábula	Não	Não
146	Casinha	UFSC	03:17	Poema	Não	Não
147	Fábula Chinesa	UFSC	04:09	Fábula	não	Não - Disciplina Leitura e Produção de texto
148	A sutil diferença entre amor e amizade	UFSC	06:08	Poema	Não possui personagens	Não
149	O substantivo e o adjetivo	UFSC	01:54	Poema	Não	Não
150	Adão e Eva	UFSC	08:34	Conto	Não	Não
151	O galo e a raposa	IFRN	03:54	Fábula	Não	Não
152	Milho de pipoca	IFRN	05:23	Conto	Não	Não
153	A ovelha negra	IFRN	02:33	Fábula	não	Não
154	A formiguinha surda e a pomba	IFRN	02:28	Fábula	Sim	Não
155	Contra quem	IFRN	12:37	Fábula	Não	Não

	lutamos?					
156	A mula e o pato	IFRN	07:49	Fábula	Não	Não
157	A cigarra e as formigas surdas	IFRN	03:17	Fábula	Sim (somente no título isso é marcado)	Não
158	Girafa e o macaco surdo	IFRN	05:36	Fábula	Sim	Não
159	A lebre e a tartaruga	IFRN	07:06	Fábula	Sim (lebre permanec e dormindo mesmo com todos os torcedores gritando pela chegada na tartaruga, ela é surda e precisa ser acordada pela pomba)	Não
160	Turma da Mônica surda	IFRN	04:01	Conto	sim	Não
161	A cigarra e as formigas	UFGD	07:00	Conto	Sim	Sim
162	Coisa de criança	UFGD	04:19	Conto	Não	Não
163	Metade	UFGD	02:42	Poesia	não	Não
164	Genocídio	UFGD	03:26	Poesia	Não	Não

165	Vídeo Robô	UFGD	02:18	Conto	Sim	Sim
166	A cigarra e a formiga	UFGD	04:20	Conto	Não	Não
167	O rei do rio	UFGD	01:00	Poema	Não	Não
168	Mãos	UFGD	01:01	Poema	Não há personagens	Sim
169	Soneto de separação	UFGD	01:33	Poema	não	Não
170	Mãos que falam	UFGD	01:46	Poema	Não possui personagens	Sim
171	Uma tradução que quase não saiu	UFGD	02:53	Poema	Não há personagens	Não
172	A rã e o touro	UFGD	01:39	Fábula	Não	Não
173	O leão e o ratinho	UFGD	03:17	Fábula	Não	Não
174	A raposa e as uvas	UFGD	01:02	Fábula	Não	Não
175	A cigarra e a formiga	UFGD	02:46	Fábula	Não	Não
176	O leão e o inseto	UFGD	02:41	Fábula	não	Não
177	O pastorzinho e o lobo	UFGD	02:31	Fábula	Não	Não
178	O leão e o rato	UFGD	08:06	Fábula	Não	Não
179	Veneno da maçã	UFGD	02:06	Fábula	Não	Não
180	A barriga e os membros	UFGD	03:43	Fábula	Não	Não
181	Os três porquinhos	UFGD	09:50	Fábula	não	Não
182	A lebre e a	UFGD	05:08	Fábula	não	Não

	tartaruga					
183	Você precisa ser surdo para entender	UFGD	03:35	Poema	Não há personagens	Não

## ANEXO 6: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS

**Termo de consentimento informado**

As produções culturais de pessoas surdas, em especial as narrativas e poemas contados em línguas de sinais, circulam entre os surdos nos encontros que acontecem entre os usuários dessa língua. Tais histórias são relevantes para o conhecimento do cotidiano das pessoas surdas, como registro da cultura surda e na divulgação de suas produções culturais para outras comunidades e para futuras gerações. O objetivo é analisar a produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira.

Diante desse objetivo, venho, por meio deste, solicitar seu consentimento para a realização de pesquisa no Ambiente Virtual de Aprendizagem do Curso de Letras-Libras, especificamente na disciplina de Literatura Surda, por mim ministrada, com o objetivo de analisar os fóruns, os materiais e a realização dos trabalhos e atividades.

O título do projeto que venho desenvolvendo é "Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira" e o mesmo foi apresentado à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES, em decorrência da demanda do Edital PRÓ-CULTURA Nº 07/2008, sendo aprovado pela Comissão Julgadora do Programa e homologado pela CAPES (DOU 28/09/09, Seção 3, p. 30), conforme Ofício Circular N 077/2009.

Os dados e resultados dessa pesquisa estarão sempre sob cuidado ético, direcionados para a realização de pesquisas. Considerando que em pesquisas anteriores, deparei-me com o fato de que muitos dos participantes, contadores de histórias, preferiam que seus nomes fossem divulgados, abre-se nesta pesquisa essa possibilidade. Em outras palavras, se o participante preferir, poderá ser divulgado o nome do autor do texto, da história que foi contada.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se no decorrer da pesquisa o(a) participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de o fazer, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo.

A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a professora Lodenir Becker Karnopp, que se compromete a esclarecer devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através dos telefones (051) 34639673 (residencial) ou através do email [lodenir.karnopp@ufrgs.br](mailto:lodenir.karnopp@ufrgs.br).

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos da pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu

\_\_\_\_\_  
(NOME COMPLETO)

concordo em participar desta pesquisa.

o meu nome deverá permanecer em sigilo  sim  não  
o meu nome poderá ser divulgado  sim  não

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora – Lodenir Karnopp

\_\_\_\_\_  
(Local e data) \_\_\_\_\_ de 2010.

